



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UFBA
MESTRADO EM FILOSOFIA

**THEODOR ADORNO: A TEORIA ESTÉTICA COMO
PROJETO DE EMANCIPAÇÃO**

JULIO CESAR GOMES SANTOS

SALVADOR-BA

2009

JULIO CESAR GOMES SANTOS

**THEODOR ADORNO: A TEORIA ESTÉTICA COMO
PROJETO DE EMANCIPAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial para obtenção do grau acadêmico de Mestre em Filosofia, sob orientação do Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto.

Salvador
2009

Santos, Julio Cesar Gomes
S237 Theodor Adorno: a teoria estética como projeto de emancipação / Julio Cesar
Gomes Santos. -- Salvador, 2009.
132 f.
Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas, 2009.

1. Estética. 2. Arte. 3. Emancipação. 4. Cultura. I. Adorno, Theodor W., 1903-
1969. II. Couto, Edvaldo Souza. III. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

CDD – 193

TERMO DE APROVAÇÃO

JULIO CESAR GOMES SANTOS

THEODOR ADORNO: A TEORIA ESTÉTICA COMO PROJETO DE EMANCIPAÇÃO

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Filosofia da Universidade Federal da Bahia – UFBA, pela seguinte banca Examinadora:

Prof. Dr. Edvaldo Souza Couto – UFBA
Orientador

Prof^ª. Dr^ª. Rosa Gabriela de Castro Gonçalves – UFBA

Prof. Dr. André Luis Mota Itaparica - UFRB

Salvador, 29 de Abril de 2009

DEDICATÓRIA

Sim, enfim ancorado! Como Ulisses, retorno a doce Ítaca com a sensação de dever cumprido e de inteiramente preenchido (e mudado) por todas as experiências que esse trabalho me proporcionou. Foram vários os ‘remadores’ que se revezaram, contribuindo, ativamente, com seu respectivo incentivo para meu desejo de navegar: Jairo e Jailson (meus queridos irmãos que amo tanto), Izaura Maria (minha grande companheira), Mario e Irene (meus avós), Jamile, meus tios, Ricardo e família (mais do que amigos), Giorgio, Edelberto, Saulo, Soraya, Wagner, Balbino, Josemar, Nadson, Luciano e Bete (secretária do mestrado), Valvir, Ana Meire, Lutília, Lucimar, Andrea, Vinicius, Túlio, Peçanha (e todos os demais colegas de trabalho), Milton, meus alunos da Ufba (todos eles) e, em especial, meus pais – Sr. Felício Valente (in memoriam – saudades) e a Sr^a Emília Gomes, esse trabalho representa o mínimo de gratidão pelo incentivo, dedicação e amor que sempre ofereceram a seus filhos. Essa vitória é para vocês. No entanto, por mais que faça, meu coração diz que nunca será o suficiente. Então vou deixar o barco pronto, porque qualquer hora dessas volto pro mar!

AGRADECIMENTOS

Ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFBA na figura dos ilustres Daniel Tourinho e João Carlos Salles – este último que me recepcionou, dedicou-me sua atenção e me incentivou quando, pela primeira vez, pus meus pés no Mestrado em Filosofia e lá nada e ninguém conhecia. Só trazia meus sonhos e vontade. Obrigado, João.

Ao prof. Dr. Edvaldo Souza Couto, orientador e farol, pela dedicação, paciência e incentivo a continuar em frente; as aulas sobre Benjamin, fantásticas – lhe devo muito. Aos professores André Itaparica e Rosa Gabriela, que no exame de qualificação, por meio de suas sugestões, me (re)conduziram ao caminho correto para o êxito deste trabalho.

A todos os demais professores do programa, em especial aqueles com os quais tive o privilégio do aprendizado dentro e fora da sala de aula: Monclar Valverde, José Crisóstomo, Adriano Correia.

À Mônica Rodamilans, não só pela assessoria, mas pela amizade, pela confiança, pela dedicação. Uma excelente profissional e uma pessoa fantástica. Uma grande mulher. Conhecê-la foi um privilégio.

A filosofia, segundo a única maneira pela qual ela ainda pode ser assumida responsavelmente em face do desespero, seria a tentativa de considerar todas as coisas tais como elas se apresentariam a partir de si mesmas do ponto de vista da redenção. O conhecimento não tem outra luz além daquela que, a partir da redenção, dirige seus raios sobre o mundo: tudo o mais exaure-se na reconstrução e permanece uma parte da técnica. Seria produzir perspectivas nas quais o mundo analogamente se desloque, se estranhe, revelando suas fissuras e fendas, tal como um dia, indigente e deformado, aparecerá na luz messiânica [...] Quanto maior é a paixão com que o pensamento se fecha contra seu condicionamento por amor ao incondicionado, tanto mais inconsciente, e por isso mais fatal, é o modo pelo qual ele fica entregue ao mundo. [...] Até mesmo a sua impossibilidade tem que ser por ele compreendida, a bem da possibilidade. Mas, diante da exigência que a ele se coloca, a própria pergunta pela realidade ou irrealidade da redenção é quase que indiferente.

Theodor W. Adorno
(*Mínima Moralia*)

RESUMO

SANTOS, Julio César Gomes. *Theodor Adorno: a teoria estética como projeto de emancipação*. 132 f. 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

A dissertação sobre o tema “*A Teoria Estética como Projeto de Emancipação de Theodor W. Adorno*” tem como principal objetivo identificar e discutir, na Filosofia de Theodor Adorno, a possibilidade de emancipação do homem a partir de sua teoria estética, que traz a arte como fundamento. Essa teoria se localiza na filosofia adorniana como uma nova e eficaz proposta de formação cultural (*bildung*) da humanidade, buscando a reconciliação entre homem e natureza, a reabilitação do espírito subjetivo e a superação da crise de formação que se instalou no mundo contemporâneo em consequência do projeto regressivo e totalitário do Esclarecimento. Para se chegar à teoria estética como projeto formativo emancipatório foi necessário realizar a leitura dos principais textos de Adorno utilizados nessa dissertação: *Dialética do Esclarecimento* (escrita juntamente com o amigo Max Horkheimer), *Teoria da Semicultura* e *Teoria Estética*, como se fossem escritos e organizados sob o método dialético hegeliano. Esse método também serviu como norte para a estruturação dos capítulos deste trabalho que apresentou a ordem dos temas: o conceito de Esclarecimento; semicultura e a teoria estética. Em todas as outras noções que despontam ao longo dessa dissertação (como a divisão do trabalho, a autoconservação, a semiformação e a indústria cultural) foram expostos os seus respectivos métodos regressivos de conduzir o homem à emancipação e inseridos ao longo dos capítulos como processos formativos regressivos de projetos anteriores que serviram como alicerce para Adorno compor a sua teoria. Essa teoria é uma espécie de síntese do pensamento do filósofo e propõe a (re) estruturação do pensamento humano, da Filosofia e da relação sujeito/objeto, por meio de um modelo de formação cultural privilegiado, por proporcionar ao homem um conhecimento através da dialética, portanto de cunho reflexivo, sem rupturas e imposições de hipóteses filosóficas, não regressando, portanto, ao mito, ou à barbárie totalitária da razão instrumental decorrentes do Esclarecimento.

Palavras-Chave: Emancipação. Arte. Mimesis. Racionalidade. Formação Cultural.

ABSTRACT

The dissertation under the theme “*Theodor Adorno: The Aesthetics Theory as a Project of Emancipation*” has, as its main objective to identify and discuss, in Theodor Adorno’s Philosophy, the possibility of man’s emancipation starting from his Aesthetics Theory, which has Art as its foundation. This theory is lodged in the Adornian Philosophy as a new and efficacious proposal of cultural building up (bildung) of humanity, searching for a reconciliation between man and nature, the rehabilitation of the subjective spirit and overcoming of the construction crisis installed in the contemporary world as a consequence of Enlightenment’s regressive and totalitarian project. In order to arrive at the aesthetics theory as an emancipatory and formative project it was necessary to realize a reading of Adorno’s main texts utilized in this dissertation: *Dialectics of Enlightenment* (written together with his friend Max Horkheimer), *Theory of Semiculture and Aesthetics Theory*, as if they were written and organized under the Hegelian dialectic method. This method also served as a guide for the structuring of the chapters of this work under the following order of themes: the concept of Enlightenment, semiculture and the theory of aesthetics. In all other notions raised in the course of this dissertation (such as the division of work, auto-preservation, semiformalization and the cultural industry), were exposed their respective regressive methods of leading man toward his emancipation and inserted in the course of the chapters as regressive formative processes of previous projects which served as basis for Adorno to compose his theory. This theory is a kind of a synthesis of Philosophy thought, and proposes the re-structuring of human thinking, of Philosophy and of the relationship subject/object, by means of a privileged cultural formation pattern (model), for endowing man with a knowledge through dialectics, therefore of a reflexive nature, without rupturing and imposition of philosophical hypothesis, not returning thus to the myth or to the totalitarian barbarity of the instrumental reasoning (rationality) derived from the Enlightenment.

KEY WORDS: Emancipation. Art. Aesthetics Theory. Rationality. Cultural Formation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
	CAPITULO I	
2	FORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO	15
2.1	EMANCIPAÇÃO, FORMAÇÃO E ESCLARECIMENTO	15
2.2	O ESCLARECIMENTO COMO FORMAÇÃO CULTURAL	19
2.3	A AUTOCONSERVAÇÃO COMO ESCLARECIMENTO	28
	CAPITULO II	
3	SEMIFORMAÇÃO E INDÚSTRIA CULTURAL	46
3.1	<i>HALBBILDUNG</i> - A CULTURA COMO VEÍCULO PARA SEMIFORMAÇÃO	47
3.2	A CULTURA COMO LOTOFAGIA	62
	CAPITULO III	
4	TEORIA ESTÉTICA - A ARTE COMO RECONCILIAÇÃO	88
4.1	A NOÇÃO DE <i>MÍMESIS</i> - A ARTE E A REALIDADE COMO ' <i>IMITATIO</i> '	89
4.2	ARTE E MÍMESIS COMO RECONCILIAÇÃO E EMANCIPAÇÃO	104
5	CONCLUSÃO	125
	REFERÊNCIAS	131

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de dissertação tem como objeto de investigação a teoria estética escrita por Theodor Wiesengrund Adorno. A escolha de tal teoria para análise e discussão torna-se pertinente, uma vez que o principal objetivo deste trabalho é estabelecer um debate acerca da importância do processo de formação cultural para a afloração da consciência humana, ou seja, como meio para a constituição de indivíduos livres e autônomos, capazes de, em coletividade, agir para a transformação social.

A luta do indivíduo em busca de libertação é uma espécie de categoria presente em toda a história da humanidade. Neste sentido, a teoria estética de Theodor Adorno foi desenvolvida, de acordo com seu autor, como plano de emancipação do homem, em oposição ao projeto do Esclarecimento – cujo surgimento coincide e colabora com a implantação e implementação do sistema capitalista –, responsável, a seu ver, por inúmeros efeitos nocivos provocados na educação, na cultura e na política. Se a razão instrumental foi o mote do Esclarecimento para elevar a humanidade a um patamar de soberania frente à natureza, a teoria estética, por sua vez, traz consigo a linguagem mimética presente na arte como redenção a todo fracasso formativo produzido por este projeto, que só levou a humanidade ao caos e à dominação esquizofrênica do real.

A pretensão do Esclarecimento era possibilitar ao indivíduo a existência em um mundo que não lhe oferecesse qualquer tipo de resistência. Para alcançá-la, a estratégia adotada foi levar o homem, através do uso do *logos*, a aproveitar ao máximo sua capacidade de conhecer e de produzir saberes em proveito próprio, a fim de ter em mãos o controle de todas as suas ações e relações possíveis de serem estabelecidas consigo mesmo, com o outro e com a realidade ao seu redor.

Entretanto os resultados obtidos com o Esclarecimento foram opostos a esta pretensão. O que se observou, na verdade, foi o surgimento de um sujeito completamente dependente de uma razão instrumental, que sistematiza o real por meio deste *logos* científico, como em um esquematismo matemático em que a verdade é apenas um elemento a ser produzido e não construído. A progressiva anulação da sua capacidade crítica e o conseqüente crescimento de um estado vegetativo de suas próprias ações proporcionou ao indivíduo o infortúnio de viver em uma sociedade esclarecida cada vez mais técnica e objetiva, completamente desprovida de defesas,

tornando-se um contexto propício para as investidas vitoriosas de políticas totalitárias e ideológicas.

O Esclarecimento, a serviço da criação, difusão e manutenção do mundo capitalista, transformou o burguês em arquétipo de homem esclarecido e bem sucedido e, fazendo uso da alienação, impôs suas propostas de cunho estritamente ideológico. A primeira e mais forte destas propostas foi a divisão social do trabalho, promotora da dicotomia corpo e espírito. Tal divisão representou a raiz escora do Esclarecimento: possibilitou o nascimento de outras raízes/propostas – a autoconservação, a integração, a higienização – e junto com elas formou um feixe tão poderoso que passou a fixar e sustentar o capitalismo, conduzindo a sociedade a um caos sócio-político e cultural e mergulhando a humanidade em um inexorável processo regressivo de constituição do espírito objetivo.

Em direção contrária ao pensamento esclarecido de uso da razão como ferramenta humana para a conquista da sua soberania em relação aos fenômenos naturais, Adorno traz a arte como possibilidade de devolver à humanidade a sua capacidade crítica, sem, contudo, pretender reerguer com ela um muro entre homem e natureza, ou entre o homem e as políticas totalitárias ou entre o homem e ideologias diversas. De acordo com Adorno, o que se almeja com a arte não é separar, não é criar rupturas, mas fornecer ao sujeito condições favoráveis de recuperar a sua inerente aptidão reflexiva, no intuito de instituir uma relação entre o homem e estas instâncias para que ele possa compreendê-las em sua totalidade para garantir sua liberdade de fazer escolhas. Aliás, esta é a diferença primordial entre o Esclarecimento e a teoria estética do filósofo alemão: nesta não há imposições na formação do homem, e, sim, experiências e relações estabelecidas com o mundo real.

Para Adorno, nos dias de hoje, é até difícil imaginar uma época em que homem e natureza, sujeito e objeto conviviam de forma harmoniosa. Mas houve um tempo em que esta consonância esteve presente. O mundo, na sua concepção, naquela época, era projetado, mesmo que com base em manifestações mitológicas, de acordo com as experiências oriundas desta relação. Havia limitações nesta projeção, é certo, uma vez que existia certo respeito que mantinha alguma distância entre sujeito e objeto. No entanto, havia uma magia nessa distância que o Esclarecimento resolveu extirpar, por considerar que a humanidade deveria impor-se diante do desconhecido. No projeto do Esclarecimento não poderia ter no mundo qualquer barreira que servisse de empecilho para o progresso do indivíduo.

Na opinião de Adorno, o homem perdeu-se nessa empreitada proposta pelo Esclarecimento, que visava o progresso a qualquer custo. O indivíduo do mundo administrado abriu mão da sua própria identidade e da sua capacidade de reconhecer-se como agente de construção e transformação da História. A teoria estética surge então como alternativa para a recuperação desse momento harmonioso entre sujeito e objeto, entre o homem e o real que foi perdido com o advento deste projeto de cunho capitalista ideológico. Diante da capacidade da arte em não estabelecer-se pela afirmação – como propunha o Esclarecimento –, mas justamente pela necessidade de constituir-se por meio da negação – sua principal característica e seu verdadeiro papel diante do real – todo o controle ideológico do sistema alucinatório da sociedade esclarecida viria a sucumbir.

A tônica do Esclarecimento é a ruptura entre sujeito/objeto, homem/natureza. Já a proposta da teoria estética adorniana é uma emancipação do homem pela arte – não por si mesma, mas pelo conteúdo que habita o exterior da atividade mimética, mas com o qual esta atividade mantém uma comunicação direta. Assim, para Adorno, é a dialética entre mimesis e racionalidade que tenta reestruturar a capacidade do homem de construir e apreender o conhecimento diante de sua experiência com o real.

Escritos por Adorno, além da *Teoria Estética*, publicada postumamente e considerada por muitos como uma obra inacabada, também fazem parte da bibliografia básica desta dissertação o livro escrito com Horkheimer *Dialética do Esclarecimento* e o texto *Teoria da Semicultura*. Estas obras selecionadas, fundamentais para o alcance do objetivo deste trabalho – que é identificar a teoria estética como projeto de emancipação da filosofia adorniana –, apresentam várias discussões sobre diferentes assuntos como filosofia, arte, psicologia, comunicação, pedagogia e sociologia. Em virtude deste leque de temas diversificados que sempre são abordados pelo autor em seus escritos, e da linguagem densa e complexa, também característica das produções adornianas, recorreu-se também à leitura de vários de seus comentadores, entre eles Jeanne Marie Gagnebin, Rodrigo Duarte, Martin Jay, Márcia Tiburi, Stephen Eric Bronner, Rolf Wieggershaus, Marc Jimenez, Marcos Nobre, Bruno Pucci, Antônio Zuin, Newton Ramos-de-Oliveira, Olgária Matos, Bárbara Freitag, Marcio Seligmann-Silva que repensam, como Adorno, o papel a arte como meio de promover a formação cultural humana visando sua libertação.

Adorno construiu o seu pensamento como uma espécie de denúncia de um sistema político contemporâneo perverso e ideológico – o capitalismo –, mostrando de

que maneira esse sistema interfere diretamente na vida dos homens. Por tratar-se de uma ‘acusação’, Adorno foi muito metuculoso, pois reconstruiu todo um histórico de domínio do homem sobre a natureza, apontando seu caráter regressivo e alienador. Por conta da influência religiosa que sofreu ao longo de sua história de vida, Adorno não quis apenas se debruçar sobre acontecimentos históricos e falhas do passado que culminaram em implicações negativas que perduram até hoje. Ele quis, ou melhor, precisou mostrar uma saída legítima – que não debilitasse ainda mais a humanidade, que não fosse mais uma reformulação, um escape em que não haveria mais rupturas de teorias antigas em detrimento de novas propostas e adaptações – mas sim levasse o homem a criar a sua própria emancipação por meio de um novo contato com o seu espírito subjetivo, despertando, conseqüentemente, o seu caráter reflexivo.

Por compreender que a filosofia de Theodor Adorno é toda ela baseada sob a influência do judaísmo e, conseqüentemente, de uma redenção, esse trabalho de pesquisa, além de enfrentar as dificuldades naturais a qualquer pessoa que se interesse pelos escritos adornianos, traz consigo uma nova provocação, ao menos uma tentativa, de ler o filósofo dentro de uma perspectiva (ou metodologia) da dialética hegeliana.

Nesse sentido, um grande desafio deste trabalho – presente desde a elaboração do projeto de pesquisa até a construção dos capítulos desta dissertação, passando também pela leitura das obras citadas – foi tentar estabelecer certa ordem nas produções do autor. No entanto, o maior desafio foi, sem dúvida alguma, buscar realizar uma leitura sistemática dos escritos de Adorno a partir do modelo hegeliano de dialética: tese, antítese e síntese. A intenção dessa metodologia adotada foi estabelecer uma análise filosófica e histórica tanto das condições sócio-políticas do Esclarecimento, assim como de todas as barbáries causadas pela razão esclarecedora até chegar à teoria estética, que foi a redenção adorniana para o caos do mundo administrado.

Na sua estrutura interna, esta dissertação foi dividida em três capítulos, nos quais foram desenvolvidas temáticas consideradas pertinentes para tornar mais clara a proposta formativa adorniana de libertação da humanidade pela arte, mas sem perder de vista a formação cultural pela razão sugerida pelo Esclarecimento e todas as más conseqüências criadas por este projeto, no intuito de não incorrer nos mesmos erros.

O primeiro capítulo apresentou-se a ‘tese’ da dialética proposta por essa pesquisa e teve como principal leitura a obra, escrita a quatro mãos com o amigo Max Horkheimer, “*Dialética do Esclarecimento*”. Inicialmente explicou-se a opção das traduções para o português dos verbetes em alemão *bildung* e *aufklärung*. Com o

objetivo de promover uma discussão acerca do projeto do Esclarecimento e sua proposta de transferir do mito para o logos a responsabilidade para o alcance do domínio do homem sobre a natureza. Em seguida, descreveu-se como a imposição à humanidade de uma razão planificada, totalizante e universalizadora provocou o fracasso deste projeto. Destacou-se, neste sentido, a autoconservação como proposta de formação do indivíduo de caráter regressivo promovida principalmente pela divisão do trabalho –, utilizando-se para este fim das narrativas de Homero e a figura de Ulisses como protoforma do homem moderno e do uso da astúcia para relacionar-se com a natureza.

O capítulo dois, fundamentado principalmente no texto *Teoria da semicultura* descreveu-se o caos instaurado na sociedade contemporânea pelo Esclarecimento, que se caracterizou como a ‘antítese’ da dialética. Como no capítulo anterior, este também iniciou-se com uma explicação acerca da opção de tradução para o português da palavra alemã *halbbildung*. Logo depois, discutiu-se sobre os conceitos de indústria cultural, semicultura e semiformação, com o intuito de mostrar como a divisão social do trabalho (a autoconservação) e a razão alienadora atingiram em cheio a cultura, promovendo também a sua divisão e o seu esvaziamento, por conta da sua conversão em mercadoria e entretenimento, tirando dela, assim como da pedagogia, a capacidade de emancipar o homem.

No terceiro capítulo surge a redenção para a desordem cultural, o domínio equivocado da natureza e o espírito objetivo da humanidade protagonizados pelo Esclarecimento: a arte, a síntese da proposta dialética de Adorno, que centrou suas forças para a conclusão dessa odisséia no livro “*Teoria Estética*”. Neste último capítulo, descreveu-se e analisou-se as idéias adornianas sobre o papel da arte como reconciliadora de um momento em que o conhecimento humano surgia da relação entre homem e natureza e que foi abandonado pela razão esclarecida em prol do progresso. Também foram expostas noções de arte e mimesis de alguns dos principais filósofos que influenciaram diretamente o pensamento de Adorno com relação à produção artística, visando-se pensar na arte, – por meio da tensão dialética entre ‘mimesis e racionalidade’ – como saída para a regressão causada à humanidade pela razão instrumental.

CAPÍTULO I

2 FORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO

*A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão.
(Adorno & Horkheimer)*

O primeiro capítulo desta dissertação tem como objetivo explicar, de acordo com a Filosofia de Theodor Adorno e Max Horkheimer, sobre a noção de Formação Cultural do indivíduo para fins de sua emancipação. Para essa tentativa foi necessário mostrar o Esclarecimento não como um projeto de emancipação do homem isolado em uma época, mas presente em toda a história da humanidade. Para tanto foram utilizados do livro *Dialética do Esclarecimento* os textos *O conceito de esclarecimento* e o primeiro Excurso: “*Ulisses ou Mito e Esclarecimento*” e outras obras de Adorno como *Teoria da Semicultura* e *Educação e Emancipação* que remontam desde o conceito até a derrocada deste projeto através da imposição de uma razão científica baseada na técnica e na utilidade. Foram utilizados também comentadores como: Matos, Gagnebin, Duarte que versam sobre o mesmo assunto.

O primeiro tópico discute brevemente sobre a opção pelo uso da tradução das palavras *Aufklärung* e *Bildung* por Esclarecimento e Formação Cultural respectivamente, e também sobre a questão da emancipação do homem como um projeto presente em toda a história da humanidade e não só na Europa no século XVIII; A segunda discussão é sobre o conceito de Esclarecimento a partir da visão de Adorno e Horkheimer no texto *O Conceito de Esclarecimento* e como eles analisaram esse projeto de formação da humanidade para uma emancipação superando o mito pelo uso da razão científica; O terceiro e último tópico analisa sobre algumas consequências do erro deste projeto formativo: o burguês como ‘sujeito do Esclarecimento’ que ascendeu política e economicamente criando na humanidade as noções de dominação e de formação através de uma autoconservação pelo trabalho com base na anulação do indivíduo e de suas renúncias.

2.1 EMANCIPAÇÃO, FORMAÇÃO E ESCLARECIMENTO

Na medida em que as noções de *aufklärung* e *bildung* – recorrentes na filosofia de Adorno – são importantes para o desenvolvimento desse trabalho, o intuito deste tópico é, inicialmente, tomando como base as perspectivas de alguns tradutores e comentadores, justificar a escolha pelas palavras esclarecimento e formação como traduções ideais, respectivamente, para tais vocábulos alemães. Em um segundo momento, busca-se, a partir da perspectiva adorniana, explicar de que maneira essas noções, apesar de possuírem significados distintos, se apresentam intimamente amalgamadas a um mesmo objetivo: a emancipação do homem.

A palavra *aufklärung* tem diversos significados na língua alemã: esclarecimento, clareamento, clarificação, ilustração, iluminismo. No nosso país, a obra de Adorno e Horkheimer, *Dialetik der Aufklärung*, foi traduzida pelo professor Guido Antônio de Almeida como *Dialética do Esclarecimento*. No prefácio da edição brasileira, especificamente na Nota Preliminar do Tradutor, Almeida justifica sua opção:

A expressão esclarecimento traduz com perfeição não apenas o significado histórico-filosófico, mas também o sentido mais amplo que o termo encontra em Adorno e Horkheimer, bem como o significado corrente de *Aufklärung* na linguagem ordinária. É bom que se note, antes de mais nada, que *Aufklärung* não é apenas um conceito histórico-filosófico, mas uma expressão familiar da língua alemã, que encontra um correspondente exato na palavra portuguesa esclarecimento, por exemplo em contextos como: *sexuelle Aufklärung* (esclarecimento sexual) ou *politische Aufklärung* (esclarecimento político). Nesse sentido, as duas palavras designam, em alemão e em português, o processo pelo qual uma pessoa vence as trevas da ignorância e do preconceito em questões de ordem prática (religiosas, políticas, sexuais, etc).¹

Em português, o verbo esclarecer significa: aclarar, definir, iluminar, explicar, elucidar, comentar, etc. e o proposto na obra *Dialética do Esclarecimento* é justamente “designar o processo de ‘desencantamento do mundo’, pelo qual as pessoas se libertam do medo de uma natureza desconhecida, à qual atribuem poderes ocultos para explicar seu desamparo em face dela”². O uso da palavra Esclarecimento torna-se, portanto, mais adequado, tanto às pretensões de Adorno e Horkheimer, quanto às nossas durante esse

¹ ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 7.

² *Ibidem*, p. 7-8.

empreendimento, uma vez que o objetivo principal é o de analisar o processo que promove a superação da ignorância e da dúvida presentes na relação do homem com a natureza.

No trabalho de tradução para o português, o radical *bild*, devido à riqueza semântica da língua germânica, se encontra presente em várias expressões: *bild* corresponde à imagem; *bildungskraft* à imaginação; *ausbildung*, desenvolvimento; *bildsamkeit*, flexibilidade ou plasticidade; *vorbild*, modelo; *nachbild*, cópia; *urbild*, arquétipo. Apesar do radical ‘*bild*’ oferecer uma gama de significados, todos eles se referem à expressão *kultur*, cujo correspondente na língua latina é cultura.

A versão equivalente portuguesa da palavra *bildung* é formação. No entanto, este termo alemão, por estar relacionado ao processo de educação ou de civilização de uma sociedade, também mantém – como os vocábulos acima – estreita ligação com a idéia de cultura. Neste sentido, levando em conta o propósito deste trabalho de analisar a cultura como veículo de formação do indivíduo diante da possibilidade de emancipá-lo diante das dúvidas oriundas da sua relação com a natureza, optou-se pela conversão adotada por Newton Ramos-de-Oliveira que, ao transpor para o português o texto de Adorno *Teoria da Semicultura*, utilizou a expressão formação cultural como tradução do vocábulo alemão *bildung*.

Formar culturalmente o indivíduo é fornecer a ele ferramentas para emancipar-se, para tornar-se soberano diante da natureza, como propunha o Esclarecimento. Mas qual seria o verdadeiro significado da emancipação do homem? Abbagnano define o seu significado de Emancipação:

Processo de libertação da humanidade em relação a qualquer tipo de vínculo religioso, político, econômico, etc. que impeça sua realização. O ideal da emancipação caracteriza movimentos díspares como o iluminismo, o marxismo, o positivismo etc [...] É argumentada de modos diferentes, de acordo com aquilo que chamamos de filosofias da história, ou seja, as grandes narrativas a partir das quais se tenta organizar a multidão de eventos: a narrativa *aufklarere* [iluminista] da Emancipação da ignorância e da escravidão através do conhecimento e do igualitarismo [...], a narrativa marxista da Emancipação da exploração e da alienação através da socialização do trabalho, a narrativa capitalista da Emancipação da pobreza através do desenvolvimento técnico-industrial”³.

Abbagnano diz que o ato de emancipar o homem está sempre presente na humanidade. Ele se refere as ‘grandes narrativas’ históricas como grandes

³ ABBAGNANO, *Nicola*. **Dicionário de filosofia**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, p.362.

acontecimentos a exemplo do marxismo, positivismo e do próprio Esclarecimento que tenham como objetivo a superação de valores ideológicos que forneçam ao homem condições de melhor estabelecer-se diante do real.

Em outras palavras, todas as vezes que a humanidade se vê impedida de se realizar, inicia-se um processo de organização de idéias e eventos no intuito de tornar o sujeito livre de qualquer grilhão ideológico. Nesse sentido, é possível afirmar que o processo de emancipação do homem não pode ser reduzido a um fato histórico isolado, a exemplo do Esclarecimento ocorrido na Europa no século XVIII. Emancipar a humanidade é romper com qualquer vínculo que o indivíduo possa ter com qualquer instituição ou ideologia que comprometa a sua soberania na sua relação com o real. Emancipar é dar liberdade ao homem para agir politicamente ou socialmente.

Adorno, no entanto, vê a emancipação muito além de uma organização de uma narrativa de eventos. Em um texto de 1969, intitulado *Educação – Para Quê?*⁴, ao ser indagado por Hellmut Becker sobre o significado da formação do homem através da cultura (educação) com o objetivo de emancipá-lo, Adorno responde:

A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar a minha concepção inicial de *educação*. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a *produção de uma consciência verdadeira*. Isto seria inclusive da maior importância política; sua idéia se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado.⁵

De certa forma, Adorno critica a noção de emancipação apenas como ‘*transmitir conhecimentos*’ como resume, por exemplo, Abbagnano. Nesse fragmento é importante perceber que a palavra educação assume a função até agora dada à cultura. Assim a educação (cultura) para Adorno fornece a verdadeira emancipação do homem que é a produção de uma nova e verdadeira consciência e essa nova consciência é a possibilidade de levar o indivíduo a uma melhor participação e domínio na natureza. Essa consciência verdadeira é aquela que dá a capacidade ao homem de conhecer e

⁴ ADORNO, Theodor. *Educação – Para Quê?* In.: _____. **Educação e emancipação**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995. p.139-154.

⁵ *Ibidem*, p. 141.

transformar o meio em que vive e não somente sistematizar a sua realidade e substituir conceitos. A própria construção de uma verdadeira política depende de um homem capaz de atuar autonomamente na sociedade através de sua consciência emancipada, mas sem perder a capacidade de estabelecer relações e construir experiências dentro dela.

Por esse motivo é que Adorno e Horkheimer, no livro *Dialética do Esclarecimento*, analisam a proposta de emancipação iluminista apenas como uma narrativa de eventos e substituição de conceitos. É necessário, portanto, avaliar como se construiu esse projeto de emancipação do indivíduo no Esclarecimento, para que se possa entender como se estabeleceu a crítica de Adorno (em seus outros escritos) a este tipo de formação cultural que forma homens e não consciências verdadeiras, bem como atentar para os equívocos criados a partir dessa nova noção de relação com a natureza. É o que será exposto a seguir.

2.2 O ESCLARECIMENTO COMO FORMAÇÃO CULTURAL

O objetivo desse tópico é demonstrar como Adorno e Horkheimer, no seu texto *O Conceito de Esclarecimento*, explicam a consolidação da noção de Formação Cultural da humanidade no Esclarecimento em busca de uma emancipação a partir da superação do mito pelo *logos*.

Para tanto, serão privilegiadas discussões em torno de temas como a idéia de Esclarecimento, o papel do mito nas sociedades, além da relação deste com a racionalidade, considerados fundamentais por Adorno e Horkheimer, uma vez que, na visão desses autores, a inter-relação entre eles resultou na instrumentalização da razão, apontada como responsável pelo fracasso do projeto do Esclarecimento.

O primeiro parágrafo traz uma definição clara da consistência do projeto de formação do homem para uma emancipação no Esclarecimento.

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. [...] O programa do esclarecimento era o

desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber⁶.

Nessa definição, Adorno e Horkheimer assinalam tanto o plano de ação do Esclarecimento, assim como o objetivo do homem emancipado e também o inimigo a ser vencido. O plano de ação refere-se à elevação do homem à posição de senhor absoluto, retirando dele qualquer dúvida ou medo na sua relação com a natureza (sujeito e objeto).

O objetivo dessa investida seria o de ‘desencantar’ o mundo para o estabelecimento desse novo ‘senhor’. É importante ressaltar que o termo desencantar, na visão dos autores, significa a ação de retirar todo o ‘feitiço’ que é resultado da relação do homem com um mundo desconhecido e poderoso que sempre se impõe a ele.

Quanto ao inimigo do homem, o oponente que tem que ser subjogado é aquele que nasce e cresce da sombra desse encantamento entre o homem impotente e a natureza imponente: os mitos.

No texto *O Conceito de Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer recorrem a existência e a potência dos mitos desde a época clássica, com Platão e Aristóteles, explicando a sua importância para essas sociedades mais antigas como forma encontrada pelo homem para estabelecer uma relação com a natureza desconhecida. Os mitos, de certa forma, possuíam um lugar específico na formação do homem na Antigüidade e, apesar de conservar alguma distância entre sujeito e objeto, ajudavam a manter viva essa relação, mesmo sendo de forma alegórica. A função dos mitos era de:

Relatar, denominar, dizer a origem, mas também de expor, fixar, explicar. Com o registro e a coleção dos mitos, essa tendência reforçou-se. Muito cedo deixaram de ser um relato para se tornarem uma doutrina. Todo ritual inclui uma representação dos acontecimentos bem como do processo a ser influenciado pela magia. Esse elemento teórico do ritual tornou-se autônomo nas primeiras epopéias dos povos.⁷

Os mitos tinham, segundo os autores, o papel de demonstrar e de materializar o desconhecido para o homem. No entanto, a nuvem da dúvida e do medo tornou-se espessa demais e as narrativas – que tinham a finalidade de explicar o mundo, trazendo

⁶ ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. *O Conceito de esclarecimento*. In: **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.19.

⁷ *Ibidem*, p.23.

a ilusão ao homem de compreensão do real – voltam-se, mais uma vez, sobre ele, dominando-o e sendo determinante ao conduzir a sua forma de pensar e servindo como fundamento para a construção do conhecimento nas sociedades mais antigas. O mito tornou-se autônomo, fazendo com que a natureza se tornasse ainda mais poderosa frente à humanidade. Esse poder do mito, na verdade, foi concedido pelo próprio homem ao dotá-lo de características como o animismo, o hilozoísmo e o antropomorfismo* – ou seja, o ser humano projetando para a natureza características singulares a suas pulsões.

Assim, a emancipação que o Esclarecimento pretendia levar ao homem seria, justamente, livrá-lo das dúvidas e do medo diante da natureza que, ao ser desencantada, o alçaria à posição de senhor na sua relação com o real. Mas qual arma deveria ser utilizada nesse confronto com o mito?

Apesar de seu alheamento à matemática, Bacon capturou bem a mentalidade da ciência que se fez depois dele. O casamento feliz entre o entendimento humano e a natureza das coisas que ele tem em mente é patriarcal: o entendimento que vence a superstição deve imperar sobre a natureza. O saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo [...] de agora em diante, o ser se resolve no logos⁸.

O objetivo do Esclarecimento era o de utilizar o modelo científico-matemático a fim de sistematizar a natureza para que esta pudesse ser eficazmente demonstrada e, conseqüentemente, submetida aos homens, que agora se encontrariam na condição de senhores - soberanos frente à natureza, a qual, então, subjugariam. Afinal, o “que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa”⁹.

O logos (razão) seria a ferramenta utilizada para instituir o homem como senhor da natureza. O mito nasce, sobretudo, do medo do homem com relação às ameaçadoras forças naturais. Para Adorno e Horkheimer, o homem sempre quis estabelecer uma relação de domínio sobre a natureza. Para isso, dotou-a de características antropomórficas**, no intuito de se sentir mais seguro diante do desconhecido, criando

* *Animismo*: crença de que tudo que é natural é animado (possui vida); *Hilozoísmo*: crença de que a matéria vive por si mesma; *Antropomorfismo*: quando se atribui características humanas a tudo que não é humano.

⁸ ADORNO Theodor; HORKHEIMER, Max. *O Conceito de esclarecimento*, p.20-22.

⁹ *Ibidem*, p.20.

** Essas características antropomórficas são visíveis quando se observa, por exemplo, a figura dos Deuses. Tinham forma de mortais, mas com poderes sobre-humanos, incalculáveis. Imortais e de muita

assim uma ‘falsa projeção’. Na realidade, o homem nunca quis manter uma relação com o real, mas, sim, dominá-lo. A emancipação proposta pelo Esclarecimento seria a de libertar o homem dessa prisão que ele mesmo criou, extirpando tanto o mito, como tudo o mais que trouxesse dúvida ao homem em sua relação com o objeto. A formação do homem aconteceria através da razão que, por sua vez, o elevaria à condição de soberano.

Adorno e Horkheimer explicam como o *logos* agiria contra os mitos. Teria que ser um tipo de projeto formativo que fosse, de certa forma, tão doutrinário quanto os mitos foram. Mesmo porque “só o pensamento que faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos¹⁰. A razão científico-matemática daria ao homem, ao mesmo tempo, tanto a possibilidade de renovar essa ligação com o real, através de uma nova hierarquia, assim como a perspectiva de controle sobre o próprio homem, pois o Esclarecimento trouxe à tona a noção de que *poder e conhecimento são sinônimos*¹¹. Segundo os autores, este projeto emancipatório deu também um novo significado à ciência, ao afirmar que “ela própria não tem consciência de si, ela é um instrumento, enquanto o esclarecimento é a filosofia que identifica a verdade do sistema científico”¹².

Na perspectiva crítica de Adorno e Horkheimer, nada escapa à ação do Esclarecimento e à sua busca pela emancipação do homem. E essa busca pela emancipação sempre esteve presente em toda a história como, por exemplo, quando citam figuras mitológicas presentes na Grécia clássica depois substituídas pelo saber filosófico. Nesse caso tudo aquilo que não pudesse ser explicado racionalmente servia como barreira diante do homem colocando-o como hierarquicamente inferior diante da natureza. Ou seja, tudo que não tivesse uma relação ou uma resposta direta e ligada ao homem e no homem. Emancipar-se da dúvida é uma atividade sempre presente na história da humanidade independentemente de sua origem seja ela natural, cultural, política, religiosa. O Esclarecimento apenas ratifica o desejo de superação, de

inteligência seriam justamente o oposto do homem. E justamente por terem concedido ‘esses poderes’ aos Deuses o que era para tornar-se uma conexão e domínio com o desconhecido retorna ao homem para dominá-lo. Na *Dialética do Esclarecimento* Adorno e Horkheimer utilizam a figura de Ulisses para demonstrar esse antropomorfismo.

¹⁰ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *O Conceito de esclarecimento*, p.20.

¹¹ Ibidem, p.20.

¹² ADORNO, Theodor Wiesengrund, HORKHEIMER, Max *Excursus II – Juliette ou Esclarecimento e Moral*. In: _____ **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.84.

emancipação presente na humanidade da mesma forma que a sua história é uma história de superação e de mudanças constantes. Escrevem:

Mas, enquanto todas as mudanças anteriores (do pré-animismo à magia, da cultura matriarcal à patriarcal, do politeísmo dos escravocratas à hierarquia católica) colocavam novas mitologias, ainda que esclarecidas, no lugar das antigas (o deus dos exércitos no lugar da Grande Mãe, a adoração do cordeiro no lugar do totem), toda forma de devotamento que se considerava objetiva, fundamentada na coisa dissipava-se à luz da razão esclarecida¹³.

Nesse ponto é possível considerar como acertada a idéia de Adorno e Horkheimer de que *o esclarecimento é totalitário*¹⁴, na medida em que ambos observam que tudo aquilo que se coloca como obstáculo ao homem na sua relação com a natureza, ou tudo o que sirva como entrave ao desenvolvimento científico aparece apenas como mais um campo de atuação do Esclarecimento. É dessa maneira que estes autores consideram, de certa forma, que a religião sempre se constituiu como uma barreira ao avanço do progresso científico do Esclarecimento, por se apresentar também como veículo de formação do homem, medindo, assim, forças com a ciência.

A partir de uma análise mais aprofundada, pode-se perceber que o poder do Esclarecimento era tão grande que os próprios elementos da religião foram também sistematizados cientificamente, na intenção de tornarem-se hierarquicamente inferiores ao homem. Para tanto, como destacam Adorno e Horkheimer:

[...] o monoteísmo, sobretudo, em sua forma corrompida, o cristianismo, se transformou transparente como mitologia [...]. Cada um dos dez mandamentos vê comprovada sua nulidade perante a instância da razão formal¹⁵.

O Esclarecimento precisa ser tão doutrinário como os mitos o foram. Se quiser ter êxito no seu objetivo de emancipar o homem, precisa ser totalitário e tudo tem que obedecer ao critério do cálculo e da utilidade e aquilo que consegue escapar dessa ação, em uma realidade ordenada sob a égide dessa razão totalitária, torna-se suspeito. O mundo torna-se um número e apenas dessa forma é possível envolvê-lo em uma

¹³ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Excursão II – Juliette ou Esclarecimento e Moral*, p. 91.

¹⁴ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *O Conceito de esclarecimento*, p.22.

¹⁵ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Excursão II – Juliette ou Esclarecimento e Moral*, p. 108-109.

representação de calculabilidade. “Aquilo que não se reduz a números e, por fim, ao uno, passa a ser ilusão”¹⁶. Nada pode escapar desse enlace matemático. A natureza, fonte de medo para o homem, agora surge como uma matéria pronta para ser classificada em categorias.

A mitologia só conhece o espírito na medida em que está imerso na natureza, como potência natural [...]. O esclarecimento, ao contrário, repõe toda coerência, sentido, vida, dentro da subjetividade que só vem a se constituir propriamente nesse processo de reposição. A razão é para ele o agente químico que absorve a própria substância das coisas e a volatiliza na pura autonomia da própria razão. Para escapar ao medo supersticioso da natureza, ele pôs a nu todas as figuras e entidades objetivas [...] Toda força da natureza reduziu-se a uma simples e indiferenciada resistência ao poder abstrato do sujeito.¹⁷

Adorno e Horkheimer perceberam que a proposta de formação do Esclarecimento só poderia obter resultados satisfatórios em seu projeto emancipatório se realmente primasse pela ‘violência’, através de uma espécie de reestruturação do pensamento e do conhecimento, a partir de uma perspectiva em que o homem não tivesse que enfrentar nenhum obstáculo para estabelecer-se e que o mundo pudesse ser demonstrado facilmente e sem a angústia gerada pela dúvida e pelo medo. O real precisa ser convertido em unidade, onde não existam mais substâncias, e, sim, padrões objetivos para um uso científico. O real passa a ser uma unidade sistematizada e previsível, ligada integralmente ao utilitarismo.

O esclarecimento é totalitário como qualquer outro sistema. Sua inverdade não está naquilo que seus inimigos românticos sempre lhe censuraram: o método analítico, o retorno aos elementos, a decomposição pela reflexão, mas sim no fato de que para ele o processo já está decidido de antemão. Quando, no procedimento matemático, o desconhecido se torna incógnita de uma equação, ele se vê caracterizado por isso mesmo como algo de há muito conhecido, antes mesmo que se introduza qualquer valor. A natureza é antes e depois da teoria quântica, o que deve ser apreendido matematicamente.¹⁸

Apesar de todo rigor do Esclarecimento em reconstruir a relação entre sujeito e objeto e extirpar os mitos do convívio do homem, Adorno e Horkheimer apontaram como principal causa do processo de insucesso deste processo de emancipação certa

¹⁶ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *O Conceito de esclarecimento*, p.23.

¹⁷ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Excursão II – Juliette ou Esclarecimento e Moral*, p.88.

¹⁸ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *O Conceito de esclarecimento*, p.37.

vinculação entre esses dois opostos. De certa forma, o mito serviu como protoforma da racionalidade científica. Eles tentaram demonstrar, na *Dialética do Esclarecimento*, a dimensão em comum entre razão e mito, comprovada com a noção de domínio do real que transformou o projeto de emancipação em um novo mito. “Cada resistência espiritual que ele encontrava serve apenas para aumentar a sua força. Isso se deve ao fato de que o esclarecimento ainda se reconhece a si mesmo nos próprios mitos.”¹⁹

De acordo com os autores, mito e Esclarecimento podem ser representados em uma mesma esfera da relação distante entre o homem e a natureza, onde a noção de domínio proporcionou não uma ruptura, mas um continuísmo entre esses. O Esclarecimento foi estabelecido sobre falsas condições, pois:

[...] os mitos que caem vítimas do esclarecimento já eram o produto do próprio esclarecimento. No cálculo científico dos acontecimentos anula-se a conta que outrora o pensamento dera, nos mitos, dos acontecimentos.²⁰

O Esclarecimento como totalidade é oriundo, segundo Adorno e Horkheimer, da esquizofrenia do poder da dominação. O denominador comum entre o mito e o Esclarecimento é o próprio homem. O antropomorfismo, supostamente, daria lugar ao antropocentrismo, onde toda aferição da balança tende para o humano, resultando, conseqüentemente, em um novo antropomorfismo.

Nesse sentido, pode-se concluir que para o Esclarecimento, o mundo não passa de um instrumento do humano. A natureza foi transformada em um sistema organizado em categorias fixas – que atendem à sua necessidade como em um processo de utilidade contínua – e tudo que foge ao controle dessa ação é posto em um plano obsoleto.

No texto *O Conceito de Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer criticam o domínio totalitário do Esclarecimento ao observar que todo aquele dado que imediatamente não pode ser submetido ao controle necessita ser avaliado pela razão, devido à postura dependente do homem ‘esclarecido’ em sempre aguardar da ciência uma resposta definitiva sobre o critério de verdade ou de utilidade desta mesma hipótese. Explicam que “até mesmo aquilo que não se deixa compreender, a

¹⁹ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *O Conceito de esclarecimento*, p.22.

²⁰ *Ibidem*, p.23.

indissolubilidade, a irracionalidade, é cercado de teoremas matemático"s”²¹. É como se fosse necessário que a ciência compreendesse o incompreensível e nominasse o inominável antes de dar a sua chancela, como forma de demonstrar a sua dimensão de poder. Da mesma forma que o mito, o Esclarecimento falsamente promove um mundo de unidade, em que as relações opostas à existência humana são sistematizadas e apaziguadas, presumindo um domínio da natureza.

‘Presumir um domínio’ enquadra-se nas mesmas noções que Adorno e Horkheimer chamaram, de ‘falsas condições’ e ‘representatividade específica’. Sob a luz da razão, a natureza não possui mais autonomia e o Esclarecimento confere a ela características que são próprias do ser humano. Em outras palavras, a razão emancipadora dota a natureza de pulsões humanas para que seja mais fácil imaginar uma autoridade e demonstrar maior controle sobre ela. E por se estabelecerem essas falsas condições de relação com o real que para eles fica configurado como um novo mito. Segundo Adorno e Horkheimer, as ‘falsas condições’ determinam que a Formação proposta pelo Esclarecimento foi edificada não por uma ruptura, mas por uma associação de novos mitos.

Motivado por essas falsas condições a análise crítica de Adorno e Horkheimer sobre a experiência formativa no projeto do Esclarecimento recai, sobretudo, na associação entre razão e mito. E uma dessas associações se configura na noção de que o homem como medida absoluta da relação com a natureza anula completamente a possibilidade de se estabelecer uma experiência com essa mesma, o que contribui para que essa nova relação torne-se mitológica também.

No início do texto *O Conceito de Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer fazem também uma crítica à idéia contida no pensamento de Francis Bacon de que a razão que vence os mitos deve imperar também sobre todo o resto, sem encontrar nenhum obstáculo, na medida em que a ciência é maior do que o próprio homem e que o mundo deve ser visto como ‘lugar da ciência’. A crítica é sobre ver o mundo apenas sob esse prisma o que configura um progresso técnico-científico motivado apenas pelo caráter de controle e poder – é a ciência como poder. A ciência aliada ao uso técnico da razão produziram ferramentas ao homem que, ao invés de proporcionar o seu bem-estar, evidenciaram a sua total dependência deles e mais uma vez o preço, sempre alto a se pagar, é de submissão ao modelo científico de todas as pulsões humanas e

²¹ Ibidem, p.37.

principalmente a ausência da experiência diante dessa nova realidade. O Esclarecimento tornou a ciência em um novo mito.

Para esses filósofos, o Esclarecimento se reconhece no mito, pois foi criado a partir dele.

Do mesmo modo que os mitos já levam cabo do esclarecimento, assim também o esclarecimento fica cada vez mais enredado, a cada passo que dá na mitologia. Todo conteúdo ele recebe dos mitos, para destruí-los, e ao julgá-los, ele cai na órbita do mito [...] No mito, tudo o que acontece deve expiar uma pena pelo fato de ter acontecido. E assim continua no esclarecimento: o fato torna-se nulo, mal acabou de acontecer.²²

A ligação entre o mito e o Esclarecimento se dá também pelo método como opera a razão. Para ‘converter’ o conteúdo mitológico em científico, e obter êxito nessa empreitada, a razão precisa ingressar na dimensão dos mitos para poder absorver o seu conteúdo na sua essência modificando-o integralmente.

Depois de ser convertida em padrão científico, a razão retorna a sua ‘posição original’ trazendo consigo um ‘produto novo’ que torna sujeito e objeto totalmente nulos pela ausência de uma relação entre eles. Com isso o que seria considerado como objetivo conquistado pelo Esclarecimento torna-se lamento, pois o homem passa a dedicar-se apenas aos dados imediatos que se apresentam a sua percepção fazendo conseqüentemente com que toda pretensão ao conhecimento reflexivo seja abandonado por não caber nessa proposta de formação universalizadora. O ‘novo’ é pura cópia do que se apresentou anteriormente. Por isso Adorno e Horkheimer denunciam que,

[...] o conhecimento restringe-se à sua repetição, o pensamento transforma-se na mera tautologia. Quanto mais a maquinaria do pensamento subjuga o que existe, tanto mais cegamente ele se contenta com essa reprodução. Desse modo, o esclarecimento regride a mitologia.²³

A emancipação, através da técnica, não só atingiu toda a humanidade em um sentido universal, como também significou a subordinação da maior parte dessa humanidade à condição de um incessante estado tautológico. Como se todo comportamento humano regredisse a uma esfera de imutabilidade. Não existe experiência e só há lugar para a repetição. A própria noção de verdade no

²² ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *O conceito de esclarecimento*, p.26.

²³ *Ibidem*, p.39.

Esclarecimento está convertida em sinônimo de lógica matemática. Nada mais é desconhecido, tudo pode ser explicado ou demonstrado. Mas o conhecido carece de sentido.

O homem torna-se um estranho na natureza que tanto tentou dominar. A sociedade se apresenta como uma imensa teia tecida com fios de pura ideologia onde o saber e todo veículo de formação tornam-se uma ferramenta de poder e de controle. No entanto esse poder e controle não estão ao alcance de todos e Adorno e Horkheimer denunciam na *Dialética do Esclarecimento* que a razão que tornaria o homem senhor diante da natureza, serviu como mola propulsora para a ascensão política e econômica da classe burguesa, a partir do avanço do capitalismo. Ao homem restou sobreviver a essa nova forma de mito, em que a formação, cada vez mais técnica e ausente de experiência, tem sua aplicabilidade direcionada ao âmbito do trabalho. E o trabalho, por sua vez, torna-se um veículo institucionalizado de formação do indivíduo, despertando na sociedade utilitária a noção de autoconservação como única possibilidade de sobrevivência no mundo administrado. E essa importante noção que surge na *Dialética do Esclarecimento* como modelo de formação do homem, que será brevemente avaliada no tópico seguinte.

2.3 A AUTOCONSERVAÇÃO COMO ESCLARECIMENTO

O propósito deste tópico será analisar, nos textos *Conceito do Esclarecimento e (Excurso I) Ulisses ou Mito e o Esclarecimento*, a noção de autoconservação, apontada por Adorno e Horkheimer como a consequência mais negativa do processo de emancipação idealizado pelo Esclarecimento.

De acordo com a percepção destes autores, a autoconservação está na origem de outras grandes barbáries deste plano de emancipação que também serão discutidas neste tópico: o estabelecimento da classe burguesa e da ciência como pilares de uma sociedade utilitarista e a afirmação do trabalho como veículo de formação do homem esclarecido. Para ilustrar sua posição, Adorno e Horkheimer recorrem às narrativas de Homero, centradas na figura de Ulisses.

Em *O Conceito de Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer expõem o significado e a finalidade deste empreendimento e explicam o motivo pelo qual tal projeto não obteve sucesso. Na sua visão, o conjunto de métodos e medidas adotados com o intuito de levar o homem ao domínio técnico dos fenômenos naturais, a partir do uso da razão, não conseguiu seu intento de emancipação, porque o Esclarecimento desconsiderou o controle que os mitos já exerciam sobre a humanidade no seu duelo contra a natureza.

Conforme destacam Adorno e Horkheimer, o poder dos mitos era tão exacerbado que, mesmo sendo protagonista de um complexo projeto de formação para toda a humanidade, o logos não teve força suficiente para adquirir uma necessária autonomia e viu-se enredado à influência de seu opositor. Na visão dos autores, a questão do emaranhamento entre mito e Esclarecimento está no âmago de tal projeto emancipatório, porque, ao tentar estabelecer a relação entre homem e natureza, o Esclarecimento padronizou o real para que nada pudesse fugir do controle da razão e do seu poder de transformar tudo sob a ótica do utilitarismo. O efeito desta padronização foi que o próprio pensamento tornou-se uma ferramenta estática, imóvel, a verdade foi reduzida ao resultado de uma equação matemática e a realidade passou a ter uma autonomia distante da dimensão humana – exatamente como aconteceu com os mitos na natureza.

A vontade ou necessidade de controle da natureza tornou-se uma espécie de perseguição esquizofrênica da modernidade que, ocasionada por uma razão reduzida à condição de instrumento, teve na palavra domínio o seu norte. Como ressaltam Adorno e Horkheimer, o domínio não contemplou apenas o mítico, ao contrário, passou a pertencer à dimensão social em todos os seus níveis.

No mundo esclarecido, a mitologia invadiu a esfera profana [...] O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele com algo objetivo.²⁴

De acordo com os filósofos, o Esclarecimento é totalitário, pois abrange toda a sociedade através do esquema da técnica. Eles denunciam que enquanto o “animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas”²⁵, e, a partir

²⁴ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *O conceito de esclarecimento*, p.40.

²⁵ *Ibidem*, p.40.

desta denúncia, explicam: o animismo, um dos focos a se combater na esfera dos mitos, ressurgiu no Esclarecimento, admitindo-se a noção de que faz parte da natureza humana ‘conceder vida’ a tudo que é fora do humano; a razão, de quem se esperava autonomia diante dos fenômenos naturais, acabou por se converter em mito e, neste processo, adquiriu uma ‘alma’ que viria a determinar seu próprio fracasso – a razão instrumental, um inimigo muito maior a se combater, o qual o industrialismo tratou de tornar universal.

Com todos os avanços que proporcionou, o progresso industrial, ao solidificar a noção de razão como ferramenta, materializou o demônio em corpo e alma. Neste momento, já está tramado um sistema, bastante complexo, de controle total sobre todas as áreas da atividade humana: política, econômica, educacional, cultural, produção e consumo e, acima de tudo, comportamental. O que partiu da idéia de emancipação, presente em toda a história da humanidade, e, através da formação cultural, da vontade de submeter a natureza ao homem, parece que, com o Esclarecimento, atingiu o seu ápice. A idéia de domínio foi elevada a um grau inconcebível e habilmente recrutada e adaptada pela ideologia de controle social mascarada pelo progresso técnico.

O aparelho econômico, antes mesmo do planejamento total, já provê espontaneamente as mercadorias dos valores que decidem sobre o comportamento dos homens. A partir do momento em que as mercadorias, com o fim do livre intercâmbio, perderam todas as qualidades econômicas salvo seu caráter de fetiche, este se espalhou como uma paralisia sobre a vida da sociedade em todos os seus aspectos. As inúmeras agências da produção em massa e da cultura por ela criada servem para incutir no indivíduo os comportamentos normalizados como os únicos naturais, decentes, racionais. De agora em diante, ele só se determina como coisa, como elemento estatístico, como *sucess or failure*.²⁶

Adorno e Horkheimer pensam que a técnica inegavelmente trouxe progresso em relação a tudo que é exterior ao homem. Entretanto, como a citação mostra, no contexto da sociedade industrializada, o progresso e a economia andam amalgamados, passando a mercadoria a comandar a vida dos homens. O objeto produzido e comercializado não tem mais a dimensão de simples valor de troca econômica e o homem deste novo contexto, completamente desprovido de capacidade crítica, passa, mais uma vez, a executar o processo anímico, dando vida e alma à mercadoria, criando o seu fetiche.

Aqui, o problema de domínio da natureza continua presente, só que pela esfera do lucro. A técnica trouxe o progresso, este acarretou o avanço do capital que, por sua

²⁶ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *O conceito de esclarecimento*, p.40.

vez, carrega consigo a ilusão da possibilidade humana de sobreviver às adversidades do mundo através da conquista econômica. Os galpões, fornos e esteiras das fábricas não possuem, apenas, a capacidade de invenção de produtos, mas, principalmente, oferecem a noção completamente equivocada de servir como veículo de formação do indivíduo na modernidade. Nas indústrias não são produzidas apenas mercadorias, mas também a alienação dos homens sob a perspectiva de domínio do real. A vida, o comportamento e as relações do homem consigo mesmo e com seus pares são mediados pela noção da dualidade do sucesso ou do fracasso econômico.

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das relações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo.²⁷

Adorno e Horkheimer chamam a atenção de que com a razão instrumental, aliada ao advento da industrialização, a natureza nunca esteve tão distante da realidade humana. O que, antes, era determinado pela figura do domínio, agora é mediado pelo espírito da conservação. Assim, o homem, dotado de uma razão instrumental e mergulhado em um mundo totalmente dominado pela técnica e pelo utilitarismo, fica subordinado ao que lhe resta: a sobrevivência.

Nesse sentido, Adorno e Horkheimer mostram que o padrão humano “[...] é a autoconservação, a assemelhação bem ou malsucedida à objetividade da sua função e aos modelos colocados para ela”²⁸. O homem precisa sobreviver e necessita autoconservar-se diante do real e diante do outro homem. A relação entre sujeito e natureza não mais existe, porque não há mais a obrigação de se estabelecer qualquer tipo de experiência. Observa-se uma mudança de paradigma de domínio da natureza para sobrevivência à natureza – esta instância outra vez se impõe e regressa novamente à condição mitológica.

Segundo Duarte no seu texto *Adorno Marxista*, a noção de autoconservação foi inculcada na humanidade, por ser possível hierarquizar todos os aspectos e categorias do conhecimento e inteligência humana, de acordo com sua proximidade com esta noção. Em outras palavras, a hierarquia entre os produtos da inteligência humana se estabelece a partir da sua eficácia em oferecer ao homem condições de se autoconservar diante do

²⁷ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *O conceito de esclarecimento*, p.40.

²⁸ *Ibidem*, p.40.

real, transformando, assim, a ciência no fundamento do mundo esclarecido. Adorno e Horkheimer escrevem sobre o tripé autoconservação, ciência e economia:

O sistema visado pelo esclarecimento é a forma de conhecimento que lida melhor com os fatos e mais eficazmente apóia o sujeito na dominação da natureza. Seus princípios são o da autoconservação. A menoridade revela-se como incapacidade de conservar a si mesmo. O burguês nas figuras sucessivas do senhor de escravos, do empresário livre e do administrador é o sujeito lógico do esclarecimento. [...] Mas ao mesmo tempo, a razão constitui a instância do pensamento calculador que prepara o mundo para os fins da autoconservação e não conhece nenhuma outra função senão a de preparar o objeto a partir de um mero material para subjugação. A verdadeira natureza do esquematismo, que consiste em harmonizar exteriormente o universal e o particular, o conceito e a instância singular, acaba por se revelar na ciência atual como o interesse da sociedade industrial.²⁹

Além de instituir a ciência como pilar da sociedade utilitarista, é possível observar, a partir das análises de Adorno e Horkheimer, que a noção de autoconservação trouxe um outro problema para o Esclarecimento: a consolidação da burguesia no poder.

Ao refletir sobre a relação entre sociedade capitalista e Esclarecimento, Adorno e Horkheimer trazem à tona a idéia de que o Esclarecimento é, na verdade, uma proposta de formação cultural que atende tão somente aos interesses da burguesia, demonstrando que foi para esta classe que a calculabilidade e o utilitarismo geraram maiores benefícios. Apontando o burguês como a figura central do ‘mundo administrado’ e o ‘sujeito universal’(proletário) como aquele que visa apenas autoconservar-se, além de ter, acerca do trabalho, uma perspectiva equivocada de formação, Adorno e Horkheimer denunciam que, neste modo de produção e também neste projeto de emancipação, o burguês encontrou solo fértil para o seu sucesso político e econômico, uma vez que não tem que se preocupar com conflitos ou qualquer outro tipo de manifestação social, na medida em que, diante das relações trabalhistas estabelecidas pelo capitalismo e ratificadas pelo Esclarecimento, não se espera do ‘sujeito universal’ nada mais do que obediência.

De acordo com Adorno e Horkheimer, o Esclarecimento criou a noção de autoconservação, ampliou e constantemente estimulou a necessidade humana de domínio sobre o real a fim de proporcionar benefícios econômicos e políticos para uma determinada classe social. Sobre tais interesses suspeitos, Adorno escreve:

²⁹ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Juliette ou esclarecimento e moral*, p.82-83.

Sem a formação cultural, dificilmente o burguês teria se desenvolvido como empresário, como gerente ou como funcionário. Assim que a sociedade burguesa se consolida e já as coisas se transformam em termos de classes sociais. Quando as teorias socialistas se preocuparam em despertar nos proletários a consciência de si mesmos, o proletariado não se encontrava, de maneira alguma, mais avançado subjetivamente que a burguesia. Não foi por acaso que os socialistas alcançaram sua posição chave na história baseando-se na posição econômica objetiva, e não no contexto espiritual. Os dominantes monopolizaram a formação cultural numa sociedade formalmente vazia. A desumanização implantada pelo processo capitalista de produção negou aos trabalhadores todos os pressupostos para a formação e, acima de tudo, o ócio.³⁰

O Esclarecimento não se refere apenas a emancipação do homem da ignorância, mas se apresenta também no aspecto político – uma autoconservação burguesa perante o resto da sociedade. Toda a promessa do Esclarecimento era baseada no progresso do conhecimento sobre a natureza, como se esta atendesse a uma ordem de moralidade humana, levando o indivíduo a emancipar-se socialmente. No entanto, na opinião de Cassirer o Esclarecimento foi muito mais um movimento de ordem política, econômica e ideológica engendrado para a ‘consolidação do Estado burguês’ do que aquele que ofereceria efetivamente uma liberdade pela razão.

A manutenção da autoconservação depende da coisificação do sujeito. A noção de autoconservação, de certa forma, possui o papel de aglutinador no corpo social esclarecido, pois o indivíduo necessita estar devidamente formado para integrar-se e, "quanto mais o processo da autoconservação é assegurado pela divisão burguesa do trabalho, tanto mais ele força a auto-alienação dos indivíduos, que tem que se formar no corpo e na alma segundo a aparelhagem técnica"³¹. Dessa forma, o homem se vê completamente dependente e integrado a essa realidade de dominação técnica da sociedade, buscando, incessantemente, sua aceitação neste sistema para ter êxito no campo da sobrevivência econômica. No texto *Teoria da Semicultura*, Adorno trata da noção de autoconservação como forma eficaz de delinear toda a estrutura da sociedade como a conhecemos hoje sob a perspectiva de domínio do capital:

Quando a burguesia tomou politicamente o poder na Inglaterra do século XVII e na França do XVIII, estava, do ponto de vista econômico, mais desenvolvida que o sistema feudal. E também mais consciente. As qualidades que posteriormente receberam o nome de formação cultural tornaram a classe ascendente capaz de desempenhar suas tarefas econômicas e administrativas.

³⁰ ADORNO, Theodor. *Teoria da semicultura*. In: RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton (org.). **Theodor Adorno**: quatro textos clássicos. São Carlos: UFSCar, 1992, p.392.

³¹ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *O conceito de esclarecimento*, p.43.

A formação não foi apenas sinal da emancipação da burguesia, nem apenas o privilégio pelo qual os burgueses se avantajaram em relação às pessoas de pouca riqueza e aos camponeses.³²

O fracasso do Esclarecimento em oferecer um mundo mais justo e igualitário fica evidente no momento em que uma nova configuração mitológica surge, estruturada agora nas figuras do senhor e do escravo. Neste sentido, se por um lado a burguesia se consolida através da exploração e da alienação no âmbito do trabalho, por outro o indivíduo experimenta uma necessidade cada vez maior de formar-se para alcançar o seu objetivo de autopreservação na sociedade capitalista.

Com os avanços proporcionados pela Revolução Industrial na Europa, principalmente na França e Inglaterra, a burguesia já se impunha no âmbito econômico e necessitava se firmar no campo político e ideológico. E, segundo Adorno, este empreendimento foi realizado. No texto *Teoria da Semicultura*, o autor demonstrou os aspectos de um ‘Esclarecimento mercantil’*, no qual o indivíduo ‘emancipado’, fazendo uso da razão técnica, só seria considerado vitorioso pelo projeto burguês, se tivesse êxito econômico e ocupasse, conseqüentemente, uma posição de destaque na sociedade. Neste caso, a autoconservação agora se daria, sobretudo, pelo viés econômico. Adorno escreve que esse novo processo de adaptação do ‘indivíduo esclarecido’ ocasiona

[...] a razão do mal-estar que a cultura carrega em si. A sociedade inteiramente adaptada é o que na história do espírito demonstra esse conceito: mera história natural darwinista, que premia a survival of the fittest³³.

Com o Esclarecimento, a sociedade é organizada verticalmente e ao indivíduo resta apenas se estabelecer hierarquicamente através da sua força de trabalho – única coisa que tem a oferecer a esse sistema. A premissa que era de domínio passa a ser de sobrevivência, fazendo com que o indivíduo busque uma formação não para estabelecer

³² ADORNO, Theodor. *Teoria da semicultura*, p.392.

* O termo “*Esclarecimento Mercantil*” surge nessa dissertação após a análise da relação entre as noções de autoconservação e de trabalho nos textos *Teoria da Semicultura*, *O Conceito de Esclarecimento* e *Ulisses ou Mito e Esclarecimento*. Foi chegada à conclusão da existência de uma espécie de formação, ‘pós - Esclarecimento’, que consiste na idéia que, alienado pela razão instrumentalizada, o homem vê o trabalho (instituição) como processo e veículo de formação como modo de autopreservação no domínio burguês garantindo-se apenas economicamente. Em outras palavras, o ‘*Esclarecimento Mercantil*’ refere-se a busca do homem para uma formação cada vez mais técnica apenas para dominar e sobreviver no âmbito do trabalho e conseqüentemente na sociedade burguesa – é a formação para o trabalho e somente para ele.

³³ ADORNO, Theodor. *Teoria da semicultura*, p.390.

a consciência de si, mas para ‘pertencer’ à sociedade administrada, exclusivamente através do trabalho.

Nessa verticalização, a experiência é substituída pela repetição e a autoridade deixa de ser da natureza e passa a ser do homem sobre o próprio homem. Dessa maneira, o Esclarecimento – cuja meta era também, através da Formação Cultural, trazer para o indivíduo a ‘consciência de si’, radicando-o em si mesmo para melhor lidar com a própria vida e com o real – vê seu objetivo destruído devido ao modo como a burguesia apropriou-se da condição alienada do pensamento instrumentalizado do homem. Através da noção de autoconservação, a burguesia transformou o trabalho em um veículo ideológico de formação pelo qual, através da noção de autoconservação, se estabelece a luta do homem contra o homem, fixando a idéia de emancipação econômica pelo labor como domínio social da natureza.

A noção de autoconservação é tão perversa que promove na sociedade uma nova idéia de trabalho ao propor uma divisão conceitual para estabelecê-lo em categorias fixas. Na *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer afirmam que a autoconservação promoveu a chamada divisão social do trabalho em trabalho social – englobando o aspecto da formação do indivíduo universal, o trabalho do corpo – e trabalho intelectual – envolvendo trabalho e formação do espírito. A idéia principal é que na sociedade administrada pela burguesia o que vale é a realização do todo social, ou seja, é estimulada a construção do indivíduo universal através do trabalho social.

O poder de todos os membros da sociedade, que enquanto tais não têm outra saída, acaba sempre, pela divisão do trabalho a eles imposta, por se agregar no sentido justamente da realização do todo [...] ³⁴.

Na sociedade ‘pós-Esclarecimento’^{**}, portanto, não há a possibilidade da construção de uma singularidade do homem e nem a vivência de experiências (trabalho do espírito), haja vista a necessidade de integração no mundo burguês.

³⁴ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *O conceito de esclarecimento*, p.35.

^{**} Os termos ‘pós-Esclarecimento’ ou ‘pós-esclarecida’ não são utilizados por Adorno ou por Horkheimer nos seus textos. Porém, na *Dialética do Esclarecimento* surgem expressões como: ‘antes do Esclarecimento’, ‘depois do Esclarecimento’. A obra de Adorno e Horkheimer é caracterizada como uma crítica ao momento perdido de conciliação (ou de relação) que havia entre homem e natureza – essa conciliação fica um pouco mais evidente quando utilizam ‘passagens’ da *Odisséia*; Todo os textos que compõem a *Dialética do Esclarecimentos* são todos localizados historicamente definindo o que foi antes do que foi depois do Esclarecimento; Importante salientar que um dos objetivos propostos por esse trabalho de pesquisa é o de avaliar na filosofia de Adorno o seu caráter de ‘reconciliação’ entre homem e natureza e já que o Esclarecimento provocou essa ‘ruptura’ é plausível a utilização dos prefixos ‘pré’ e

O trabalho social de todo indivíduo está mediatizado pelo princípio do eu na economia burguesa; a um ele deve restituir o capital aumentado, a outro a força para um excedente de trabalho. Mas quanto mais o processo da autoconservação é assegurado pela divisão burguesa do trabalho, tanto mais ele força a auto-alienação dos indivíduos, que tem que se formar no corpo e na alma segundo a aparelhagem técnica.³⁵

O ‘eu’ só se estabelece no mundo administrado através da participação e pela imposição hierárquica do indivíduo no trabalho social. O Esclarecimento e o capitalismo se encontram unidos na sociedade industrial de consumo, onde a formação do indivíduo se encontra também a partir do processo de trabalho no modo de produção capitalista. O trabalho tornou-se, dentre outras coisas, uma forma de proteção, de conservação do indivíduo e de formação do ‘eu’. E, de acordo com a observação de Adorno e Horkheimer, o indivíduo se vê levado a formar-se para o trabalho devido à necessidade de acompanhar o progresso técnico e, no entanto, esta necessidade não se configura como uma formação e, sim, uma semiformação – por não se tratar de uma formação verdadeira da consciência de si.

Não é possível se estabelecer um ‘eu’ verdadeiro, erradicar o indivíduo em si mesmo ou trazer a emancipação desejada quando a realidade em que ele está inserido é cada vez menos de domínio humano e torna-se morada da técnica. No livro *Mínima moralia*³⁶, dentre outras discussões, Adorno afirma que não houve realmente uma emancipação pelo Esclarecimento, pois a formação da consciência de si e a promessa de autonomia derivavam, na verdade, de determinações externas e institucionais impostas ao indivíduo, a exemplo da razão, da burguesia e da divisão do trabalho. Como constituir um indivíduo emancipado sob a luz da técnica?

O trabalho torna-se um meio de difusão de ideologias e de controle social bastante eficaz aos propósitos burgueses, pois, de certa forma, promove o continuísmo da idéia de autoconservação. É por intermédio do trabalho que a sociedade se desenvolve e garante a sobrevivência do indivíduo em relação a sua ‘garantia’ econômica e inserção social. Por esse motivo, Adorno e Horkheimer observam que é através da concepção de trabalho como provedor e como veículo de formação regressiva que a sociedade burguesa exerce seu poder de dominação, reproduzindo condições

‘pós’. Além disso, a comentadora Márcia Tiburi também utiliza essa expressão, mas dentro desse mesmo contexto citado.

³⁵ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *O conceito de esclarecimento*, p.41.

³⁶ ADORNO, Theodor W. *Mínima moralia: reflexões a partir de uma vida danificada*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993. (Série Temas, 30).

repressivas e ideológicas de modo mais abrangente, pois a idéia de domínio da natureza já é previamente estabelecida no modelo de autoconservação pelo trabalho.

A promessa de emancipação da ‘burguesia esclarecida’ agora é garantida eficazmente pelo trabalho. Segundo Adorno e Horkheimer, o Esclarecimento – que tinha condições de fornecer ao homem a ‘formação de uma consciência de si’ – agora, dominado pela noção de autoconservação, torna-se um projeto repressivo, regressivo e deformador, porque promove uma ruptura, e não uma ponte, entre homem e natureza. Da mesma maneira que o trabalho foi dividido em categorias fixas, o indivíduo também se torna componente de uma categoria que, simultaneamente, o integra e o limita.

No aforismo ‘Novissimum Organum’, presente na obra *Mínima moralia*, analisando, no Esclarecimento, o processo de formação regressiva pelo trabalho, Adorno aponta para a dissolução do sujeito através da experiência laboral e denuncia a formação da consciência do indivíduo ligada ao processo de produção material. Para o autor, a formação da consciência de si é antecedida pela formação acumulativa do capital:

Há muito foi demonstrado que o trabalho assalariado formou as massas dos tempos modernos, criou mesmo o trabalhador. Em geral, o indivíduo não é apenas substrato biológico, mas também a forma de reflexo do processo social, e sua autoconsciência como um ser em si é a ilusão da qual tem necessidade para incrementar a sua produtividade, enquanto, na economia moderna, tudo que é individuado funciona como mero agente da lei do valor. Daí se poderia deduzir não só o papel social, mas também a composição interna do indivíduo em si.³⁷

Na afirmativa ‘o trabalho forma’*, fica claro que é também através do trabalho que se estrutura uma consciência ligada à natureza e suas relações. No entanto, sob a luz de uma autoconservação capitalista, o trabalho ‘forma’ um indivíduo alienado, deformado pela influência da técnica. Essa nova configuração estabeleceu-se através da relação com a ‘modernização industrial’ como produção social, composta, por sua vez, por uma tríade de base econômica, política e cultural, em que o trabalho, na concepção burguesa, passa a servir como ponte para unir o particular e o universal. É possível observar o trabalho na história da humanidade como uma espécie de regulador entre o homem e a natureza, mas, no processo de imposição da modernização, o trabalho

³⁷ ADORNO, Theodor. *Mínima moralia*, p.200.

* Frase de Georg Wilhelm Friedrich Hegel citada em sua obra *Fenomenologia do Espírito*.

deteriora a noção de natureza, transformando e, conseqüentemente, definindo a vida dos homens.

O ‘Esclarecimento mercantil’ torna, assim, a concepção burguesa de trabalho universalizadora – pela formação de um sujeito universal –, totalizadora – por abranger a sociedade em seus diversos aspectos – e reificadora – pela possibilidade de tornar o sujeito alienado de suas condições de formação individual, reduzindo-o a uma engrenagem da máquina burguesa do composto social. A técnica para a conservação do sujeito faz com que – tanto dentro, quanto fora do trabalho – o homem lide não com a criação, mas com o ato da repetição.

A humanidade, cujas habilidades e conhecimentos se diferenciam com a divisão do trabalho, é ao mesmo tempo forçada a regredir a estágios antropológicamente mais primitivos, pois a persistência da dominação determina, com facilitação técnica da existência, a fixação do instinto através de uma repressão mais forte.³⁸

É quase uma obrigação da sociedade mercantil manter a idéia de uma realidade objetiva. Nesse caso, a noção de autoconservação atende essa necessidade, pois proporciona a chamada divisão do trabalho, opondo corpo e espírito, e considerando ainda, dentro do trabalho do corpo, subdivisões que dispõem os homens em categorias que o classificam como aptos ou não a determinados tipos de tarefa. Aliado a isso vem toda a exploração resultado da modernização e da técnica, fazendo com que o indivíduo – tanto o que produz nas esteiras das fábricas, quanto aquele que consome no conforto do lar – viva sob a ação da repetição contínua sem ter oportunidade de vivenciar novas experiências. A modernidade é a vivência do absolutamente idêntico, em que o sujeito ‘reificado’ é aquele que anula a sua consciência por uma autoconservação, emancipando-se para o Estado, como uma espécie de condição única de inserção social. Adorno e Horkheimer questionam também a conversão do desenvolvimento das ciências e da tecnologia em forças produtivas, visando o lucro e, conseqüentemente, anulando o ‘trabalho intelectual’ e a capacidade do homem em estabelecer a sua experiência formativa.

É quando o processo, que se inicia com a transformação da força de trabalho em mercadoria, permeia todos os homens – transformando em objetos e tornando *a priori* comensuráveis cada um de seus impulsos, como uma variante da relação de troca – que se torna possível à vida reproduzir-se segundo as relações de produção imperantes. Sua organização integral exige

³⁸ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *O conceito de esclarecimento*, p.46.

uma união de mortos. A vontade de viver encontra-se na dependência da negação da vontade de viver: a autoconservação anula a vida na subjetividade.³⁹

A divisão entre corpo e espírito ajudou a fundamentar o trabalho como a instituição que se conhece até hoje como produção de uma verdadeira ‘legião universal de zumbis’ completamente desprovidos da consciência de si e do seu papel dentro da sociedade. Segundo Adorno, essa completa ‘ausência de si’ faz com que não exista mais ‘dentro’ e ‘fora’ dos domínios do trabalho autoconservador. A vida fora das esteiras das fábricas obedece ao mesmo critério de repetição, não existindo uma reação humana que já não tenha sido catalogada e posta sob um controle social rigoroso – o homem é uma espécie integrada e formada não só para a aparelhagem técnica, como também para as suas relações.

Depois do Esclarecimento, a questão da emancipação é substituída pela noção de autoconservação. A formação do homem passa a ser pelo caráter técnico do trabalho, por isso a emancipação ocorre agora através da ‘formação das coisas’, ou seja, é a produção de sujeitos. Por esse motivo, o trabalhador em uma fábrica não produz somente mercadorias, mas também a sua alienação, que servirá como padrão para estabelecer suas relações com o mundo, com o outro e consigo mesmo. As relações sociais determinadas pela produção não afetam somente os planos econômico e material, mas, do mesmo modo, o subjetivo, onde também se configuram as relações de dominação.

É como um preço a se pagar. Para Adorno e Horkheimer, no mundo burguês esclarecido o indivíduo precisa provar que está devidamente integrado ao processo formativo técnico⁴⁰, e, para lograr êxito neste intento, necessita anular completamente sua subjetividade e aceitar toda uma existência constituída por sacrifícios. Na *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer apontam, nas narrativas de Homero, um modelo do homem contemporâneo, uma protoforma de um indivíduo esclarecido que baseia a sua existência em renúncias e privações e, também, na invalidação de sua experiência e da noção de natureza. É uma alegoria que marca o primeiro relato de constituição do sujeito fundamentado em uma vida regulada por uma anulação em prol de uma falsa condição de participação na sociedade. Adorno e Horkheimer são específicos quando afirmam que:

³⁹ ADORNO, Theodor. *Mínima moralia*, p.201.

⁴⁰ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *O conceito de esclarecimento*, p.44.

esse entrelaçamento de mito, dominação e trabalho estão conservados em uma das narrativas de Homero. O duodécimo canto da *Odisséia* relata o encontro com as Sereias. A sedução que exercem é a de se deixar perder no que passou⁴¹.

Ainda na *Dialética do Esclarecimento*, o primeiro excurso *Ulisses ou Mito e Esclarecimento* tem como referência a narrativa da *Odisséia* na figura de Ulisses. Para Adorno e Horkheimer, esta aventura apresenta muitos dos problemas que eles consideram como responsáveis pelo fracasso do projeto do Esclarecimento: a questão da Formação Cultural, a emancipação pela razão (representada na narrativa pela astúcia), a relação entre mito e esclarecimento, a anulação do ‘eu’ em prol de uma natureza desconhecida, e, principalmente, a noção de autoconservação.

Assim como o episódio das sereias mostra o entrelaçamento do mito e do trabalho racional, assim também a *Odisséia* em seu todo dá testemunho da dialética do esclarecimento. Sobretudo em seus elementos mais antigos, a epopéia mostra-se ligada ao mito: as aventuras têm origem na tradição popular. Mas, ao se apoderar dos mitos, ao “organizá-los”, o espírito homérico entra em contradição com eles. A assimilação habitual da epopéia ao mito [...] mostra-se à crítica filosófica como uma perfeita ilusão. [...] Cantar a ira de Aquiles e as aventuras de Ulisses já é uma estilização nostálgica daquilo que não se deixa mais cantar, e o herói das aventuras revela-se precisamente como um protótipo do indivíduo burguês, cujo conceito tem origem naquela auto-afirmação unitária que encontra o seu modelo mais antigo no herói errante. [...] e o cosmo venerável do mundo homérico pleno de sentido revela-se como obra da razão ordenadora, que destrói o mito graças precisamente à ordem racional na qual ele o reflete.⁴²

O tema da autoconservação está representado no *Canto XII* da *Odisséia*, especificamente no episódio das Sereias, que reúne questões como dominação, emancipação, mito e trabalho, diretamente ligadas a esta noção. Neste episódio, Ulisses havia sido alertado por Circe sobre a beleza e a maldição que cercavam o canto das sereias. De acordo com Adorno e Horkheimer, a estratégia adotada por Ulisses para vencer a morte anunciada pode ser relacionada a diversos aspectos ligados ao fracasso do Esclarecimento, considerando a figura de Ulisses representativa do indivíduo burguês esclarecido e associando a figura dos remadores aos trabalhadores privados de uma formação digna e de uma verdadeira emancipação.

⁴¹ Ibidem, p.43.

⁴² ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Ulisses ou mito e esclarecimento*. In: _____. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.53.

Ele tapa seus ouvidos com cera e obriga-os a remar com todas as forças de seus músculos. Quem quiser vencer a provação não deve prestar ouvidos ao chamado sedutor do irrecuperável e só conseguirá se conseguir não ouvi-lo. Disso a civilização sempre cuidou. [...] É assim que se tornam práticos. [...] Ele escuta, mais amarrado impotente a mastro, e quanto maior se torna a sedução, tanto mais fortemente ele se deixa atar, exatamente como, muito depois, os burgueses, que recusavam a si mesmos a felicidade com tanto maior obstinação quanto mais acessível ela se tornava com o aumento de seu poderio. O que ele escuta não tem conseqüência para ele, a única coisa que consegue fazer é acenar com a cabeça para que o desatem; mas é tarde demais, os companheiros – que nada escutam – só sabem do perigo da canção, não de sua beleza – e o deixam no mastro para salvar a ele e a si mesmos.⁴³

Para Adorno e Horkheimer, nessa antiga alegoria é possível encontrar o desenho social de dominação através do trabalho que perdura até os dias atuais: a relação senhor/escravo; a construção do sujeito pela racionalidade técnica do trabalho; a autoconservação construída através de renúncias e a anulação do sujeito subjetivo em detrimento de uma objetividade universal. Não é permitido aos remadores – a exemplo dos trabalhadores na modernidade – o gozo da experiência para a construção do ‘eu’, o que leva à perda da identidade diante da submissão incondicional ao rigor e à sobrevivência no âmbito do trabalho.

Nesta passagem em que Ulisses tenta escapar à sedução das sereias, observa-se que não há um domínio dos remadores/trabalhadores sobre a natureza, e sim uma ausência destes diante dela. Por conseguinte, uma vez que a natureza não pode ser confrontada, é, então, evitada. Neste sentido, não há experimentação para eles, remadores, mas, tão somente, astúcia.

O caminho da civilização era o da obediência e do trabalho. Sob o qual a satisfação não brilha senão como mera aparência, como beleza destituída de poder. [...] Ele conhece apenas duas possibilidades de escapar. Uma é a que ele prescreve aos companheiros. Ele tapa os ouvidos com cera e obriga-os a remar com todas as forças de seus músculos. Quem quiser vencer a provação não deve prestar ouvidos ao chamado sedutor do irrecuperável. E só conseguirá se conseguir não ouvi-lo. Disso a civilização sempre cuidou. Alertas e concentrados, os trabalhadores em que olhar para frente e esquecer o que foi posto de lado. [...] A outra possibilidade é a escolhida pelo próprio Ulisses, senhor de terras que faz os outros trabalharem para ele. Ele escuta, mas amarrado impotente a mastro [...] os companheiros – que nada escutam – só sabem do perigo da canção e não de sua beleza. [...] Eles reproduzem a vida do opressor juntamente com a própria vida, e aquele não consegue mais escapar a seu papel social.⁴⁴

⁴³ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *O conceito de esclarecimento*, p.45.

⁴⁴ *Ibidem*, p.45.

Tudo gira em torno da dinâmica de dominação do trabalho. Habitar no mundo significa o mesmo que passar por uma constante provação, e, quem quiser vencê-la, precisa dedicar-se ao processo de autoconservação e abdicar de experiências, consideradas, pelo próprio Esclarecimento, como nocivas ao objetivo de construir um homem universal. Por isso é que, para Adorno e Horkheimer, Ulisses representava o protótipo do indivíduo burguês, pois reproduzia claramente os conflitos sociais presentes tanto no Século das Luzes, como no período posterior a ele: astúcia, conservação, domínio, emancipação, sacrifícios, alienação.

Percebe-se ainda, nesse episódio, a colocação da arte e do trabalho em pólos distintos. Aos trabalhadores é negada a beleza do canto – tiveram seus sentidos fechados à força, e dele só tiveram notícia dos perigos que poderia causar. Na narrativa do ‘*Canto das Sereias*’ estava materializada a dialética senhor/escravo que, naquele instante, tanto reproduziu com fidelidade a postura dos remadores enquanto oprimidos, bem como Ulisses na figura do burguês e também dissolveu a idéia de divisão do trabalho enquanto formadora positiva da consciência de si.

Os remadores que não podem se falar estão atrelados a um compasso, assim como o trabalhador moderno na fábrica, no cinema e no coletivo. São as condições concretas do trabalho na sociedade que forçam o conformismo e não as influências conscientes, as quais por acréscimo embruteceriam e afastariam da verdade os homens oprimidos. A impotência dos trabalhadores não é mero pretexto dos dominantes, mas a lógica da sociedade industrial [...] ⁴⁵

Ulisses, na leitura do Excurso I, serve como “modelo da constituição do indivíduo e da civilização européia”⁴⁶. Seus atos são tomados como referência para representar o ideal do sujeito racional do Esclarecimento. Ao indivíduo dominado, domesticado cabe a obediência sem restrições para o bem de sua conservação e a consequência imediata desta exigida obediência é a reprodução da opressão em todas as relações possíveis dentro da sociedade. A dinâmica do trabalho passa a ser a dinâmica do real, onde o indivíduo emancipado passa a ser o indivíduo enclausurado no mundo.

O princípio da autoconservação se dá também pela renúncia dos desejos. Dessa forma, o indivíduo que renuncia e que se limita diante do sistema é aquele que

⁴⁵ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *O conceito de esclarecimento*, p.47

⁴⁶ MATOS, Olgaria C.F. *A escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1993, p.141.

representa mais adequadamente a lógica de dominação e de emancipação resultante do Esclarecimento burguês. Tudo o que se apresenta como prazer/ experiência individual é uma ameaça à manutenção da objetividade de uma humanidade universal e deve ser imediatamente combatido.

Neste sentido, a arte, aqui representada pelo canto das sereias, é compreendida como ameaça às pretensões do burguês esclarecido, ou seja, a arte é tomada como mito. “Mesmo aquilo que no homem difere da técnica vê-se incorporado como uma espécie de lubrificação da técnica”⁴⁷. Assim, para Adorno, tudo o que desponta como ‘novidade’ é imediatamente incorporado ao sistema para que não se escape de uma realidade programada. Toda a realidade é previamente condicionada ao sistema de dominação. A autoconservação, portanto, oferece a humanidade uma falsa projeção do real (representatividade específica) quando, de certa forma, promove, e até estimula, uma ‘liberdade’ ao homem dentro de uma realidade totalmente administrada. Não existe mais uma natureza a ser dominada, mas uma ideologia a ser seguida e um sistema cada vez mais totalitário. Não existe Esclarecimento. Não existe emancipação.

Por esse motivo, a própria cultura tem como objetivo fornecer ao indivíduo uma formação já dominada totalmente pela ideologia de autoconservação. A cultura também promove uma falsa projeção de formação da consciência de si e de liberdade ao indivíduo ‘esclarecido’. A cultura como formação tornou-se também vítima do Esclarecimento.

A tendência à falsa projeção é tão fatalmente inerente ao espírito que ela, esquema isolado da autoconservação, ameaça dominar tudo o que vai além dela: a cultura. A falsa projeção é o usurpador do reino da liberdade e da cultura; a paranóia é o sintoma do indivíduo semicultivado. Para ele, todas as palavras convertem-se num sistema alucinatório, na tentativa de tomar posse pelo espírito de tudo aquilo que sua experiência não alcança, de dar arbitrariamente um sentido ao mundo que torna o homem sem sentido, mas ao mesmo tempo se transformam também na tentativa de difamar o espírito e a experiência [...]⁴⁸

Adorno e Horkheimer destacam que não somente o homem cai vítima do Esclarecimento. A inclinação à falsa projeção atinge também a própria cultura enquanto veículo de formação. Na reflexão destes autores, não é possível uma cultura livre se o

⁴⁷ ADORNO, Theodor. *Mínima moralia*, p.201.

⁴⁸ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Elementos do anti-semitismo: limites do esclarecimento*. In: _____. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.182.

homem não é livre, pois tudo o que é apreendido por esse sujeito ‘emancipado’ torna-se uma ilusão do real. A cultura passa a vislumbrar também uma realidade totalmente administrada e torna-se parte do sistema, uma vez que também é convertida em mercadoria, além de obedecer aos critérios impostos pela técnica. A ‘paranóia’ do ‘burguês esclarecido’ e da própria razão continua sendo o próprio homem.

A diferenciação técnica e social e a externa especialização levaram a um caos cultural. Ora, essa opinião encontra a cada dia um novo desmentido. Pois a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto. Até mesmo as manifestações estéticas de tendências políticas opostas entoam o mesmo louvor do ritmo do aço.⁴⁹

Se a cultura fala do homem, então o seu protagonista será um personagem inteiramente previsível e dominado. A cultura passa a ser instrumento da técnica e da dominação ideológica. Segundo Adorno e Horkheimer, o contexto capitalista transformou-se em ambiente adequado para a criação de ‘novos mitos’, sufocando o que seria o ideal formativo pela cultura, e dando lugar a uma barbárie objetiva e totalizante. Neste espaço, o intelecto humano começou a se instrumentalizar e a operacionalizar a razão instrumental e o novo conceito de ordem técnica e de “fracionamento” promoveu a anulação do pensamento crítico, dando origem à sociedade de massas. A cultura tornou-se mercadoria. Durante o seu exílio nos Estados Unidos, Adorno e Horkheimer puderam perceber o crescimento e o domínio prático da ação exercida pelo cinema e pela publicidade, além de elaborar análises sobre o avanço da técnica, criando o conceito de ‘indústria cultural’.

A fundamentação que norteia a pesquisa de Adorno parte agora de uma espécie de ‘antítese’ à Formação Cultural e ao projeto de emancipação do Esclarecimento: é a “*Halbbildung*” (Semiformação), baseada na observação da cultura como mercadoria e veículo ideológico de dominação burguesa contrária à liberdade proposta por este. No progresso e na supervalorização da técnica fundamentam-se a alienação e a mitificação dos valores científicos e culturais e, desse modo, instaura-se a dominação natural e ideológica. A *Halbbildung* não é reconhecida como forma deteriorada de formação; sequer é identificada como tal na modernidade.

⁴⁹ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*. In: _____. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.113.

Para Adorno, a semiformação é caracterizada como uma formação calcada em uma razão instrumental, que torna o real, percebido pelo homem, fundamentado somente a partir do objeto. É justamente sobre essa maneira do homem observar o meio em que vive que começa uma nova configuração no seu pensamento, pois se abrem questões como: até quando se deve valorizar a técnica; como a semiformação se sobrepõe ao conceito e ao valor da cultura no aspecto de formação do indivíduo; e como a ‘sociedade esclarecida’ inclina-se em transformar a cultura apenas em um bem consumível. O capítulo seguinte apresenta a ‘antítese’ da proposta dialética de leitura das obras de Adorno – é a noção de semiformação e a indústria cultural como exemplo de cultura regressiva para a humanidade.

CAPÍTULO II

3 SEMIFORMAÇÃO E INDÚSTRIA CULTURAL

A semiformação é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria.
(Theodor W. Adorno)

Livrar-se do demônio apelando para belzebu.
(Theodor W. Adorno)

O segundo capítulo desta dissertação tem o objetivo de demonstrar que o ideal emancipatório de domínio da natureza por meio da autoconservação resultou no surgimento e no entrelaçamento das noções de Semicultura, Semiformação e Indústria Cultural – a cultura como um bem a ser comercializado.

Será norteado pela análise de como a concepção burguesa de Esclarecimento, depois de subverter a noção de trabalho como modelo formativo, anulou completamente a cultura como veículo de formação da consciência de si, dando-lhe um caráter mercadológico de entretenimento e de controle ideológico. Para este empreendimento foram utilizados os textos *Teoria da Semicultura* e *A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas*, da autoria de Adorno, além de textos de alguns comentadores, como Jay, Duarte, entre outros, que também versam sobre o assunto.

A exemplo do anterior, também este capítulo se inicia com uma necessária explicação acerca da tradução de um vocábulo alemão para a língua portuguesa, neste caso a escolha da palavra semicultura como a melhor opção para o termo *halbbildung*, motivada pela sua ligação direta com um fato histórico ocorrido na Alemanha. Em seguida será apresentada uma reflexão sobre o conceito de Semicultura criado por Adorno. O capítulo traz ainda, no seu final, uma discussão sobre o conceito de Indústria Cultural que, por sua vez, permite o levantamento de outras importantes questões: Qual a ligação entre Semicultura e Indústria Cultural, que faz com que essa última sirva como referência direta ao fracasso do Esclarecimento em seu projeto de emancipação pela razão? De que maneira a cultura torna-se um veículo de semiformação ao invés de condutor para uma consciência do eu?

3.1 HALBBILDUNG – A CULTURA COMO VEÍCULO PARA SEMIFORMAÇÃO

O objetivo deste tópico é investigar o significado, o surgimento e as conseqüências da noção alemã de *halbbildung*, assim como, principalmente, de que maneira o Esclarecimento, por meio da figura do burguês, apropriou-se da cultura, tornando-a veículo de formação regressiva e de controle político e ideológico.

Antes de iniciar esta investigação, no entanto, é mister elucidar por que, o termo alemão *halbbildung* foi traduzido para o português como semicultura. Duas explicações podem ser utilizadas para justificar tal escolha: uma relacionada ao significado destas palavras, e a outra, associada ao contexto histórico e político vivenciado no mundo capitalista.

Em relação à questão semântica, é sabido que, na língua germânica, o verbete *halb* significa meio, metade, semi, enquanto a palavra *bildung*, como destacado no capítulo anterior, apesar de possuir vários significados, foi traduzida para o português como ‘formação cultural’, devido ao seu correspondente latino *kultur* (cultura). Dessa forma, a tradução imediata do verbete *halbbildung* seria semiformação. No entanto, o texto original escrito por Adorno em 1966, *Theorie der Halbbildung*⁵⁰, foi traduzido para o português por um grupo de professores como *Teoria da Semicultura*. Estes professores, em suas notas, justificam tal opção por ser esta tradução a mais utilizada pela maior parte dos tradutores contemporâneos de obras filosóficas.

Bildung indica, ao mesmo tempo, *formação cultural* e *cultura*. Portanto, o título original — *Halbbildung* — pode assumir, ora um ora outro dos dois sentidos. Tem sido prática comum a autores e tradutores brasileiros optarem pela tradução de *cultura*, *semicultura*, *semiculto*. Assim o fizeram Wolfgang Leo Maar e Bárbara Freitag, respectivamente em *Pedagogia dialética* [...] e *A teoria crítica, ontem e hoje* [...]. Nesta presente tradução optamos de maneira geral, por *formação cultural* e, dependente do emprego específico em alguns contextos, utilizamos, então, *cultura* e seus derivados.⁵¹

Já considerando o contexto da época, com o advento e o avanço do capitalismo e a ascensão da classe burguesa, outra explicação para esta tradução surge com o

⁵⁰ ADORNO, Theodor. *Theorie der Halbbildung*. In: **Gesammelte Schriften**. Herausgegeben von Rolf Tiedemann, v.8, Vierte Auflage 1966, Frankfurt, Suhrkamp Verlag, am Main 1972 (Soziologische Schriften I), p. 93-121. [Sobre o original]

⁵¹ ADORNO, Theodor. *Teoria da semicultura*, p.411.

Esclarecimento, que, ao ampliar exageradamente a necessidade de domínio da natureza, a partir da noção de autoconservação, passa a conceber a cultura como veículo de formação do indivíduo, precisando, assim, ser controlada pela razão utilitária e ideológica.

Sob a perspectiva da burguesia, a cultura se transformou em foco de resistência ou ameaça à manutenção do mundo administrado. Dessa maneira, esta classe emergente começou a controlar toda a produção cultural: tanto os meios como os modos de produção passaram a obedecer ao rigor da formação técnica e ideológica, mantendo o homem imerso na noção burguesa de sobrevivência à natureza. Além disso, a cultura passou também a pertencer à esfera das ‘falsas condições’ por perder a sua autonomia como veículo de formação real. Neste sentido, pode-se afirmar que a semiformação é, portanto, conseqüência de uma semicultura – ou seja, uma cultura privada de seus verdadeiros fins de formação real.

Mas como surgiu e se consolidou a semicultura na sociedade capitalista? Adorno apresenta uma resposta a esta questão realizando uma análise sócio-política da sociedade germânica do século XVIII*. Neste período, de acordo com o autor, a burguesia alemã em ascensão se orgulhava de ser autora e detentora de produções culturais apoiadas em hábitos e tradições germânicos ligados a sua formação intelectual, mantendo assim a sua identidade, diferente das outras produções européias da época que sofriam influências diretas de outras culturas e já ‘exalavam’ o chamado espírito objetivo**. No entanto, Adorno ressalta que os membros desta classe só se dedicaram a essa *revolução espiritual**** por conta do fraco desempenho comercial obtido pela Alemanha durante aquele período. Na sua visão, esta inclinação à instância da produção cultural alçou tais membros à condição de novos detentores do poder político e ideológico daquele país.

* Apesar de ser detectada em toda Europa, Adorno chama atenção no texto *Teoria da Semicultura* que suas observações acerca da semicultura são resultado de pesquisas principalmente focadas na sociedade alemã.

** Os termos *Espírito Objetivo* e *Espírito Subjetivo* utilizados por Adorno no texto *Teoria da semicultura* atendem ao mesmo significado dado por Hegel na “*Fenomenologia do Espírito*”. O *Objetivo* é a considerada formação do espírito comum que atende interesses de um grupo social (costumes, leis, instituições, moral) e o *Subjetivo* é o chamado ‘finito’ que condensa a alma, o intelecto, a razão para uma liberdade do homem. Ambas têm por objetivo alcançar o Espírito Absoluto que é a chamada autoconsciência do indivíduo em instâncias superiores como a arte, a Filosofia e a religião. (Fonte: Dicionário de Hegel & Dicionário de Filosofia).

*** Termo utilizado por Pucci no livro *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*, referindo-se as noções de espírito objetivo e subjetivo na cultura. p.56.

Segundo Adorno, o apego extremado à ‘revolução espiritual’ que levou a burguesia alemã ao poder originou uma ‘passividade da cultura’. Essa passividade, por sua vez, transformou a proposta de emancipação pela razão – surgida no Século das Luzes para servir como alicerce na construção do espírito, no desenvolvimento de uma consciência de si – em uma formação cultural puramente ideológica, na medida em que convertida em mercadoria nula e tão desprovida de sentido quanto à instrumentalidade e a técnica que dominavam a razão dos homens. O burguês dependia da cultura por dois motivos: para garantir-se economicamente – já que a cultura passou a ser uma saída comercial viável – e também para que, ao mesmo tempo, mantivesse o seu controle ideológico por meio dessas produções culturais.

A cultura torna-se uma extensão da autoconservação e a sua passividade acontece não só pela submissão ao controle burguês, mas também pela sua inserção em uma humanidade organizada em categorias pré-estabelecidas. A cultura formadora passa a representar o vazio da sociedade e abrevia-se, em sua fundamentação teórica, para a ideologia dominante. Maar classifica a Formação Cultural e, conseqüentemente, a Semicultura como tema privilegiado na filosofia adorniana quando escreve que:

[...] a crise da formação é a expressão mais desenvolvida da crise moderna
 [...] O trajeto intelectual de Adorno constitui, nesse sentido, a história dessa crise da formação e da educação em face da dinâmica do trabalho social⁵².

Quando se refere à questão do trabalho social, Maar está de acordo com a necessidade de a cultura estar intimamente ligada às questões humanas e não a sua subserviência ao aparato técnico.

Para Adorno, a legitimidade da cultura – entendida como ferramenta para emancipação* – implica em uma espécie de negação das condições sociais impostas pela autoconservação. Porém, sendo a cultura estimulada e até construída pelos ‘novos burgueses’, transforma-se em bens culturais; “é aquele verniz de saber que é fornecido pela indústria do lazer, quando ela se propõe a ser ‘cultural’”⁵³ passando a ser apenas uma configuração, um retrato nítido de uma sociedade esvaziada. A Semicultura é, portanto, a dimensão instrumental da cultura convertida em bens culturais e voltada para

⁵² MAAR, Wolfgang Leo, *À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa*. In.: ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995, p.16.

* No livro **Educação e emancipação** pode-se observar que Adorno trata educação, cultura e formação dentro de um só conceito e todos em um só contexto ligados à emancipação.

⁵³ DUARTE, Rodrigo, “*Notas Sobre a Dialética da Música em Theodor W. Adorno*”, In.: **Adornos: Nove Ensaios sobre o Filósofo Frankfurtiano**, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1997, p. 23.

uma adaptação e uma apropriação objetiva do real que minimiza substancialmente, mas não extingue o seu caráter emancipatório. O ‘trabalhador emancipado’ tem sua formação, bem como o seu ócio, preenchidos eficazmente por esse tipo de produto. “O espectador tranqüiliza-se e até se orgulha de seu enriquecimento espiritual, sem desconfiar de que nada sabe daquilo que ele consumiu”.⁵⁴

Esta discussão sobre o controle burguês da cultura corrobora com a importância dada, não só por Adorno, mas por todos os seguidores da Teoria Crítica, à questão da Formação Cultural, por essa não pertencer apenas ao campo teórico, mas por estabelecer uma consequência direta na vida prática da sociedade: a condução da humanidade a um processo regressivo de semiformação da consciência. Observa-se que, por meio do projeto de formação pelo Esclarecimento, a cultura passa a ter, na sociedade, novas funções subvertidas como poder, como ideologia e como alienação.

No texto *Teoria da Semicultura*, Adorno escreve sobre a importância da cultura na sociedade esclarecida e faz uma análise sobre a crise instalada nos mecanismos de formação do indivíduo. Ao observar que o colapso do processo de formação não acontece apenas nas classes menos favorecidas, mas também no estrato de pessoas mais cultas, refuta a idéia de que tal problema resulte tão somente de moldes pedagógicos e conclui que esta questão necessita ser analisada de forma mais abrangente. É difícil, portanto, crer em uma emancipação por meio da cultura “justamente quando toda produção material e espiritual é erigida sobre a subsunção do valor de uso ao valor de troca das mercadorias e da divisão desigual entre o trabalho manual e espiritual”⁵⁵. Para Adorno, o problema se desenvolve em uma *realidade extrapedagógica*⁵⁶: no âmbito sócio-político.

De acordo com a análise adorniana, enquanto a pedagogia combateu o fracasso no processo de formação propondo reformas educacionais, o problema se agravou, pois era necessária uma maior investigação sobre os aspectos sociais que influenciam diretamente na formação cultural do indivíduo pós-Esclarecimento. Essa preocupação de Adorno em torno da cultura e da educação fica evidente tanto no texto *Teoria da Semicultura* – quando faz referência a supremacia da autoconservação sobre a educação e a cultura, impossibilitando assim uma formação real em um mundo esclarecido reificado – quanto nas conferências transcritas no livro *Educação e Emancipação* –

⁵⁴ DUARTE, Rodrigo, “Notas Sobre a Dialética da Música em Theodor W. Adorno”, p. 23.

⁵⁵ PUCCI, Bruno, ZUIN, Antônio Álvaro, OLIVEIRA, Newton Ramos-de-, **Adorno: O Poder Educativo do Pensamento Crítico**, p.55.

⁵⁶ ADORNO, Theodor. *Teoria da semicultura*, p.388.

quando debate sobre a importância da formação cultural como condutora de uma educação política (como esperança) para uma emancipação.

A introdução do livro *Educação e Emancipação* traz um comentário de Maar sobre a perspectiva de Adorno em torno da cultura e da formação:

Este livro possibilita dupla aproximação. É possível lê-lo como intervenção de Adorno no debate educacional que remete ao seu pensamento filosófico e social [...] a íntima vinculação entre a questão educacional e formativa e a reflexão teórica social, política e filosófica constituiu a manifestação mais direta do núcleo temático e essencial ao conjunto da chamada Escola de Frankfurt: a relação entre teoria e prática. Em Adorno a teoria social é na realidade uma abordagem formativa, e a reflexão educacional constitui uma focalização político- social. Uma educação política.⁵⁷

Na visão de Adorno, a educação pós-Esclarecimento torna-se um modelo de semiformação, na medida em que a cultura, tomada como base, está submersa na lama produzida pela sociedade burguesa. O autor mostra que não é possível dissociar cultura, educação, política e sociedade. Desta maneira, a formação do indivíduo está inteiramente ligada e conformada com a vida real. Não há a possibilidade de uma verdadeira emancipação em uma sociedade que tem suas bases fixadas em um solo de falsas condições, onde o real já está inserido em um plano sistemático. E é justamente nesse sentido que a Formação do homem no Esclarecimento torna-se um projeto natimorto, segundo Adorno, por também ser uma atividade prevista pelo poder dominante, transformando-se em veículo ideológico e promotor de uma semiformação. Adorno escreve que:

Quando o campo de forças a que chamamos formação se congela em categorias fixas — sejam elas do espírito ou da natureza, de transcendência ou de acomodação — cada uma delas, isolada, se coloca em contradição com seu sentido, fortalece a ideologia e promove uma formação regressiva.⁵⁸

A noção de autoconservação imposta aos homens teve um impacto tão devastador que, a partir do seu ‘epicentro’, o trabalho, tudo que se encontrava em volta foi completamente modificado. A primeira mudança ocorreu na divisão do trabalho que, por ter oportunizado ao burguês o seu objetivo de crescimento econômico e ascensão política à custa da alienação do trabalhador, deu início a um processo de apropriação, fragmentação e sistematização da formação cultural do indivíduo. Jay escreve que:

⁵⁷ MAAR, Wolfgang Leo. *À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa*, p.14-15.

⁵⁸ ADORNO, Theodor. *Teoria da semicultura*, p.389.

A contradição irreduzível mais fundamental [...] é a divisão entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, que está na base da dialética do iluminismo. A tensão entre a cultura definida no sentido elitista e a cultura como modo de vida é um produto dessa divisão. Uma das principais aspirações de Adorno foi superar essa divisão.⁵⁹

Se há uma divisão do trabalho, há também uma divisão da cultura. A primeira impressão sobre as conferências radiofônicas de Adorno – reunidas no livro *Educação e Emancipação* – é que se trata de uma obra direcionada ao estudo da pedagogia. No entanto, desde que lidas com atenção, é possível observar que refletem uma preocupação de Adorno em relação à experiência formativa – seu estado de deterioração na sociedade de consumo e sua importância para a emancipação do homem. Ele discute, principalmente, a formação voltada apenas para o uso técnico, estimulada principalmente pela divisão do trabalho – que suprime a presença de um conteúdo ético, mantendo todo o processo de maneira autônoma e isolada –, não considerando a inserção social que a formação verdadeiramente necessita.

Na *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer mantêm a sua posição contrária acerca de uma formação da consciência de si com base na influência da autoconservação e no uso da técnica. Para eles, o resultado negativo deste embasamento é que todo o pensamento volta-se ao caráter de cientificidade tornando-se estático diante do real e

O pensar reifica-se num processo automático e autônomo, emulando a máquina que ele próprio produz para que ela possa finalmente substituí-lo. O esclarecimento põe de lado a exigência clássica de pensar o pensamento – a filosofia de Fichte é o seu desdobramento radical – porque ela desviaria do imperativo de comandar a práxis, que o próprio Fichte, no entanto queira obedecer. O procedimento matemático tornou-se, por assim dizer, o ritual do pensamento. Apesar da autolimitação axiomática, ele se instaura como necessário e objetivo: ele transforma o pensamento em coisa, em instrumento, como ele próprio o denomina.⁶⁰

Depois de introduzir a noção de ‘passividade da cultura’, Adorno traz à tona a idéia de ‘passividade do pensamento’, explicando que, com a técnica, o pensamento humano, resultado de repetições, tornou-se um mero receptáculo de informações. Ao desenvolver o conceito de passividade do pensamento humano, o autor deixa claro que, nesta instância, não há lugar para a vivência de experiências e, sendo assim, não é possível, a seu ver, a emancipação, uma vez que é a experiência que permite uma

⁵⁹ JAY, Martin. **As idéias de Adorno**. São Paulo: Cultrix, 1988, p.103-104.

⁶⁰ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *O conceito de esclarecimento*, p.37.

relação entre homem e objeto e é desta relação que se configura uma espécie de dialética com a realidade, uma auto-reflexão, fornecedora da experiência formativa necessária para o processo emancipatório.

O conteúdo apropriado de uma experiência formativa para a emancipação, segundo Adorno, não diz respeito apenas a uma associação direta com o conhecimento, importando também como acontece o contato do homem com o objeto a ser conhecido, o que sugere uma mudança na concepção do próprio homem, visto agora como sujeito conhecedor e transformador da sua própria história.

Neste sentido, para vivenciar uma verdadeira experiência formativa é fundamental compreender o momento presente dentro do plano da constituição da história – como uma construção contínua –, abandonando, dessa forma, a passividade, isto é, a noção de curso pré-definido e sistematizado para os acontecimentos históricos. Tal postura confere à história (*hit et nunc*) um sentido de emancipação (consciência de si), onde presente e passado não sejam percebidos como desprovidos de uma mobilidade transformadora e nem admitidos apenas como pertencentes a um sistema dominante – a história necessita ser vista como composta por eventos sociais, eventos estes resultantes de ações humanas.

A ‘verdadeira cultura’ ou ‘cultura formativa’ é aquela, portanto, que possibilita ao homem a valorização do presente e o abandono de categorias pré-estabelecidas e de uma realidade sistematizada. A Semicultura, em contrapartida, é a forma encontrada pela burguesia para a imposição dessa sistematização e fixação da realidade. Aqui, neste ponto, é possível notar, mais uma vez, um retorno à questão das ‘falsas condições’ que Adorno toma como base em seus textos para justificar o fracasso desses projetos para emancipação. O autor considera o Esclarecimento, a autoconservação, a educação e a cultura como condições falsas para o desenvolvimento humano, porque, na sua visão, não possuem uma relação direta com a práxis. Para ele, a consequência deste distanciamento é que:

Tudo se reduziria a mera abreviatura de fatos, que, intactos, ficariam aquém do científico e do significativo. Sem dúvida, tanto a tese da necrose da formação cultural como a da socialização da semicultura ou semiformação, de sua difusão nas massas, teriam que se chocar com os dados empíricos. O modelo da semiformação, todavia, caracteriza hoje a camada dos empregados médios, ficando claro que seria tão impossível especificar univocamente tanto seus mecanismos nas camadas propriamente baixas quanto a consciência nivelada tomada de modo global.⁶¹

⁶¹ ADORNO, Theodor. *Teoria da semicultura*, p.395.

Se para Adorno e Horkheimer o Esclarecimento é totalitário no sentido de um amplo domínio na sociedade, a Semiformação também o é. O indivíduo semiformado é aquele que foi ‘construído’ para um mundo ‘administrado’, ou seja, ele pertence a um mundo cujo “espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido não antecede à formação cultural, mas a sucede”⁶². Conforme explica Adorno, a semicultura (ou semiformação*) reproduz, na cultura pós-Esclarecimento, o mesmo modelo de indivíduo obrigado a renunciar a sua ‘identidade’, como acontecia nos primórdios da formação pelo projeto do Esclarecimento. Estas renúncias, fundamentadas em uma razão uniformizadora e totalizadora, se apresentam com as mesmas características no homem semicultivado da era industrial. É justamente por esse motivo que “apesar de toda ilustração e de toda informação que se difunde (e até mesmo com sua ajuda) a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual [...]”⁶³.

Adorno explica também que a preocupação da burguesia em dedicar-se à cultura existe porque esta classe a reconhece como uma via eficaz, tanto para a emancipação do homem, como para a formação da consciência de si. De acordo com o autor, o interesse burguês proporcionou uma supervalorização da cultura, que ganhou certa ‘autonomia’ diante do real, tornando difícil qualquer esboço de emancipação ou de ‘revolução’ por uma via intelectual. A cultura foi revestida por uma ‘blindagem’, a qual a tornou auto-suficiente e naturalmente convertida em um valor, um bem. Assim a cultura deixa de contemplar uma relação necessária com o social e, auto-suficiente, se converte em semicultura. Conseqüentemente toda formação que se apropria dessa matéria-prima se torna semiformação.

Aqui cabe perguntar se a cultura – em uma sociedade totalmente administrada, cujos valores foram convertidos a simples mercadoria com poder de troca – tem realmente condições de emancipar o homem. Sobre esta questão, Adorno pensa que:

O duplo caráter da cultura nasce do antagonismo social não-conciliado que a cultura quer resolver, mas que demanda um poder, que, como simples cultura, não possui. Esse desejado equilíbrio é momentâneo, transitório. Na hipóstase do espírito, mediante a cultura, a reflexão glorifica a separação social colocada entre o trabalho do corpo e o trabalho do espírito.⁶⁴

⁶² ADORNO, Theodor. *Teoria da semicultura*, p.388.

* O indivíduo semiformado é aquele formado pela semicultura. Por esse motivo que *Bildung* é o mesmo que o processo e o resultado da Formação Cultural.

⁶³ *Ibidem*, p.388-389.

⁶⁴ *Ibidem*, p.390.

Nos dias atuais, a sociedade comporta-se com relação à cultura da mesma maneira que se postava no pós-Esclarecimento, isto é, se espera ainda que, por intermédio de uma revolução cultural, a humanidade se converta em uma sociedade igualitária, livre e baseada em valores éticos. Nesta direção, a burguesia ataca em duas vertentes: por um lado, semiforma o homem a partir de uma formação técnica e repetitiva, mantendo-o sob controle em categorias fixas, e, por outro, incute e estimula na coletividade a antiga imagem da cultura como ‘última saída’ para uma emancipação, a fim de legitimar a idéia de uma sociedade livre e democrática.

A cultura torna-se uma espécie de organismo vivo e independente. Este isolamento faz parte de um plano previamente articulado para afastar a cultura do mundo da práxis, abrindo assim as portas para a ascensão cultural de domínio técnico.

Toda formação será sempre regressiva, desde que o combustível utilizado para alcançá-la seja proveniente de uma cultura que tenha como finalidade maior pensar a natureza como uma síntese, ignorando a presença humana na construção de experiências, uma vez que tal tipo de cultura, não possui nenhuma correspondência com o mundo da práxis, prerrogativa de todo e qualquer processo cultural e formativo.

Adorno afirma que para a construção de uma teoria da semicultura não se pode projetar uma imagem santificada da cultura. Neste sentido, defende a idéia de que falar sobre o conceito de cultura contraria o próprio juízo de cultura, na medida em que essa ação, típica de uma burguesia industrial, já contém uma espécie de embrião de uma esquematização que a conduz para a esfera da reificação. Para ele, conceituar cultura foi também importante para torná-la parte do esquematismo, e, com isso, criar a sua divisão entre alta e baixa cultura. No entanto, para Adorno, segundo Jay, esta não é uma tarefa a ser resolvida pela própria cultura:

Mas ele [Adorno] reconhecia que a solução jamais poderia ser atingida no âmbito da própria cultura, assim como não poderia provir do colapso da alta cultura na vida cotidiana do presente, pois esta só serviria para negá-la sem concretizar seu potencial emancipatório.⁶⁵

A definição antropológica de cultura abrange a vida como um todo, práticas, rituais, instituições, idéias e imagens. Já na definição elitista, a cultura corresponde à arte, filosofia, literatura, formação cultural, etc., e seus objetivos, por conta destes referenciais, correspondem ao que a burguesia chama de ‘objetivos humanizadores’

⁶⁵ JAY, Martin. **As idéias de Adorno**, p.104.

para homens emancipados. Na percepção adorniana, uma cultura corrompida não pode resolver nem o problema da divisão cultural, nem o confronto entre suas definições antropológica e elitista. No entanto, Adorno afirma que, em um mundo administrado, toda cultura desemboca em uma semiformação, o que, por sua vez, configura e confirma a sua cumplicidade com o sistema dominante. Em um dos aforismos do livro *Mínima moralia*, “A criança com a água do banho”, Adorno ataca a cultura de maneira incisiva:

Entre os temas da crítica da cultura, o da mentira é de longa data central; que a cultura simula uma sociedade digna do homem, que não existe; que ela encobre as condições materiais sobre as quais se ergue tudo que é humano; e que ela serve com seu consolo e apaziguamento, para manter viva a má determinação econômica da existência. Esta é a concepção de cultura como ideologia, tal como a possuem em comum, à primeira vista, a doutrina burguesa do poder e seus adversários, Nietzsche e Marx. Mas, precisamente essa concepção, do mesmo modo como todas as invectivas contra a mentira, possuem uma tendência suspeita a tornar-se, ela própria, ideologia.⁶⁶

Adorno observa a cultura como semiformação – na citação denominada ‘mentira’ – a partir do momento que essa passa a apresentar à sociedade um *modus vivendi* criado pelo poder dominante, e que só serve a ele próprio. Na medida em que o novo modo de viver é imposto, cria-se uma pseudo-sociedade que, por ser artificial, não carrega consigo uma ‘realidade humana’, não permitindo, assim, a possibilidade de se estabelecer experiências com ela.

Essa opinião firme de Adorno sobre a cultura, como mentira ou como tendência ideológica, possui um fundamento: na Alemanha do século XVIII, a palavra *kultur* (cultura) tem uma conotação direta como construção da *zivilisation* (civilização). Os alemães acreditavam que a condução de sua nação para a chamada civilização tinha que ter como base a cultura elitista, que, por sua vez, combatia com fervor a noção de uma cultura de costumes (antropológica). Adorno sabia que com essa divisão todo o caráter emancipatório de uma formação cultural seria inviável e que isso a tornaria um alvo fácil para as investidas do poder dominante.

Daí a postura crítica adotada por Adorno sobre a verdadeira formação* como aquela que contemplasse o melhor desses dois mundos: a esfera prática da vida dos homens e uma dimensão formativa ‘científica’ que levasse a um caráter estritamente

⁶⁶ ADORNO, Theodor. *Mínima moralia*, p.36.

* Para Adorno, o exemplo de uma cultura e conseqüentemente de uma formação autêntica seria a obra “*A Flauta Mágica*” de Wolfgang Amadeus Mozart e do seu amigo Emanuel Schikaneder que teve sua estréia em 1791 que reúne em si elementos clássicos e populares.

subjetivo. Na visão adorniana, toda formação que não considere o mundo subjetivo será sempre caracterizada como semiformação.

As tentativas pedagógicas de remediar a situação se transformaram em caricaturas. Toda a chamada "*educação popular*" — a escolha dessa expressão demandou muito cuidado — nutriu-se da ilusão de que a formação, por si mesma e isolada, poderia revogar a exclusão do proletariado, que sabemos ser uma realidade socialmente constituída.⁶⁷

Como forma de compensação, ao 'homem industrial' – afastado do direito de uma verdadeiro desenvolvimento espiritual, subjetivo – é oferecido um tipo de formação que mais se assemelha a uma ideologia do que à cultura. É a chamada educação popular, cujas características refletem uma formação distanciada 'das coisas humanas' e da realidade de desigualdades sociais produzidas de forma premeditada pelo estado burguês. A educação popular, também distante da práxis, traz a promessa de uma emancipação do proletariado, grupo que não surgiu na sociedade como um acontecimento natural, e sim como mais uma outra construção social de quem detém o controle.

No seu livro *Educação e Emancipação*, especificamente no texto também intitulado *Educação e Emancipação*, Adorno responde a uma pergunta de Hellmut Becker* acerca do conceito de emancipação ligado a teorias pedagógicas:

Contudo, o que é peculiar no problema da emancipação, na medida em que esteja efetivamente centrado no complexo pedagógico, é que mesmo na literatura pedagógica não se encontre esta tomada de posição decisiva pela educação para a emancipação, como seria se pressupor – o que constituiu algo verdadeiramente assustador e muito nítido. [...] Mas, no lugar de emancipação, encontramos um conceito guarnecido nos termos de uma ontologia existencial de autoridade, de compromisso, ou outras abominações que sabotam o conceito de emancipação atuando assim não só de modo implícito, mas explicitamente contra os pressupostos de uma democracia.⁶⁸

Mesmo que a burguesia tenha vinculado uma educação popular ao projeto de emancipação do indivíduo, não deveria caber a essa pedagogia contaminada a responsabilidade de conduzir o homem para uma emancipação, como vimos anteriormente acontecer com a cultura, que ficou incumbida de carregar o peso de estabelecer a liberdade do indivíduo pela razão.

⁶⁷ ADORNO, Theodor. *Teoria da semicultura*, p.392.

* Educador e então diretor do Instituto de Pesquisas Educacionais da Sociedade Max Planck.

⁶⁸ ADORNO, Theodor. *Educação e emancipação*. In: _____. **Educação e emancipação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p.172.

A incapacidade da educação de exercer uma emancipação legítima reforça ainda mais a crise do projeto de formação do indivíduo, por se assemelhar a um propósito de adaptação e integração que Adorno se refere como alicerçado em uma espécie de ‘cartilha’ que impõe mais ‘compromissos’ e comportamentos reificados para uma ordem administrada. É a formação por si mesma, fundamentada em seus próprios parâmetros, sem referências e sem vínculos com o real.

Na visão de Adorno, a semicultura amplia a “contradição entre formação cultural e sociedade”⁶⁹ pela facilidade com que consegue se disseminar. Ele destaca que a cultura técnica se sobrepôs a todos os outros veículos que exerciam um caráter formativo ou mesmo de autoridade sobre o homem, a exemplo da Teologia. Conforme destaca o autor, essa autoridade foi suplantada pelos bens culturais, principalmente pela televisão, que fez com que a classe média baixa, destituída do privilégio da formação, visse os produtos da indústria cultural como único meio de se inserir no processo formativo burguês.

A autoconservação e a semicultura, nas observações de Adorno, consolidaram pólos opostos no âmbito social, não só no que tange à distinção entre classes, mas também no que diz respeito à forma como conduziram o homem a tratar sua própria consciência de si no âmbito das suas relações, dentro do processo formativo e no interior do próprio sistema (posição social). Para o autor, estes pólos distintos seriam representados, de um lado, pela ‘consciência’ manipuladora da sociedade burguesa, e, de outro, pelo proletariado, que devido às dificuldades impostas a ele, foi obrigado a manter-se distante do projeto de formação real por se considerar apenas sujeito produtor das relações de produção. Neste caso, pode-se afirmar que onde a formação não se faz presente, a ideologia encontra solo fértil para se estabelecer.

Embora nada tenha mudado de substancial no tocante ao fundamento econômico das relações — o antagonismo entre o poder e a impotência econômica — nem quanto aos limites objetivamente fixados da formação cultural, a ideologia se transformou de uma maneira muito mais radical. A ideologia encobre amplamente a grande cisão, inclusive àqueles a quem cabe suportar-lhe a carga. Estes ficaram emaranhados na rede do sistema durante os últimos cem anos. O termo sociológico para isso se chama *integração*.⁷⁰

Adorno denuncia que a integração é também um engodo, porque se, por um lado, faz com que o indivíduo se perceba como parte do sistema, por outro, ao mantê-lo

⁶⁹ ADORNO, Theodor. *Teoria da semicultura*, p.393.

⁷⁰ *Ibidem*, p.393-394.

nele ‘integrado’, o submete a um controle ideológico constante. Na percepção adorniana, a ‘integração’ é uma extensão da semicultura (como formação), que propõe que os bens culturais levantem-se como uma espécie de ‘redenção’ ao homem, inundando de informações a quem até então não participativa da formação cultural, como se, subitamente, se apropriassem desses.

“O fato de Adorno mostrar-se especialmente antipático com relação àquilo que passava por cultura popular é, não obstante, inegável”⁷¹. No entanto, Adorno chama atenção que a apropriação de bens culturais não implica ‘domínio’ destes. Neste sentido, não adiantou mergulhar o homem em um ‘oceano de cultura’ vendida sob a chancela de integração, se a mesma se encontra deteriorada desde suas bases. Além disso, a conquista desses novos bens fez com que, cada vez mais, o proletário não se reconhecesse apenas como um produto dentro da subversão do ideal formativo do trabalho. Agora ele é integrado à sociedade também como consumidor.

Mas o fato de que os milhões que antes nada sabiam desses bens e que agora se encontram inundados por eles estejam muito precariamente preparados para isso, nem mesmo do ponto de vista psicológico, talvez não seja ainda o mais grave. As condições da própria produção material dificilmente toleram o tipo de experiência sobre a qual se assentavam os conteúdos formativos tradicionais que se transmitiam. Por isso, tudo o que estimula a formação acaba por contrair-lhe os nervos vitais.⁷²

Toda formação pós-Esclarecimento é uma semiformação; é a cultura como veículo para a alienação. A leitura adorniana sobre a semicultura, importante observar, parte sempre de uma avaliação da cultura pós-Esclarecimento inserida em um contexto sócio-econômico e político, uma vez que é neste âmbito que vive o ‘indivíduo emancipado’, aquele que apenas se integra ao quadro social através da venda de sua força de trabalho, furtando-se completamente da vivência de experiências, já que a alienação e o espírito objetivo acontecem quando ele próprio se anula ao não se reconhecer como construtor da sua história.

A semiformação só reflete a impotência do homem e expõe tanto a sua necessidade inconseqüente de domínio, bem como a sua fragilidade diante da natureza. É pela *integração* que a cultura se torna uma ‘mentira’ para Adorno, por oferecer um mundo baseado em falsas condições, capazes tão somente de ampliar a impotência do homem diante do poder da natureza. A integração se apresenta como formação para

⁷¹ JAY, Martin, **As Idéias de Adorno**, p. 105.

⁷² ADORNO, Theodor. *Teoria da semicultura*, p.394.

emancipação e sugere a presença da razão nos bens culturais, dando uma impressão de proximidade entre as classes. Assim “*a integração é ideologia, é também, por ser ideologia, frágil, desmoronável*”⁷³

Ao elaborar o conceito de semicultura, Adorno revela que um semiculto não é tão somente aquele indivíduo que tem pouco acesso à cultura, mas também quem possui largo acesso à informação. A semicultura, na visão do autor, é mais do que uma ‘incultura’; trata-se de uma exploração consciente do estado de ignorância e de vazio do espírito que surge também com a perda da tradição pelo ‘desencantamento do mundo’. A semiformação, ao reforçar a sua característica de integração, torna-se unicamente dominação, cessa o processo de Formação Cultural, esgotando seu momento de liberdade, evitando a perspectiva ‘revolucionária’ da cultura. Com esta linha de raciocínio, Adorno denuncia que a cultura atende a um fator de regressão.

Por esse motivo, o filósofo defende o ponto de vista que a formação cultural necessita não permanecer apenas no campo teórico, mas se voltar também para a práxis da sociedade, pois o objetivo primordial de qualquer projeto formativo será sempre o homem. Adorno demonstra que a inviabilidade da proposta da *bildung* se deu pelo uso inadequado da razão em certas instâncias práticas e teóricas, o que ocasionou diversas conseqüências desastrosas, como a crescente autonomia da cultura – que provocou seu distanciamento da liberdade –, a conversão dessa em mercadoria e sua incapacidade de acompanhar a constante mutabilidade das relações humanas. No entanto, o pior ainda estaria por vir. Adorno fala sobre a principal conseqüência da semiformação e da ausência da práxis humana como objetivo da cultura formativa:

Max Frisch observou que havia pessoas que se dedicavam, com paixão e compreensão, aos chamados bens culturais, e que, no entanto, puderam se encarregar tranqüilamente da práxis assassina do nacional-socialismo. Tal fato não apenas indica uma consciência progressivamente dissociada, mas sobretudo dá um desmentido objetivo ao conteúdo daqueles bens culturais — a humanidade e tudo o que lhe for inerente — enquanto sejam apenas bens, com sentido isolado, dissociado da implantação das coisas humanas. A formação que se esquece disso, que descansa em si mesma e se absolutiza, acaba por se converter em semiformação.⁷⁴

⁷³ ADORNO, Theodor. *Teoria da semicultura*, p.394.

⁷⁴ *Ibidem.*, p. 389.

Em um dos seus quadros, o pintor espanhol Goya tem a seguinte frase: “*O sono da razão produz monstros*”^{*}. Já na observação de Adorno, a ausência de impressões humanas na cultura produziu o maior dos monstros que a humanidade jamais viu: Auschwitz. Daí se justifica toda a sua veemência em se opor a uma alta cultura que não permite a inserção de um objetivo humano nos projetos formativos. O povo alemão, como já dito, em busca da afirmação da superioridade da sua *zivilisation* e de sua identidade cultural, estimulava cada vez mais esta cultura elitista. O resultado desse isolamento da cultura como algo superior à sociedade levou a Alemanha, por exemplo, a inserção de totalitarismos no seu interior de sua sociedade.

Adorno iniciou o texto *Educação após Auschwitz* com uma contundente afirmação: “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível e nem necessário justificá-la”⁷⁵. Nesse texto, o autor nos mostra que foi através da cultura (formação cultural) e de uma irracional necessidade de se tornar uma nação com uma identidade própria e superior, subvertendo até a noção de domínio da natureza, que a Alemanha produziu a maior barbárie que se poderia imaginar, pois “o espírito germânico de confiança na autoridade foi responsabilizado pelo nazismo e também por Auschwitz”⁷⁶. Para ele, Auschwitz é a síntese da conseqüência da semiformação, é a subversão total de instâncias práticas formativas de liberdade do homem como educação, cultura, Emancipação, política, domínio da natureza, formação, razão etc.

Segundo Adorno, o que produziu o horror do nazismo e toda a política anti-semita se apresentou à humanidade sob o signo de uma boa intenção, prometendo a emancipação do homem pela cultura e a constituição de identidade de um povo civilizado. Isto justifica a enorme preocupação com a formação cultural e a semiformação encontrada na filosofia adorniana. De forma clara, o autor mostra a importância de se resgatar e assegurar ao homem um pensamento autocrítico, a consciência de si e uma maior participação no contexto sócio-político de toda experiência formativa.

O ponto crucial do mundo administrado, segundo Adorno, é o fato que este cria uma concepção inédita de que não seria mais necessário remeter-se à natureza e às

* *El sueño de lá razón produce monstruos*; Um quadro de Francisco José de Goya y Lucientes (datado de 1799 que faz parte de uma seleção de quadros chamada *Los Caprichos*).

⁷⁵ ADORNO, Theodor. *Educação após Auschwitz*. In: **Educação e emancipação**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995. p.119.

⁷⁶ *Ibidem*, p.123.

pulsões humanas como uma referência para garantir a liberdade e a emancipação. Neste novo mundo, a cultura se torna uma forma incomum de domínio e repressão, ao mesmo tempo em que se transforma em um engodo ao afiançar ao indivíduo uma formação cada vez mais técnica, além de integrá-lo ao sistema pela autoconservação. A cultura, assim, tornou-se um alvo fácil de mais uma dessas investidas por um controle totalizador da sociedade pela burguesia, e sua premissa de libertar o homem se torna, na verdade, o seu aprisionamento. O que seria uma chave torna-se um grilhão.

Enquanto tratada como ‘bens culturais’ e veículo ideológico, está assegurado à cultura o seu valor de troca e de livre circulação no mundo reificado. No entanto, dissociada da práxis, não só a cultura se distancia da realidade social, mas a própria razão se torna cada vez mais instrumental. Logo, o êxito de uma formação pela cultura, que deveria ser por meio de uma apropriação subjetiva, torna-se insistentemente uma aplicação objetiva.

A cultura, enquanto um bem, não mantém uma ligação com as pulsões humanas. Se a ‘verdade’ é, ela mesma, artificial e produzida em um reino dominado pelo controle absoluto, à cultura resta apenas transformar-se em um veículo dessa mesma produção nos âmbitos político, ideológico, educacional e de entretenimento. É por isso que surge, então, um novo conceito de formação na sociedade esclarecida, com base na substituição de *kultur* por *kulturindustrie*. Será tema do próximo tópico a noção de indústria cultural como um fenômeno (social, político e econômico) observado por Adorno e Horkheimer em suas implicações internas e externas ao homem.

3.2 A CULTURA COMO LOTOFAGIA

Este tópico tem como finalidade central analisar, a partir de uma perspectiva adorniana, de que maneira a industrialização cultural do pós-Esclarecimento interfere diretamente no ideal formativo e emancipatório do homem. No propósito de alcançar tal objetivo, faz-se necessário, inicialmente, compreender a noção de indústria cultural criada por Adorno e Horkheimer – inclusive o contexto histórico de sua origem e a necessidade da sua formulação – e, em seguida, refletir sobre a posição adorniana

acerca de outras questões que tratam da relação entre indústria cultural e cultura de massas e do significado e da profusão de efeitos oriundos das noções de integração e higienização cultural.

Para responder tais questionamentos, recorreu-se, principalmente, a uma leitura aprofundada do texto *Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas* – que faz parte da obra *Dialética do Esclarecimento*, escrita por Adorno e Horkheimer, e a outros textos, como *Teoria da Semicultura e A Indústria Cultural*⁷⁷, e alguns aforismos de *Mínima moralia*, da autoria de Adorno, além dos escritos de certos comentadores, entre eles Martin Jay e Rodrigo Duarte. Estas leituras se mostraram importantes na investigação da visão de Adorno de cultura como subproduto sócio-político, que a construiu a partir da sua percepção do controle ideológico que esta passou a exercer quando transformada em bem cultural, assim como sua efetiva atuação no aparecimento e na manutenção do processo de formação regressiva presente na sociedade pós-Esclarecimento.

O período considerado mais fecundo da trajetória de Adorno e Horkheimer coincide com a seu exílio nos Estados Unidos, quando, trazendo como referências européias a ascensão da máquina nazista e a difusão da propaganda de guerra, se depararam e se chocaram com o avanço da publicidade, do cinema, do rádio e da propaganda comercial norte-americana. O auto-exílio na América do Norte possibilitou a Adorno e Horkheimer entrar em contato e refletir sobre as conseqüências de uma indústria produzida em escala industrial. Foi nessa ocasião que, juntos, escreveram o livro *Dialética do Esclarecimento* – publicado em 1947 – e nele veicularam, pela primeira vez, o termo indústria cultural, expressão que foi cunhada para substituir outra, cultura de massa, mais antiga e muito usada, mas, a partir de então, abandonada, em virtude de uma diferente forma de produção e consumo da cultura – em ritmo industrial – que agora estava sendo conhecida e avaliada por estes filósofos. Na percepção de Adorno e Horkheimer, um novo tipo de cultura emergia nas sociedades administradas americana e do resto do mundo, em conseqüência de uma nova realidade formativa e cultural produzida pelo pós-Esclarecimento.

Como explicado anteriormente, após a Revolução Industrial, a noção de liberdade passou a ser representada pela idéia de homem culto como sinônimo de

⁷⁷ ADORNO, Theodor. *A indústria cultural*. In: CONH, Gabriel (org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1986, p. 92-99. Baseia-se na transcrição de conferências radiofônicas realizadas em 1962 na Alemanha. Extraído da publicação original: ADORNO, Theodor. *Resume über Kulturindustrie*. In: _____. **Ohne Leitbild**. Frankfurt: Suhrkamp, 1967, p.60-70.

emancipação. Tal noção foi freqüentemente defendida e intensamente difundida pela burguesia, o que confirmava, cada vez mais, a importância da cultura no seio da sociedade capitalista. No entanto, essa mesma cultura – que propunha, ao menos teoricamente, a liberdade do homem, encontrava-se, nas palavras de Adorno, ‘danificada’ por bases ideológicas e voltada para a apropriação da natureza pela técnica.

Adorno constatou que à medida que, no pós-Esclarecimento, se criava uma distância entre as pulsões humanas e uma razão técnica, a cultura se afundava mais e mais no processo de coisificação. Foi assim que no mundo administrado, a cultura, inevitavelmente, converteu-se em mercadoria, e passou a ter a função de informação – em vez de formação – e entretenimento. O pensamento e a cultura transformaram-se em ‘mero saber’, uma vez que, naquele contexto, serviam, apenas, como ferramenta de mobilidade do capital econômico ou ideológico, simplesmente qualificando o indivíduo para o mercado de trabalho, como afirmam Adorno e Horkheimer.

Na opinião de Adorno no livro *Educação e Emancipação*, este tipo de cultura obedecia ao critério da superficialidade, porque, conforme ele avalia, tudo que é ligado a um processo cultural, em que se exige uma relação entre a experiência e o conhecimento, torna-se inútil diante de uma formação baseada em factóides. Desta forma, conclui Adorno, a própria noção de formação de um espírito subjetivo não cabe em um modelo de sociedade baseado nas esteiras da indústria do consumo, porque leva o indivíduo a anular seu caráter auto-reflexivo.

Nesta sociedade de consumo, o filósofo enfatiza, de um lado, uma cultura técnica cada vez mais regressiva, e, de outro, o avanço industrial, que amplia também a noção de autoconservação pelo trabalho, relacionando e apontando tais fatores como causa da ilusão do proletariado em se ver como parte integrante da sociedade, desejando, assim, obter os mesmos direitos que os burgueses. No entanto, Adorno e Horkheimer denunciam que os direitos oferecidos a esta classe, pela sociedade industrializada, se resumem ao consumo, e é este consumismo exagerado – que não distingue, por exemplo, as mercadorias das prateleiras dos supermercados das obras expostas nas galerias de arte – que atinge o setor cultural e faz emergir a indústria cultural – uma noção de cultura bastante diferente da que se pregava, direcionada para a utilização direta e imediata dos bens culturais e, conseqüentemente, também extremamente preocupada com sua produção em larga escala, uma vez que precisa atender a uma enorme contingente de pessoas menos favorecidas economicamente, mas que pretendem assemelhar-se à burguesia, e, portanto, gastar como ela.

Para Adorno e Horkheimer, a expressão ‘cultura de massa’, utilizada antes, carrega consigo a idéia de uma cultura que surge espontaneamente do seio popular, resultante da relação entre conhecimento e experiência das classes mais baixas, atendendo ou tendo como referências seus hábitos, tradições, experiências, costumes, religião, etc. Eles destacam, entretanto, que na sociedade técnica, a cultura – destituída do seu viés subjetivo, porque transformada em mercadoria (bem cultural), e produzida pelo sistema para fins ideológicos e comerciais – passa a ser assimilada tão somente pelo seu lado objetivo. É esta percepção que leva estes autores a revelarem o que consideram o mais grave no que diz respeito à produção, ao acesso e ao consumo cultural em série: o desaparecimento, na era industrial, da possibilidade de uma cultura genuinamente popular, na medida em que, neste contexto sócio-político e econômico, mesmo o que surge como popular é, na verdade, fruto do já conhecido sistema dominador que gera, legitima e impõe novos padrões (modelos) para todo o processo de criação e assimilação cultural.

De acordo com Adorno e Horkheimer, a troca da expressão cultura de massa por indústria cultural, por esta representar melhor a realidade cultural pós-Esclarecimento, é imprescindível, porque a idéia de que os produtos da indústria cultural emergem de um anseio popular, como acontece na cultura de massa, é equivocada, pois tanto sua fabricação, quanto seu consumo são estimulados pelo sistema vigente de maneira vertical, hierárquica, isto é, na sociedade industrializada, o que se produz nas fábricas obedece à lógica do mercado e o consumo destes bens culturais é imposto ao indivíduo, que não tem, realmente, nenhuma oportunidade/liberdade de escolha. “Adorno jamais duvidou da direção da dominação cultural. Por essa razão, ele e Horkheimer preferiam o carregado termo “indústria cultural” a cultura popular ou mesmo cultura de massa”⁷⁸.

Nos textos da *Dialética do Esclarecimento*, os autores insistem em demarcar claramente as diferenças entre indústria cultural e cultura de massas utilizando como critério as relações distintas que cada uma delas mantém com a sociedade e com o próprio homem. Uma marcante diferença que pode ser aqui destacada é o grau de experiência presente na atividade artística da dita cultura de massas, bem distinto da cultura pré-fabricada: enquanto, desde a sua criação, aquele tipo de arte carrega consigo impressões culturais legítimas que contemplam a experiência e a tradição de determinado povo – o que serve para elevá-lo ao patamar de patrimônio cultural,

⁷⁸ JAY, Martin, *As Idéias de Adorno*, p. 108.

mantendo-o vivo ao longo da história – esta, produzida em série, é completamente desprovida da presença humana, por se tratar de modelos de arte a serem seguidos. Além de serem produções esvaziadas, desprovidas de ‘alma’, tem também, como característica principal, a efemeridade – é um tipo de arte natimorta, seu tempo de vida é predeterminado – e, ainda, o poder de converter manifestações tradicionais e autênticas em mercadoria, já que seu único vínculo social é com o lucro burguês.

Adorno e Horkheimer afirmam que as peculiaridades da sociedade industrial, principalmente no que diz respeito à cultura, são provas evidentes de que o Esclarecimento não cumpriu com a promessa de emancipação do indivíduo. O desenvolvimento da técnica, da ciência e, agora, do acesso à cultura não trouxe a liberdade e a felicidade para o ser humano. Todo exercício da indústria cultural, sem dúvidas, atende à obstinação do lucro, fomentada pela esperança do homem de se tornar livre de qualquer domínio e da formação do espírito.

Pensando sobre a questão da qualidade da cultura e da arte na sociedade pós-Esclarecimento, Adorno e Horkheimer afirmam que, com o aparecimento e o estabelecimento de uma nova realidade econômica, responsável pela industrialização da cultura, todo produto cultural e artístico ligado à formação do indivíduo – antes privilégio do ‘mandarinato’ cultural* – perdeu seu valor de “*aqui e agora*” – isto é, seu caráter formativo e seu valor de experiência e tradição – e passou a pertencer a uma nova categoria, denominada de ‘espírito popular’ como explica Adorno na *Teoria da Semicultura*, que se refere à conversão da arte em um grau de fácil assimilação, a fim de torná-la mais audível, plausível e verossímil a esse novo mercado composto por novos consumidores desprovidos de um preparo intelectual por serem homens semiformados.

Neste sentido, de acordo com Adorno e Horkheimer, a cultura e a arte – negadas até então à grande maioria, por se encontrarem sob o domínio da alta sociedade burguesa – tornam-se mais acessíveis às pessoas comuns, mas com uma qualidade equivalente à ‘capacidade’ instrumental dos seus respectivos consumidores. A maior prova disso, segundo Adorno, na *Teoria da Semicultura*, era a busca constante, por parte da classe proletária, de bens culturais construídos nas esteiras das fábricas para fins de uma formação, mas de baixo custo e barbaramente adaptadas a uma linguagem de fácil assimilação. No texto *Teoria da Semicultura*, o autor declara que a simples busca por este tipo de formação cultural já demonstra a derrocada do processo

* Expressão utilizada por Rodrigo Duarte (1997) quando se referia a burguesia que controlava a produção cultural.

formativo do espírito.

A cultura regressiva do pós-Esclarecimento é um tipo de cultura direcionada exclusivamente para o consumo das massas. Sua produção, não espontânea, é, cada vez mais, incitada pelo sistema capitalista para que o homem seja cercado do domínio ideológico por todos os lados. Também no texto *Teoria da Semicultura*, junto com a questão da semiformação e da semicultura, Adorno trata do tema da indústria cultural, qualificando-a como categoria criadora e mantenedora de um ‘espírito popular’ através de seus produtos. Além disso, assume, do mesmo modo, uma postura crítica diante dos bens culturais produzidos em série, que, conforme afirma, contribuem para uma formação regressiva do homem. Tal posicionamento, obviamente, lhe rendeu muitas críticas por parte dos adversários, mas no entanto, analisado de forma parcial, vai de encontro a idéia de uma formação cultural, mas de um projeto legítimo que desperte o potencial crítico. A verdade é que os oponentes de Adorno e Horkheimer na obra que escreveram, defensores deste projeto, deixaram de considerar a perspectiva de domínio ideológico apontada por eles, e é exatamente este domínio que, em sua opinião, impossibilita a tão almejada emancipação pela razão proposta pelo Esclarecimento.

Para defender-se das injustas e infundadas críticas desferidas pelos seus opositores e mostrar as suas reais idéias sobre a formação humana, Adorno, ainda no texto *Teoria da Semicultura*, traz para o centro da discussão a questão das importantes obras produzidas ao longo da história do homem, as quais, na sociedade capitalista, são utilizadas pela indústria cultural como instrumentos para democratizar a formação cultural. Adorno denuncia que esta ação – aparentemente virtuosa – da indústria cultural, com o suposto propósito de popularização da cultura, não passa, na verdade, de uma artimanha da burguesia capitalista, uma vez que a indústria que se autodenomina realizadora do processo formativo pretende alcançar tal objetivo possibilitando, às massas, o acesso à leitura dos grandes clássicos da música, da filosofia, literatura, poesia etc., só que com seus conteúdos adaptados, reescritos em linguagem simplória e impressos no formato de *pocket books*.

De fato, seria insensato querer segregar tais textos em edições científicas, em edições reduzidas e custosas, quando o estado da técnica e o interesse econômico convergem para a produção massiva. Isso não significa, porém, que se deva ficar cego, por medo do inevitável, diante de suas implicações, nem, sobretudo, diante do fato de que entra em contradição com as pretensões imanentes de democratizar a formação cultural. Somente uma concepção linear e inquebrantável do progresso espiritual planeja com negligência sobre o conteúdo qualitativo da formação que se socializa como

semiformação. Frente a ela, a concepção dialética não se engana sobre a ambigüidade do progresso em plena totalidade repressiva.⁷⁹

Adorno insiste em provar que, ainda que estes bens culturais produzidos pela indústria cultural tenham, como declaram, uma intenção formativa, a formação obtida com eles, entretanto, não proporciona uma autêntica emancipação do homem – sua autoconsciência e autonomia – mas, uma formação universalizadora e totalizante que atende tão somente ao interesse maior do capitalismo, qual seja, o lucro.

O autor acusa que, com este estratagema da indústria cultural de adaptar, simplificar e reduzir os grandes clássicos produzidos pela humanidade, o que o pós-Esclarecimento quer, e realmente consegue, é incutir – no subconsciente do indivíduo que, ilusoriamente, busca uma formação – um juízo fundamental para o sistema vigente e sua classe dominante, de caráter eminentemente repressor e alienante: só abstraídas do seu conteúdo e linguajar originais, estas obras – tão grandiosas e, de antemão, consideradas de difícil compreensão – se adequarão ao atual nível intelectual dos homens – nível este, faz-se necessário destacar, resultado do processo de (semi)formação desenhado pelo próprio Esclarecimento – e, então, despertarão o interesse do consumidor comum, cumprindo, assim, sua função coercitiva e alienadora, porque destituídas de seu caráter formativo. Por esse motivo, Adorno “não tinha nenhum traço de fé no potencial emancipatório da tecnologia [...] e suas várias análises de novas tecnologias [...] costumava apontar, efetivamente, para os usos ligados à dominação”.⁸⁰

Adorno e Horkheimer destacam que o fenômeno da industrialização na sociedade capitalista mostra também sua inegável eficiência em imprimir no homem comum suas idéias repressoras e alienadoras quando o setor industrial fornece ao indivíduo uma espécie de escala de qualidade para todas as mercadorias fabricadas, possibilitando que cada pessoa ou grupo faça, naturalmente, a escolha de determinado produto por considerá-lo como aquele que está de acordo com o seu nível, com sua categoria econômica, intelectual, profissional etc. O problema, conforme acusa na *Teoria da Semicultura*, é que esta opção não se restringe apenas às compras de bens materiais produzidos para a massa, mas também abrange o consumo de bens culturais/artísticos também produzidos para a mesma clientela, via indústria cultural, afetando, assim, o processo formativo.

⁷⁹ ADORNO, Theodor. *Teoria da semicultura*, p.402.

⁸⁰ JAY, Martin, *As Idéias de Adorno*, p. 112.

Com mais esta denúncia, Adorno anuncia sua visão de arte e o valor que lhe atribui como instrumento formador do homem. Para ele, a produção e a reprodução de uma obra de arte não se dão sob um meio termo; a arte não permite uma ‘meia experiência’, da mesma forma que uma vivência pela metade não concorre positivamente para a libertação humana, pois “o entendido e experimentado medianamente – semi-entendido e semi-experimentado – não constitui o grau elementar da formação, e sim seu inimigo mortal”⁸¹.

Adorno utiliza-se da sua experiência pessoal como compositor e músico para explicar sobre o conteúdo dessa relação entre qualidade artística/nivelamento intelectual proposta pela indústria cultural para demonstrar o quanto esta correspondência, aparentemente vantajosa para o consumidor comum, é, na verdade, catastrófica para o processo de emancipação via formação cultural. O filósofo opina que o ‘semi-entendimento’ e a ‘semi-experimentação’, sobretudo da realidade cultural, se tornam elementos de formação confusos e obscuros, sem possibilidades de assimilação. Para ele, todo conhecimento adquirido a partir desta correspondência despótica apenas proporciona “certa opacidade dogmática e um caráter de arbitrariedade confusa”⁸². Assim, voltando à questão dos grandes clássicos, que são produzidos industrialmente com seus conteúdos compactados e em formatos diminutos, afirma que a experiência adquirida resultante do contato com estas obras adaptadas e fragmentadas não possui, verdadeiramente, nenhum valor, uma vez que não proporciona, para quem as consome, um conhecimento aprofundado das suas mensagens e da visão de mundo dos seus autores, o qual poderia colaborar com seu crescimento e desenvolvimento pessoal. Neste sentido, ele pleiteia um contato direto e integral dos consumidores comuns com estas obras, o único tipo de contato capaz, a seu ver, de, ao mesmo tempo, preservar uma postura ética diante da própria obra e de seus respectivos autores, e garantir uma verdadeira emancipação.

Dando continuidade a sua avaliação crítica acerca da indústria cultural – que, com suas ações, cada vez mais se estabelece na sociedade capitalista sob a égide de promotora da libertação do homem –, Adorno revela que, além de gerar, como anteriormente explicado, uma falsa experiência no contato entre homem comum e bens culturais, esta indústria amplifica ainda mais sua influência no momento em que, realizando pesquisas para angariar um número ainda maior de consumidores,

⁸¹ ADORNO, Theodor. *Teoria da semicultura*, p.402.

⁸² *Ibidem*, p.403.

especulando acerca do seu estado de consciência e inconsciência, descobre que, para conseguir tal intento, precisa basear a produção dos seus bens culturais e artísticos em um nível ainda mais baixo, o *non-sense*. A partir desta descoberta, o que passa a determinar o tipo de cultura a ser produzida pela indústria cultural não é mais a sua qualidade de formadora humana, mas, simplesmente, a sua capacidade de entreter e divertir aquele que consome. Desta forma, o símbolo aviltante do entretenimento se transforma em critério fundamental para que um bem cultural seja encontrado nas esteiras das fábricas.

A partir de então, na sociedade capitalista, a ação controladora sobre o indivíduo, agora transformado em mero consumidor pela indústria cultural, é exercida pela diversão segundo Adorno e Horkheimer, e a formação cultural para a emancipação ganha um tratamento popularesco e sensacionalista do *entertainment*. Adorno mostra que a descoberta do poder do *non sense** como atrativo para o consumo de bens culturais faz surgir uma nova categoria, cujo mote – que antes, no afloramento do Esclarecimento, era o homem e a formação do espírito – passa a ser o entretenimento do público.

Como afirma criticamente Adorno, a cultura, sob o viés do entretenimento proposto pela industrialização cultural da sociedade vigente, se transforma tão somente em diversão, e é desta forma que é assimilada pelo proletariado como prolongamento do trabalho. Os trabalhadores buscam este entretenimento como uma fuga da mecanização e para revigorar-se da fadiga a que são submetidos na labuta diária das fábricas, sem se dar conta de que também nesta situação aparente de ludicidade se estabelecem as falsas condições que o impedem de perceber que até o seu próprio lazer é também pré-fabricado. Para o autor, o operário entretido não tem como escapar desta conjuntura, uma vez que a alienação substitui a consciência.

Todas as tentativas – mesmo as mais bem-intencionadas – de superar essa situação por meio de projetos de “educação popular” (*volksbildung*) padecem, segundo Adorno, do fato de que se crê que a tradicional exclusão do proletariado da cultura pode ser revogada pela ‘mera’ cultura, sem uma subversão na própria ordem burguesa que pressupõe e determina aquela exclusão. [...] E com isso, chega-se ao cerne da teoria adorniana sobre a semicultura, que é a idéia de que as camadas desfavorecidas da população, antes que tivessem podido se “formar” propriamente, tornaram-se facilmente presa da forma atual da ideologia, a

* A expressão *non sense* que é traduzida como “sem sentido” tem em Adorno o mesmo significado. Porém o “sem sentido” é como ele trata da cultura que não oferece qualquer referência formativa e sim do simples consumo e entretenimento

indústria cultural⁸³.

Adorno percebeu que, mesmo que mergulhada em um mar de pura ideologia – ou até mesmo por conta disso –, a sociedade moderna, em momento algum, viu com bons olhos qualquer crítica sobre a cultura produzida em larga escala. No entanto, ao elaborar sua teoria e apresentá-la no texto *Teoria da Semicultura*, no qual abordou a crise dos mecanismos de formação, Adorno declarou que para que suas proposições fossem realmente objetivas, claras e consistentes e pudessem, assim, ser compreendidas e aceitas, contribuindo para o debate acerca da emancipação do homem, a idéia de cultura precisava ser desnudada, despida, retirada do seu posicionamento sagrado e hierárquico onde foi colocada no pós-Esclarecimento, para que seu caráter regressivo na formação do espírito pudesse realmente ser descoberto e discutido.

Voltando ao tema do ataque sofrido pelos seus opositores, já citado antes, e relacionando-o à questão do debate em torno da importância da cultura proposto por Adorno, é possível afirmar que o filósofo alemão tinha consciência de que tanto sua atitude de procurar desvendar e divulgar o verdadeiro caráter da cultura do pós-Esclarecimento, quanto também seu posicionamento contra a sua produção em série foram os fatores responsáveis pelas severas críticas a que foi submetido – que lhe renderam a alcunha de ‘pensador das elites’ –, na medida em que seus adversários, sem entender realmente sua postura e o teor de suas idéias, o acusaram, como explicado anteriormente, de ser contra a formação cultural das massas. Adorno e Horkheimer, entretanto, preocupado em recuperar o verdadeiro caráter formativo da cultura, não recuou diante das ofensas dos seus oponentes, e, prosseguindo no seu propósito de demonstrar o efeito nocivo da industrialização cultural, trouxe também à tona, para discussão, a questão da integração cultural, outra noção muito valorizada na modernidade, porque relacionada à democratização do saber através da facilitação da aquisição de bens culturais.

Na visão do pós-Esclarecimento, o fenômeno da integração cultural, via popularização do acesso à cultura, tem a capacidade de igualar os indivíduos dentro da sociedade, fazendo com que não existam mais diferenças entre burguesia e proletariado no que se refere ao seu processo de formação. Seus defensores anunciam que, uma vez que todos têm, igualitariamente, as mesmas oportunidades de entrar em contato com os

⁸³ DUARTE, Rodrigo, **Teoria Crítica da Indústria Cultural**, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003, p. 95.

bens culturais provenientes da industrialização da cultura, a distinção entre classes desaparece e fica a idéia de que cabe a cada um (e a cada classe social) investir na sua própria formação para alcançar sua emancipação.

Adorno e Horkheimer, entretanto, vêem a integração como a principal e mais maléfica característica da indústria cultural e imputa a ela a responsabilidade de angariar para esta indústria tanta força dentro da sociedade capitalista que conseguiu transformá-la em célula autônoma, atendendo a interesses políticos e econômicos de grandes corporações, prejudicando, principalmente, o ideal formativo a partir da cultura. De acordo com o filósofo, a indústria cultural “é a integração deliberada, a partir do alto de seus consumidores”⁸⁴, isto é, a integração utiliza-se da cultura como meio para amalgamar, mesmo que precariamente, burguesia e proletariado em uma mesma teia tecida com ‘fios’ de pura ideologia, com o objetivo de encobrir o nítido abismo que há entre estas classes. “As manifestações da semicultura não levam de modo algum a um desenvolvimento cultural, afastando, pelo contrário, um possível apreciador da cultura não administrada”⁸⁵.

Afirmando que a integração é mais um embuste criado pelo pós-Esclarecimento – pois faz crer aos indivíduos semiformados que, através da possibilidade de ter livre acesso às produções culturais, antes exclusividade de uma classe social privilegiada, agora existe certo equilíbrio que iguala burgueses e proletários –, Adorno e Horkheimer revelam que é esta particularidade da indústria cultural que confere a ela um perfil ao mesmo tempo totalizador e integrador.

Por conta do seu perfil totalizador, a indústria cultural é capaz de não só adaptar seus produtos ao consumo das massas, como também consegue influenciar este consumo através da propaganda, tornando-se, assim, um sistema dentro do próprio sistema, com poder de aglutinar e trazer para o seu campo de ação tudo que se relacione à comunicação, à arte e ao entretenimento.

Adorno e Horkheimer explicam que é devido ao seu perfil integrador que a indústria cultural tem condições de influenciar e converter em mercadoria qualquer produção cultural sem restrições. Toda cultura pode ser transformada em um bem de fácil acesso e, principalmente, de fácil ‘digestão’: fácil acesso, no sentido de livre aquisição comercial, e fácil digestão (ou fácil assimilação), no que tange ao seu conteúdo reformulado ou simplificado para uma linguagem mais acessível ao cotidiano,

⁸⁴ ADORNO, Theodor. *A indústria cultural*, p.92.

⁸⁵ DUARTE, Rodrigo, **Teoria Crítica da Indústria Cultural**, p. 98.

no intuito de atingir consumidores dotados de uma razão que serve apenas como um instrumento passivo.

Adorno e Horkheimer chamam a atenção para o fato de que, junto com a integração, a sociedade capitalista lança mão também da higienização cultural para atuar no sentido de acobertar o profundo abismo sócio-político, econômico e cultural que separa os donos do capital dos operários das fábricas. No texto *A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas*, eles afirmam que a técnica e a especialização instauraram o caos na cultura, pois a tornou presa fácil de uma higiene capitalista, tirando dela seu aspecto de manifestação popular e, por conseguinte, sua espontaneidade, sua originalidade, gerando, na verdade, uma semicultura com o objetivo de criar sociedades consumidoras universais. Em prol do progresso e de uma pseudo-harmonização, nada escapa aos olhos do mundo capitalista, que recorre a higienização para editar e reeditar continuamente a dita desordem que seria produzida por uma cultura popular sem amarras. Assim, todos os bens culturais produzidos são limpos, padronizados, tendo sua funcionalidade e utilidade antecipadamente programadas.

Como o intuito desta homogeneização é criar um homem universal voltado exclusivamente para o consumo, a higienização não foi somente exterior ao homem, mas atingiu também em cheio a sua singularidade, provocando, para sempre, uma laceração na sua subjetividade tornando o indivíduo um “*ser genérico*”⁸⁶. Na visão de Adorno na *Teoria da Semicultura*, todo o progresso técnico e econômico esconde sob o tapete uma consciência danificada – uma existência vazia de sentido. E é justamente a cultura, ou melhor, a semicultura, o referencial dessa nova perspectiva de formação do homem.

Com o claro intuito de conquistar e escravizar o consumidor comum, embora tentando mostrar que o atende e o trata como indivíduo diferenciado, único, a indústria cultural ideológica do capitalismo utiliza-se amplamente da integração e da higienização cultural do pós-Esclarecimento para, ao mesmo e em um só tempo, fazer as massas se sentirem tão privilegiadas quanto os burgueses e não mais excluídas do processo de formação, e justificar a criação de diversos meios de fornecimento de bens de formação cultural para elas. Pelo fato de milhares de pessoas participarem deste empreendimento, conscientes ou não dos seus verdadeiros efeitos, a propagação de bens culturais pré-

⁸⁶ DUARTE, Rodrigo, *Teoria Crítica da Indústria Cultural*, p. 62.

programados para necessidades pré-programadas tornou-se uma conseqüência inelutável, porque humanamente impossível de ser combatida.

Empenhada em produzir tudo para atingir a todos, a indústria cultural, com a implacável lógica da integração e da homogeneização, busca adaptar esta nova produção cultural às condições destes novos consumidores, quais sejam, o baixo custo e o seu nível cognitivo. Adorno ressalta que esta última condição afeta de forma muito negativa a qualidade dos bens culturais produzidos, na medida em que, de antemão, se pode inferir qual seja o preparo intelectual e psicológico de um consumidor que nunca havia antes navegado, e agora se vê submerso em um oceano de novidades formativas. Neste caso, o que estimula a formação já é uma atividade natimorta, porque carrega em sua gênese o dna de um homem semiformado.

Ao acusar a indústria cultural de, com sua integração e higienização, agenciar o nivelamento cultural da sociedade baseando-o apenas na visão de mundo e nos interesses da burguesia – deixando de considerar sentimentos, experiências e saberes oriundos das camadas populares – e, mais que isso, caracterizar este nivelamento ‘aburguesado’ e preconceituoso como superficial e semiformativo, porque busca (e consegue) somente atingir a dimensão psicológica do indivíduo, não visando (nem alcançando) suas dimensões cognitiva, afetiva, espiritual, etc., Adorno constrói uma análise bastante significativa dos diversos movimentos revolucionários que pontualmente afloram no âmbito da sociedade capitalista moderna.

Na sua análise crítica, o filósofo até reconhece como válidas estas tentativas – sempre mal sucedidas – de transformação da sociedade, porém adota em relação a elas uma postura pessimista. Os fracassos recorrentes obtidos por estes movimentos acontecem porque, para ele, nenhum movimento idealizado e/ou executado por homens semiformados é capaz de derrubar ou ultrapassar as barreiras ideológicas tão bem montadas e arraigadas pelo sistema capitalista. Refletindo acerca de tais ensaios revolucionários, o autor alemão também credita na conta da semicultura e da semiformação do Esclarecimento os maus resultados obtidos com eles, justificando assim seu ponto de vista: uma indústria cultural que – via integração e homogeneização – produz em série bens culturais, privilegiando apenas a esfera do consumo em todas as etapas que envolvem o seu processo de fabricação (produção, acesso e assimilação), só é capaz de promover a ausência de uma formação não subjetiva e não real, que também produz em série homens alienados, autômatos, conformados, fúteis e facilmente manipuláveis, incapazes de, inclusive, agir em coletividade.

Ainda refletindo sobre o uso da integração pela sociedade esclarecida e suas conseqüências nefastas na formação/emancipação do indivíduo, Adorno e Horkheimer afirmam que sua ação não se restringe ao âmbito da aquisição de bens culturais, mas também se faz presente no contexto pedagógico, fazendo com que quem antes não tinha acesso à educação, agora se veja integrado a essa rede, através de um novo emaranhado cultural regressivo, a educação popular, cuja divulgação cabe à mídia em geral, a qual, nesse aspecto, se assume também como cultura, amalgamando-se à integração.

Segundo Adorno e Horkheimer, esta missão regressiva da mídia tem seu êxito garantido, porque, ao mesmo tempo em que o próprio sistema se encarrega de oferecer à população uma educação que nada estimula a formação do espírito, os veículos de comunicação disseminam a idéia de que todo indivíduo é livre para autoconservar-se. Como facilmente se pode notar, nada, nenhuma questão foge do olhar atento da semicultura, que é extremamente competente em explicar a natureza a seu próprio modo. No entanto, Adorno chama a atenção que, apesar da quase onipresença e onipotência da semicultura na sociedade, da sua intensa influência sobre a pedagogia, e do apoio da mídia para sua disseminação, atribuir à cultura ou até mesmo à educação – na forma degradada em que se encontram hoje – a tarefa de emancipar o homem é mais uma ação equivocada do projeto do Esclarecimento. Segundo Adorno, esta empreitada tem um peso muito maior do que a cultura ou a educação podem suportar. Na sua percepção, tais instâncias vêm atuando justamente de forma contrária, transformadas em aparelhos ideológicos da sociedade capitalista.

Adorno e Horkheimer rejeitam uma concepção meramente técnica da indústria cultural, que a explica como simples aplicação de procedimentos técnicos para garantir o consumo das massas ou a necessidade de centralizar tecnicamente a produção dos bens culturais estandardizados para evitar a dispersão dos consumidores individuais. Eles acreditam que a indústria cultural foi criada para as massas, as quais podem ser nativas de qualquer modelo político ou social. Neste sentido, a crítica destes autores à indústria cultural é muito menos uma recriminação à indústria e à sua técnica, e muito mais uma condenação da cultura resultante de uma falsa consciência emancipadora que, por sua vez, é a expressão da lógica do sistema social pós-Esclarecido.

Na visão de Adorno no livro *Educação e Emancipação* e no texto *Teoria da Semicultura*, tudo o que se apresenta, depois do Esclarecimento, sob o aspecto de uma formação cultural é de domínio semiformativo e ideológico, pois busca uma formação

baseada no “sempre idêntico”⁸⁷. Para ele, a indústria cultural vem se mantendo viva na sociedade administrada, garantindo a sua credibilidade neste contexto, porque vem conseguindo, através de sua atuação como produtora e facilitadora do acesso e da assimilação dos bens culturais, de certa forma, acabar com a dualidade entre sujeito e objeto do conhecimento. No entanto, Adorno denuncia, esta aproximação sujeito-objeto se configura, no seu âmago, como um grande engodo, pois seu alicerce são os ‘conteúdos de verdade’ contidos nestes bens da indústria cultural, construídos, por sua vez, sob as movediças bases das chamadas ‘falsas condições’. Ou seja, a suposta verdade que diminui a distância entre sujeito e objeto é essencialmente artificial, tão desprovida de sentido quanto a cultura fabricada em larga escala, o que leva a crer que não há apenas um esvaziamento dos respectivos produtos, mas também um ‘vácuo’ no próprio homem.

Portanto, pelo que se pode perceber do julgamento de Adorno nas conferências de *Educação e Emancipação*, toda formação já nasce arruinada, se tem como propósito precípua uma cultura com finalidade comercial. No entanto, o que se nota é que essa nova forma de emancipação via apropriação de bens culturais e ação dos veículos da indústria cultural, por ter a obrigação de ‘conferir a tudo um ar de semelhança’, se aplica não só a sua produção cultural, mas também ao próprio indivíduo, que se vê compelido a reproduzir em si próprio o mesmo vazio que o envolve externamente. Além da reprodução desse vazio em si mesmo e nas suas relações interpessoais, o consumo desses produtos leva também o indivíduo a assumir toda a artificialidade e superficialidade que sugere o conteúdo desses bens culturais. A cultura, então, assume o papel alegórico de ‘lotofagia’.

Adorno e Horkheimer se permitem construir a metáfora e utilizar o neologismo do termo lotofagia baseados no episódio da “*Odisséia*”, e reescrevem o momento que Ulisses e seus companheiros se encontravam na ilha de Lotófagos, quando lhes foi oferecido o lótus, um fruto adocicado e muito saboroso, mas que provocava, em quem o experimentasse, o infortúnio de ser dominado por uma euforia narcótica que ocasionava perda de memória, a qual obrigava o indivíduo a permanecer na ilha, tornando-se seu morador, abandonando passado, pátria, enfim, a própria identidade. Os autores,

⁸⁷ MAAR, Wolfgang Leo, “*Educação Crítica, Formação Cultural e Emancipação Política na Escola de Frankfurt*”, In: PUCI, Bruno, (org.), **Teoria crítica e educação. A questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**, Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: EDUFISCAR, p.64. No texto, Maar aponta que o termo “sempre idêntico” refere-se tanto à base da cultura formativa dominada ideologicamente quanto ao resultado dela que é o homem também fruto do “idêntico”, ou seja, universalizado.

comparando o lótus à cultura do pós-Esclarecimento, expõem que consumir aleatoriamente ou buscar formação por meio dos produtos da indústria cultural é, de certa forma, como saborear o fruto daquela ilha, uma vez que a consequência é, também, a perda da consciência de si, assumindo a proporção 'lotofágica' que a semiformação suscita. Para eles, a perda de identidade por meio da semicultura tem um propósito definido pelo sistema burguês: a consumação de um indivíduo universal, se não de forma total, ao menos naquilo que os tornaria consumidores contumazes dessa indústria.

A indústria cultural pressupõe uma liberdade ao indivíduo para seguir em busca da própria conservação e emancipação, no entanto, antinomicamente, formar-se nesses parâmetros significa o mesmo que se submeter às categorias prefixadas pelo capitalismo. É exatamente neste ponto e neste sentido que os textos da *Dialética do Esclarecimento* e outros produzidos por Adorno que versam sobre a semicultura e a indústria cultural se entrecruzam, na medida em que se referem à formação da consciência do homem como uma espécie de projeto fracassado, pois apresenta aspectos de uma cultura reificada em uma sociedade administrada que estimula o abandono da tradição e a perda da experiência.

A ninguém escapa a idéia de que experiência e tradição são pré-requisitos para a formação do espírito subjetivo do homem, uma vez que são partes significativas na composição do seu potencial autocrítico. No entanto, na opinião de Adorno, o Esclarecimento, contrariando todas as expectativas, deixou de considerar verdadeiramente tais categorias no seu plano emancipatório.

No intento de comprovar a veracidade do seu juízo, Adorno promove uma discussão acerca da condição da cultura neste projeto, e, retomando, mais uma vez, o tema da produção semicultural – efeito do Esclarecimento – atesta que toda e qualquer produção semicultural só corrobora para o estabelecimento e a manutenção da razão como um instrumento, comprometendo, assim, a própria idéia de formação do espírito, e tornando o pensamento apenas uma ferramenta do processo formativo que nada consegue captar quando posto em contato direto com a cultura, segundo Adorno, seja ela legítima para a formação subjetiva ou oriunda da mecanização da indústria cultural. Adorno insiste em esclarecer que, com uma razão 'danificada', o homem, sob nenhuma circunstância, poderá ser capaz de estabelecer uma experiência crítica com qualquer conteúdo formativo, seja ele direcionado à emancipação ou ao controle ideológico pelo entretenimento.

Já para debater sobre o valor da tradição no Esclarecimento, Adorno recorre novamente à efemeridade que caracteriza todas as mercadorias fabricadas pela indústria cultural. O autor explica que é esta característica – resultante da necessidade da indústria cultural de produzir e introduzir no mercado bens culturais com sua validade determinada antecipadamente, por conta do imperativo desta indústria de continuamente criar novos valores, que vêm representados em novos bens, renovando-os e renovando-se a todo instante, no intuito de manter a sociedade em sua suposta harmonia (na verdade, controle) universal – que faz com que, na semicultura, se percam o valor e a referência da tradição no processo semiformativo, levando ao desaparecimento daquele a quem Adorno denominou de “*homem de espírito*”.⁸⁸

A insígnia adorniana ‘homem de espírito’ representa aquele indivíduo das sociedades pré-Esclarecimento que mantinha uma relação direta, profunda e douradura com a cultura e recorria, por exemplo, à prática mecânica de aprendê-la de cor, estabelecendo, assim, uma conexão mais consistente com a mesma. O esvaziamento desta prática, hoje depreciada pela nova geração de homens alimentados por uma cultura frívola e esvaziada e de uma razão permanentemente engessada, foi, segundo Adorno, um dos maiores golpes desferidos no processo emancipatório pela ideologia da indústria cultural. “[...] Por isso, digo exagerando, não existem adultos que sejam grandes teóricos da economia, nem, em definitivo, nenhum com verdadeira vocação política”⁸⁹. A semicultura apresenta ao indivíduo bens culturais embebidos na insensibilidade da *linguagem do éter**, que, neste caso específico, não se evapora: conserva-se, invisível, no ar, mantendo por um longo tempo seu efeito alucinógeno, impedindo o homem de perceber que pode haver outras formas de integrar-se à sociedade que não precisa ser, necessariamente, o consumo alucinado destes produtos, muito menos sua entrega alienada e incondicional ao sistema, uma vez que, o final desta viagem alucinatória é – agora, nesse caso, como em todas as outras – também uma existência vazia.

Adorno ressalta que qualquer produção espontânea ou alternativa que traga uma proposta real de formação do espírito subjetivo é imediatamente tachada e tratada pela indústria cultural como cultura elitizada, sendo, por isso, abandonada prontamente pela legião de indivíduos que são ideologicamente levados a pensar que não são capazes de

⁸⁸ ADORNO, Theodor. *Teoria da semicultura*, p.398.

⁸⁹ *Ibidem*, p.398.

* Expressão utilizada por ADORNO no seu texto *Teoria da semicultura* (p.398) que se refere à instabilidade ou na fácil decomposição de tudo que é criado pelo processo de semicultura.

apropriar-se dela. Assim, diante do poderio da indústria cultural, toda produção artístico-cultural encontra-se impotente e é obrigada a buscar possuir o encantamento da lotofagia sob o signo do entretenimento.

Progresso e barbárie estão hoje enquanto cultura de massas tão imbricados, que apenas uma ascese bárbara contra essa última e o progresso dos meios poderia restabelecer o não-bárbaro. Nenhuma obra de arte, nenhum pensamento tem uma chance de sobreviver ao qual não seja inerente uma recusa à falsa riqueza da produção classe A, ao filme colorido e à televisão, à revista de milionários e a Toscanini.⁹⁰

O consumo dessa produção lotofágica leva (ou é) a renúncia da própria racionalidade. Adorno e Horkheimer mostram que toda cultura da indústria cultural que nos cerca possui um brilho calculado, não havendo espaço para a novidade, o alternativo ou o espontâneo. O sistema, segundo Adorno e Horkheimer, não ousa investir no não experimentado, no não programado, porque tal investimento pode tanto representar um risco ao seu império de ideologias, quanto não oferecer garantias econômicas. Para tal indústria, os ‘novos’ produtos, na verdade, já têm seu formato, aparência e conteúdos (re)conhecidos, pois, na sua gestação industrial, são manipulados geneticamente e, ao nascerem, postos logo na sua incubadora ideológica, não importando nem mesmo se serão crias prematuras, já que é possível prever até o seu tempo de vida e, também, se necessário, sua sobrevivência “Os talentos já pertencem à indústria muito antes de serem apresentados por ela: de outro modo não se integrariam tão fervorosamente”⁹¹. Essa é uma cultura produzida para uma “consciência indigente”⁹².

A semiformação não atinge somente a formação do espírito. Adorno informa que ela contamina também a percepção do homem, que se depara com os bens produzidos industrialmente e não percebe que, mesmo que sob uma máscara de uma pseudo-racionalidade, seus efeitos são alucinatórios e nocivos. O filósofo mostra que, com o advento da indústria cultural e seu obsessivo gosto pelo lucro, o próprio ideal de cultura formativa foi perdido e o ganho foi uma patologia dos sentidos, que impede que toda proposta de uma formação tradicional não se concretize, por fazê-la parecer uma perspectiva completamente distante da capacidade humana de absorvê-la.

⁹⁰ ADORNO, Theodor. *Mínima moralia*, p.43.

⁹¹ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*. p.115.

⁹² ADORNO, Theodor. *Teoria da semicultura*, p.399.

Além disso, no texto *Teoria da Semicultura*, Adorno também informa que os produtos da indústria cultural se mostram inadequados tanto para o processo formativo do homem, quanto para qualquer outra prática emancipatória ou pedagógica, porque seus conteúdos se apresentam na forma de um palavreiro – que o autor classifica de uma verdade-não histórica, ou seja, uma loquacidade astuciosa que camufla uma verdade artificial imposta pelos investidores culturais, que não possui nenhuma relação com o social, tampouco com o movimento dialético da História.

O capitalismo, auxiliado pela indiscutível força produtiva e ideológica da tecnologia, constantemente se vangloria por elevar o nível de vida das pessoas que vivem no contexto de uma sociedade administrada. Já Adorno considera esta tão valorizada elevação do nível de vida mais um factóide produzido pela indústria de consumo da cultura, na medida em que, ele denuncia, tal avanço – que acontece, na verdade, apenas para uma pequena minoria – se restringe ao aspecto econômico – maior aquisição material dos bens culturais, efeito da incitação do desejo material promovido pela industrialização, o que não garante uma verdadeira apropriação destes – e, neste sentido, não colabora, de forma alguma, para a formação do espírito no que tange à emancipação do homem – pelo contrário, há um retrocesso da consciência. Para Adorno, a idéia de um crescimento econômico no nível de vida de certas pessoas não implica em uma formação cultural adequada; a riqueza, representada aqui pelo acúmulo de capital, em nenhum momento, corresponde a um desenvolvimento do espírito subjetivo – não constitui emancipação. Em sua opinião, o acesso e o acúmulo de cultura, na modernidade, significam, de modo geral, um retorno à barbárie, uma vez que conduz o homem para esse novo plano de uma vida completamente desprovida de qualquer sentido.

O cinema tornou-se efetivamente uma instituição de aperfeiçoamento moral [...] A cultura sempre contribuiu para domar os instintos revolucionários, e não apenas os bárbaros. A cultura industrializada faz algo mais. Ela exercita o indivíduo no preenchimento da condição sob a qual ele está autorizado a levar essa vida inexorável.⁹³

Trazendo para o centro da discussão a questão do uso industrializado da arte na sociedade capitalista, Adorno toca em um sério e grave problema – a seu ver, de difícil solução – provocado pelo engodo semicultural, relacionado ao importante tema da ética

⁹³ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*, p.143.

e da moral no mundo administrado. Conforme afirma, a arte – com o viés capitalista do entretenimento – é imprescindível para a existência da indústria cultural, e, por conseguinte, da sociedade capitalista, uma vez que, enquanto auxilia esta indústria a fazer a economia girar, serve a ela como instrumento de difusão da sua ideologia. Por meio da força e poder da arte recreativa, a indústria cultural, apesar de todo domínio e controle que exerce sobre os homens, consegue incutir nos consumidores dos seus produtos a idéia de ser uma indústria democrática por excelência – assim como também afirma ser o sistema econômico capitalista que lhe deu origem – uma vez que permite, consciente e abertamente, a existência de expressões e produções artístico-culturais contrárias as suas idéias e as do próprio sistema. Alimenta, no seio da sociedade, a fantasia de uma arte subversiva que ambos – indústria e sistema – ajudaram a criar.

O momento de efeito subjetivo é calculado pela indústria cultural segundo valores médios estatísticos relacionados à lei geral. Essa se tornou o espírito objetivo [...]. Pois a universalidade do estilo atual é o negativo imediato, a liquidação daquela pretensão à verdade da coisa, bem como o permanente engodo aos recipientes por meio do asseguramento implícito de que ela está lá por causa deles, através de que apenas lhes é novamente retirado o dinheiro que o poder econômico concentrado lhes proporcionou.⁹⁴

Para Adorno e Horkheimer, a barbárie totalitária da semiformação, implantada e implementada pelo sistema capitalista, elimina toda e qualquer possibilidade emancipatória que haveria na arte. Desta forma, as produções artísticas e seu conteúdo completo, em sua opinião uma saída para todo controle ideológico, têm sua objetividade esfacelada e sua identidade perdida diante do seu cunho recreativo imposto por um sistema que visa, apenas, o lucro. Neste sentido, aquele sistema que se mostra à sociedade como aquele que reivindica a popularização, a democratização e o direito à formação, na verdade, encobre, às vezes com um véu etéreo, outras vezes com uma cortina de ferro, o real conteúdo e objetivo das obras de arte. No mundo administrado, uma relação de experiência com as produções e expressões artísticas não é permitida, mesmo porque os homens não são mais aptos a qualquer tipo de experiência. Neste inconsciente coletivo, o sobrevôo, o “borboletear superficial”⁹⁵ é o que determina toda formação e toda relação com a arte. A arte enquanto recreação já é sua própria antítese. A liberdade que a diversão promete é a do pensamento enquanto negação.

⁹⁴ ADORNO, Theodor. **Teoria estética**. Lisboa: Edições 70, 1993, p.174.

⁹⁵ ADORNO, Theodor. *Teoria da semicultura*, p.405.

A barbárie acabou por se apoderar da cultura. Na sombra dessa grande palavra a intolerância cresce, ao mesmo tempo em que o infantilismo. Quando não é a identidade cultural que encerra o indivíduo em seu domínio, e que, sob pena de alta traição, recusa-lhe o acesso à dúvida, à ironia, à razão - a tudo que poderia destacá-lo de sua matriz coletiva, é a indústria do lazer, essa criação da época da técnica, que reduz as obras do espírito a quinquilharias (ou como se diz na América entertainment). E a vida com o pensamento cede suavemente o lugar ao face-a-face terrível e irrisório, do fantástico e do zumbi.⁹⁶

Dentro do fenômeno das massas, Adorno e Horkheimer consideram a existência do conceito de indústria cultural um câncer que corrói as entranhas das sociedades. Eles chamam atenção não só para a devastação cultural que acontece no mundo inteiro, promovida por esta indústria, mas também, e principalmente, para a mudança da relação entre sujeito e objeto que as variáveis tecnoculturais favorecedoras da cultura de massas provocam, levando a um alcance indefinido e vazio da realidade. Os efeitos dessa barbárie são mais assustadores do que parecem, na medida em que, tão próxima e semelhante às massas, nada consegue persuadir tal indústria a desistir das suas reais intenções, ou mesmo converter suas ações em favor da emancipação. Adorno e Horkheimer preocupam-se, sobremaneira, com o fato de que o avanço progressivo da indústria cultural seja, atualmente, também auxiliado pelo recalçamento dos conceitos e das idéias presentes não só no cotidiano, mas também sistematizado nas instituições e no comportamento individual e social, no subjetivo e no coletivo, consciente ou inconsciente, o que faz com que a indústria cultural não mais necessite do sistema capitalista para se manter; em sentido inverso, hoje este sistema é quem não pode abrir mão desta indústria para garantir sua sobrevivência.

A nova formação pelos moldes do capitalismo torna o homem um ser genérico, sem identidade e parte de uma estatística. Em uma sociedade em que a conveniência é a palavra de ordem, o indivíduo é levado a buscar subjetivamente uma formação objetiva, em detrimento de um espírito formativo. Adorno e Horkheimer acusam que um semiformado busca sempre uma semicultura, abandonando, conseqüentemente, a experiência, exigência de uma real formação, conservando-se em um permanente 'estado informativo'. Eles explicam que tal estado informativo é o referencial da indústria cultural para a criação constante de novas idéias, novas fórmulas, novos padrões, não dando tempo ao indivíduo de estabelecer qualquer vínculo com as informações recebidas, no sentido de não construir uma experiência criteriosa com

⁹⁶ FINKIELKRAUT, Alain. **A derrota do pensamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.159.

qualquer instância do conhecimento. Se, em algum momento, por acaso, a mínima possibilidade de ocorrência de uma experiência humana acontecer, os operadores do sistema que comandam a indústria e a semiformação cultural possuem ‘nervos de aço’ e estão preparados para apertar o botão de destruição de tal possibilidade.

Adorno e Horkheimer vêem que, ainda que atuem sob a iminência de serem dizimados a qualquer momento, este caráter de transitoriedade dos bens culturais não os impede de exercer uma influência devastadora na sociedade, tanto mudando seus paradigmas acerca do processo de formação e emancipação, como também alterando o comportamento e as relações humanas, a partir do prejuízo que causam, como já visto, à experiência e à memória. Em *Dialética do Esclarecimento*, se utilizam do exemplo do freqüentador do cinema para explicar sua visão. Mostram que, durante a assistência a um filme, o espectador precisa utilizar-se daquela estratégia do sobrevôo superficial – uma vez que não consegue estabelecer qualquer experiência significativa com a obra –, a fim de não perder nenhum detalhe da atividade estética que se põe rapidamente diante dele. Com este ‘borboletear’ sobre o conteúdo, o formato, a fotografia, o figurino do filme, o espectador não consegue dar limite a sua percepção, confundindo, então, real e imaginário, estendendo aquela vivência estética visual para sua relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Os filósofos afirmam que esta ‘atrofia da imaginação’ – que impede qualquer atividade intelectual do indivíduo no contato com filmes, livros, televisão, rádio, é um dos meios que a indústria cultural encontrou para formar ideologicamente o homem, mesmo durante o seu ócio. A cultura do capitalismo já é a depravação da própria cultura, pois, neste contexto, “divertir-se significa estar de acordo”⁹⁷.

Se a ação conjunta do capitalismo/Esclarecimento/indústria cultural, no que diz respeito à derrocada do sujeito pensante e sua impossibilidade de emancipação, já é extremamente danosa, Adorno e Horkheimer consideram o surgimento de um contexto propício para o afloramento da idéia de existência de seres humanos melhores e mais perfeitos do que outros e, por conseguinte, para o avanço de políticas totalitárias como algo ainda mais tenebroso, o que justifica sua implacável denúncia do esvaziamento da noção de cultura em um mundo administrado. Segundo eles, a Alemanha pós Primeira Guerra Mundial é um exemplo do que acontece a uma sociedade onde a formação do ‘espírito subjetivo’ é substituída pela esquizofrenia do ‘espírito popular’ – que converge

⁹⁷ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*, p.135.

tudo em mera mercadoria, de acordo com seu valor de troca: esvaziada pelo espírito objetivo, esta sociedade se transformou em ambiente perfeito para que homens e mulheres, antes cultos e dedicados integralmente à vida intelectual, não hesitassem em submeter-se fervorosamente ao nazismo e em participar ativamente do anti-semitismo.

Que atitudes precisam ser tomadas para enfrentar uma cultura que não mais emancipa o homem e uma auto-reflexão que se esvai por conta da lógica do mercado capitalista? Em uma das suas conferências radiofônicas, publicada no livro *Educação e Emancipação*. Adorno afirma que a educação seria a resposta imediata para este questionamento. No entanto, ele alerta para o fato de que não se pode creditar somente às propostas pedagógicas a solução de tão enorme desafio, até mesmo porque a educação, na sociedade capitalista, já é semiformação – “a mercantilização dos produtos simbólicos determina novos processos educativos”⁹⁸ – e, nesta nefasta condição, e sozinha, só pode mesmo é colaborar para a ascensão de regimes totalitários como os que desembocaram na Alemanha sob o signo de liberdade e de moral nos discursos do nacional-socialismo.

Para Adorno, não se pode, apenas, esboçar um projeto ligado à educação sem associá-la a uma outra instância que possa auxiliá-lo no sentido de promover uma autêntica emancipação e sem pensar em modificar as suas estruturas já inteiramente comprometidas. Pelo contrário. Em sua opinião, “a exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação”⁹⁹. Neste sentido, é imprescindível reconstruir a educação desde suas bases, recuperando seu potencial crítico, privilegiando uma experiência significativa entre homem e objeto – o qual pode ser representado por ele mesmo, pelo outro ou pelos conteúdos culturais –, no intuito de promover uma real construção do conhecimento da realidade. No entanto, ele reafirma que, considerando o contexto do pós-Esclarecimento, este empreendimento é, na realidade, muito difícil de ser realizado.

A ideologia de uma cultura voltada ao consumo influencia tanto a educação e a arte que estas só conseguem fragilizar ainda mais o indivíduo, a ponto de ele não perceber a sua responsabilidade em relação aos eventos a sua volta. No intuito de promover uma reflexão sobre esta questão, Adorno recorre novamente ao contexto da Alemanha hitlerista, cuja sociedade não se encontrava – nem psicologicamente, nem

⁹⁸ PUCCI, Bruno, ZUIN, Antônio Álvaro, OLIVEIRA, Newton Ramos-de-, **Adorno: O Poder Educativo do Pensamento Crítico**, p. 116.

⁹⁹ ADORNO, Theodor. *Educação e emancipação* p.119.

intelectualmente – preparada para as repentinas autodeterminação e responsabilidade que lhe foram dadas no sentido de decidir sobre o seu futuro político, e, por conta disso, acabou se transformando em terreno fértil para a construção, inclusive, do muro da intolerância, que dividiu e separou, durante anos, o que antes era uma mesma nação. O lamentável com relação a experiência da política do *Reich*, segundo Adorno, é que “ninguém levava a sério o conteúdo da ideologia, considerando-a um mero instrumento de manipulação”¹⁰⁰. Como um povo semiformado – pessimamente instruído e educado, que consome arte para descansar, se divertir e se esquecer dos problemas cotidianos – poderia decidir politicamente sobre seu futuro? Para Adorno, a sociedade alemã teleguiada por Hitler é um exemplo claro da ligação que ele enxerga entre educação, emancipação e política, e tal ligação explica por que os mesmos homens desta sociedade que se dedicaram a defender a emancipação pela cultura de mercado, foram os protagonistas daquele que é considerado um dos maiores genocídios da história da humanidade: o holocausto do povo judeu.

A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar a minha concepção inicial de *educação*. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a *produção de uma consciência verdadeira*. Isto seria inclusive da maior importância política; sua idéia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado.¹⁰¹

Emancipação, para Adorno, significa o mesmo que retomada de consciência, razão, portanto ele defende a idéia de que toda emancipação é, antes de tudo uma libertação política, reconhecendo, neste sentido, que, para que haja liberdade, faz-se necessário uma demolição das estruturas políticas, econômicas e sociais, uma completa ruptura do modelo formativo vigente. Esta necessária ruptura, conforme afirma Adorno, se refere ao total abandono da ideologia do sistema dominante, no que tange aos seus valores educacionais, artísticos, culturais, no intuito de possibilitar o desenvolvimento de cada indivíduo. No entanto, o autor reconhece, a organização do mundo

¹⁰⁰ JAY, Martin, *As Idéias de Adorno*, p.106.

¹⁰¹ ADORNO, Theodor. *Educação – Para Quê?*, p.141.

contemporâneo converteu-se em um plano ideológico que supera qualquer proposta político-emancipatória, principalmente se ligada, exclusivamente, ou à instância educacional ou à artística. A realidade está cada vez mais envolvida em um processo contínuo de adaptação, uma vez que a cultura, a arte e a educação foram assediadas e dominadas pela indústria cultural.

Adorno credits a parcel of blame for the ascent of Nazism to the commodified culture – instigated by capitalism and its division of labor –, which he called *“razão objetiva da barbárie”*. For him, the individuals who hid behind the system, those who actually obtained enormous sums of money and much privilege with all this industrial paraphernalia, placed the burden on the shoulders of culture, art and education a responsibility that they were not capable of assuming – and they were not capable, primarily under the tutelage of the industry of consumption. He denounces, thus, that the promise of formation by culture, art and education to reach emancipation, instead of promoting human freedom, imprisoned and divided men from the criterion of the type of work performed – physical or intellectual (spiritual) – provoking the total discredit of these instances, which passed to be despised and negatively adjectived as elitist. Adorno considers this question as crucial in the problematic of Enlightenment: culture, art and education, upon receiving, from the capitalist conjuncture, the status of authority, became ‘organisms alive’ independent of the man himself, consolidating, thus, the semi-culture – whose perpetuation is guaranteed by the cultural industry – and eliminating the reflexive character of the individual, a primary requirement for an experience of freedom.

The last lines of Adorno in the text *Teoria da Semicultura* point to a self-reflexive critique on semi-formation as the only possibility of survival of culture, and consequently, of any emancipatory project for humanity – the same humanity whose bases have already been privatized by the cultural, educational and artistic formation. Then what is the way out? How to create an emancipatory project that does not become again a myth conditioned by human impulses? How to promote human freedom from a project that is not dominated and transformed into ideological control?

In previous pages of this dissertation, always based on the Adornian discourse, a question about the possibility of discussing concepts and values of morality and ethics in the administered world was raised. In the same direction, Adorno affirms, categorically, that it no longer makes sense to write poetry after what happened in

Auschwitz, e, impelido pelo pesar desta opinião, ele faz o leitor pensar se é possível uma formação subjetiva (uma verdadeira emancipação do homem), depois do advento do pós-Esclarecimento, da semicultura e da indústria cultural.

Os textos de Adorno aqui analisados mostram que toda experiência estética real, formadora do espírito, é prejudicada pela atividade bárbara da indústria cultural, que a envolve completamente e a reduz inexoravelmente à categoria de simples cultura do entretenimento, destituindo-a assim do seu caráter de independência diante de qualquer ideologia política para promover a emancipação do homem. Seus escritos também mostram que toda verdadeira experiência educativa, do mesmo modo protagonista de um espírito formativo, é, da mesma forma, comprometida pela ação cruel desta indústria, que a transformou em semiformação.

Neste sentido, para Adorno, a educação e a arte necessitam manter certa distância deste convívio com a indústria cultural para que, assim, possam garantir a sua autonomia e, juntas, servir como fuga de qualquer domínio ideológico ou de controle social. No entanto, segundo Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*, falar sobre cultura, educação e arte em um mundo danificado é referir-se, automaticamente, a uma padronização, um levantamento estatístico, uma catalogação, uma classificação que as introduz no domínio da administração.

Na visão de Adorno, a arte e a educação estão comprometidas em seus objetivos, devido às aspirações particulares da burguesia que as controla permanentemente e separadamente na sociedade. Mas, mesmo diante dessas dificuldades do mundo técnico criado pelo Esclarecimento, em sua opinião, juntas, elas permitem que se responda afirmativamente a questão formulada por ele próprio no sentido da existência de um caminho viável para um autêntico desenvolvimento humano. Adorno reconhece e insiste que somente no meio do binômio arte-educação reside a probabilidade de uma verdadeira emancipação do homem. Enquanto, para o autor, a educação traz em si um potencial crítico capaz de promover uma experiência construtiva entre sujeito e realidade subjetiva, a arte é, a seu ver, a possibilidade da negação de um mundo de falsas condições; a arte é a negação de si mesma. Assim, a verdadeira liberdade do homem deverá ser feita não pela cultura objetiva, mas pela negação do mundo objetivo. No próximo capítulo será explorada a idéia da arte, por meio da tensão entre 'mímesis e racionalidade', como forma de devolver o espírito subjetivo e crítico à humanidade e principalmente reconciliando-o com a natureza e conseqüentemente com a vivência de experiências.

CAPÍTULO III

4 TEORIA ESTÉTICA – A ARTE COMO RECONCiliaÇÃO

*A mimese liga a arte à experiência humana individual
e ela é apenas ainda a experiência do ser-para-si.
(Theodor W. Adorno)*

O terceiro e último capítulo da dissertação tem como objetivo analisar, de acordo com o pensamento de Adorno, a arte e o seu conteúdo mimético como principais referências à reconciliação entre o homem e a natureza e, conseqüentemente, como um projeto objetivo para alcançar o ideal de formação, emancipação e reconstrução do espírito subjetivo na humanidade.

Para o cumprimento deste propósito foram buscadas respostas em um dos textos que Adorno escreveu junto a Horkheimer, *Elementos do anti-semitismo: Limites do Esclarecimento*, e no seu livro *Teoria Estética*. Como em outros, também neste capítulo recorreu-se aos registros de diferentes comentadores das obras de Adorno, como Gagnebin, Tiburi, Jay, Duarte, utilizados com o mesmo intuito de refletir acerca do papel da arte – distante da realidade semiformativa e ideológica da indústria cultural – como portadora de uma linguagem mimética capaz de levar o homem a sua reconciliação com o real.

Na intenção de possibilitar uma maior compreensão das consistentes e densas idéias adornianas sobre o potencial emancipatório da arte, este último capítulo desta dissertação foi dividido em duas partes. A primeira traz, em um primeiro momento, uma breve contextualização histórica da noção de mimesis na Filosofia – abrangendo sua origem, significado e importância nos pensamentos de certos filósofos – e, posteriormente, uma análise da visão de Adorno sobre tal noção, uma vez que, este, diretamente influenciado por estes pensadores, associa mimeses às suas noções de renúncia, assimilação e projeção, partindo de uma investigação de um momento de conciliação entre homem e natureza interrompido e invertido pela razão instrumental, o qual, em sua opinião, só a arte é capaz de reaver.

A segunda parte é a conclusão, a ‘síntese da dialética hegeliana’ para se chegar a emancipação do homem; apresenta a arte como fundamento de um projeto formativo

com o objetivo de livrar o indivíduo de todo controle ideológico produzido desde o Esclarecimento e analisa a capacidade contida na tensão entre mimesis e racionalidade como forma do homem reconciliar-se com a natureza estabelecendo o mundo subjetivo dentro do objetivo; é a teoria estética como forma de recuperar a arte, a filosofia e o espírito subjetivo do homem por meio da auto-reflexão.

4.1 A NOÇÃO DE *MÍMESIS* - A ARTE E A REALIDADE COMO '*IMITATIO*'.

Este tópico se propõe a discutir, como se apresenta a relação entre mimeses e racionalidade na filosofia de Adorno, uma vez que, como mostram os comentadores de sua obra, tal relação foi fundamental para a construção da sua teoria estética, cujos pressupostos trazem a arte como possível promotora da tão necessária reconciliação entre o homem e a natureza. Para tanto, pretende-se esclarecer sobre a diferença entre mimesis primeira e mimesis segunda – por meio de um sobrevôo sobre as principais idéias de alguns dos filósofos que influenciaram o pensador alemão: os representantes da filosofia clássica, Platão e Aristóteles, e Walter Benjamin – e, além disso, discutir, brevemente, sobre as noções adornianas de renúncia e de projeção, explicadas, na *Dialética do Esclarecimento*, a partir da barbárie anti-semita. Estes temas se apresentam neste tópico como uma espécie de fundamentação teórica para Adorno construir sua leitura sobre a arte e sua relação com a sociedade e com a própria filosofia na contemporaneidade.

O anti-semitismo, o surgimento de políticas totalitárias e o genocídio dos judeus nos campos de concentração foram citados, no capítulo anterior, como acontecimentos históricos intimamente ligados importantes para a construção do pensamento crítico adorniano acerca da educação, na medida em que o autor tomou estes lamentáveis episódios regressivos da história da humanidade como exemplo para demonstrar a estreita relação que se estabeleceu, na sociedade capitalista pós-Esclarecimento, entre uma semiformação, baseada na razão instrumental, e a criação de 'falsos' sujeitos, culminando com o restabelecimento da barbárie. Em um dos textos da coletânea *Lembrar Escrever Esquecer*, intitulado *Sobre as Relações entre Ética e Estética no*

Pensamento de Adorno, Gagnebin mostra, também, que tais acontecimentos foram essenciais para Adorno desenvolver sua noção de mimesis, central na sua filosofia, porque lhe permitiu uma intensa reflexão sobre a arte e os sentimentos de reconhecimento e transformação que esta atividade possibilita ao homem.

Esse conceito [mimesis] tem, pois, uma função essencial tanto para uma teoria da identificação e da projeção, base da análise adorniana do anti-semitismo, quanto para uma elaboração da experiência estética, na *Asthetische Theorie* em particular, como experiência de proximidade e distância.¹⁰²

Nesse texto, Gagnebin prioriza o conceito de mimesis, mostrando, assim, seu alcance na filosofia de Adorno, que recorreu a este conceito, principalmente, para demonstrar a força da arte na construção da identidade do sujeito, pedra fundamental da sua teoria estética. No entanto, a noção de ‘mimesis’ sendo importante para a composição dessa hipótese requer uma discussão muito mais aprofundada – no sentido de uma maior investigação, pois segundo Adorno estão conectados a ela outros subtemas, todos também ligados à arte, como as questões acerca da percepção, projeção, ilusão, inversão, assim como a relação direta com a noção de ‘*dialética negativa*’*. Esses que, segundo o livro *Teoria Estética*, mais se aproximam de uma explicação aos efeitos causados pelos produtos da indústria cultural ao comportamento do homem do que uma explicação à arte como processo formativo.

O termo mimesis é originário da palavra grega *mímesis*, que significa imitação (*imitatio*, em latim), ação ou faculdade de imitar; cópia, reprodução ou representação da natureza*. Desde o seu surgimento, na Grécia Antiga, a Filosofia relaciona,

¹⁰² GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sobre as relações entre ética e estética no pensamento de Adorno*. In: _____. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006, p.83.

* *Dialética Negativa* é o título de um livro de Theodor Adorno publicado em 1966 e que também é o que intitula sua teoria que é a “*Expressão com o qual se indica a interpretação específica da dialética feita por Adorno e pelos autores da Escola de Frankfurt. Segundo Adorno, Hegel teria o mérito de haver insistido na dialética, mas o demérito de tê-la praticado de modo inadequado, isto é, segundo um modelo de pensamento fundado na identidade de sujeito e objeto, conceito e coisa, racional e real etc. Com efeito, embora tenha introduzido na filosofia aquele elemento que é a contradição, e embora tenha insistido no ‘poder negativo’ [...] acaba por anular o negativo no positivo, ou seja, por resolver a contradição em uma totalidade pacífica e harmônica. ‘A Dialética é a consciência resultante da não-identidade’ ou seja, ‘uma negação da negação que não transpõe em posição’.* [...] Esse tipo de dialética sem síntese, que coincide com um pensamento respeitoso dos direitos do ‘particular’ e do ‘diferente’, é o mesmo que uma filosofia contestadora do existente. Com efeito, Adorno considera que, depois de Auschwitz a função da filosofia já não é justificar, mas criticar e incomodar. Fonte: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.323.

* *Mimesis* origina também a expressão ‘*mimetismo*’ que é a ação (ou reflexo) de alguns animais em camuflar-se ‘imitando’ a natureza (o ambiente) que se encontra ao seu redor na tentativa de proteger-se, ou de sobreviver toda vez que se encontra ameaçado.

intimamente, mimesis (ou mimese) com a noção de arte, por conta, principalmente, das idéias desenvolvidas pelos filósofos clássicos, sobretudo Platão e Aristóteles. Influenciado por estes juízos, Adorno passa a ver, no interior da arte, a tensão necessária entre mimesis e racionalidade.

A arte é o refúgio do comportamento mimético. Nela, o sujeito expõe-se, em graus mutáveis da sua autonomia, ao seu outro, dele separado e, no entanto, não inteiramente separado [...] que ela [a arte], algo de mimético, seja possível no seio da racionalidade e se sirva dos seus meios, é uma reação à má irracionalidade do mundo racional enquanto administrado.¹⁰³

A noção de proximidade entre arte e imitação foi discutida por Platão, por exemplo, na sua obra *A República*. Neste livro, ele destaca a sua preocupação com a educação tradicional ateniense, que, na época, abrangia duas vertentes: o cuidado do corpo – representado pela ginástica – e o cuidado da alma – a partir dos estudos de música e poesia. Para Platão, que propunha um novo modelo de pólis, no qual o legislador decide a base de formação do homem grego com diretrizes e normas que lhe aprovesse, as atividades relacionadas aos cuidados da alma não condiziam com seu ideal formativo, uma vez que música e poesia – expressões artísticas influenciadas por costumes e tradições – não promoveriam, em sua opinião, um verdadeiro desenvolvimento humano.

Uma vez que, na Grécia antiga, a arte ainda era vista, de modo geral, como repetição ou proximidade (relação) com o objeto, a preocupação de Platão se justifica, na medida em que, a seu ver, um modelo de formação por meio da arte seria caracterizado pela imitação. Na visão platônica, ainda repousa a chamada concepção mimética do pensamento, representada pela distância entre um gesto mimético originário – que se trata de uma atividade filosófica ligada diretamente ao mundo das essências (mundo ideal) – e uma atividade mimética ilusória – que deve ser combatida, por ser geradora de atividades sem sentido, distantes da realidade.

Como a arte, reduzida à mera cópia, perde sua essência, empobrece e descaracteriza seu verdadeiro sentido, Gagnebin aponta que é também no legado platônico que se define com mais intensidade a questão da mimesis não só como imitação, mas também como ligação à noção de racionalidade.

¹⁰³ ADORNO, Theodor. **Teoria estética**, p.68.

Será geralmente associada a uma regressão das faculdades críticas e a uma certa passividade, acometendo mais facilmente as crianças e as mulheres ignorantes, que se deixam seduzir pelo falso brilho e são mais sensíveis ao maravilhoso e ao irracional, características do *mithos* em oposição ao *logos*.¹⁰⁴

Enquanto Platão visualiza o caráter mimético da arte como símbolo de imperfeição, causador de certa regressão na formação humana, por aproximar-se mais da construção de uma realidade falsa do que atender à perfeição do mundo das essências, dotado de conceitos definitivos, Aristóteles contraria seu mestre e toma a mimesis como condição privilegiada do aprendizado humano. Ele não se preocupava com a necessidade de uma reprodução artística idêntica e fiel ao ideal de ‘belo’ contido no mundo das essências platônico, mas com a simples questão do fazer humano durante a expressão artística, que, a seu ver, ao promover o desenvolvimento completo e harmonioso da faculdade mimética, já representava uma relação autêntica e consciente entre homem e natureza.

Mimesis é o termo constante na *Poiética* para designar o processo de composição do mito que não é cópia ou reprodução de acontecimentos ou coisas pré-determinadas. O mito é *mimesis* de ações, o princípio e como que a alma da tragédia, o seu fio condutor. A *mimesis* é a *poiésis* própria do mito, o processo de exposição da verdade objetivada na obra de arte que é o mito encenado na tragédia [...] Aristóteles liberta a mimesis da legislação de verdade científica ao separá-la do mundo das idéias, e busca a compreensão do saber que ela engendra.¹⁰⁵

O discípulo de Platão considerava positivo para o conhecimento humano todo saldo obtido com a mimesis, porque relacionava tal resultado não ao objeto reproduzido, mas, sim, à relação estabelecida entre o próprio objeto e a imagem que o indivíduo criava dele no ato da (re) produção. Neste sentido, diferente de Platão, pode-se dizer que Aristóteles, durante o processo artístico, pensa não na cópia do objeto em si, mas na “*mimeisthai*”, ou seja, na capacidade do homem de reconstruir a mimesis a partir da sua interação com o objeto a ser copiado. Assim, esta é a grande contribuição de Aristóteles à questão do conhecimento: a experiência que se forma entre o original e o reproduzido é muito mais importante do que sua essência.

Walter Benjamin baseou-se em Aristóteles para elaborar sua idéia sobre mimesis. Também para ele, o homem, no exercício mimético em busca de uma melhor

¹⁰⁴ GAGNEBIN, J. M. *O conceito de Mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin*. In: **Revista Perspectivas**, São Paulo, v.16, p.70, 1993

¹⁰⁵ TIBURI, Márcia. **Crítica da razão e Mimesis no pensamento de Theodor W. Adorno**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p.110.

aproximação com o real, reconhece e produz similaridades, e não simples cópias do original, pois tem a capacidade de se relacionar com o que já está presente no mundo, enquanto produz estas novas semelhanças. Segundo Benjamin, a capacidade mimética do homem não foi suprimida com a chegada do Esclarecimento e o conseqüente estabelecimento do pensamento racionalista; esta encontrou abrigo no campo da linguagem de modo geral.

O diferencial em Benjamin encontra-se na observação de que existe um movimento constante na capacidade mimética do homem de (re)produzir a realidade. Em sua opinião, as semelhanças existentes no mundo não são fixas e imutáveis porque não partem de valores que lhes são essenciais; são, na verdade, fruto de novas descobertas do homem, advindas de um mundo e de um conhecimento acerca dele que estão sempre mudando com o caminhar da História. Assim, na visão de Benjamin, a mimesis faz parte da natureza humana e se liga, diretamente, ao conhecer e ao prazer deste ato criativo, não podendo, desta maneira, ser interpretado a partir de uma visão platônica, como um perigo à essência, mas, sim, em uma perspectiva aristotélica, como um estímulo ao processo do conhecimento, que por si só é mutável por conta de diversos fatores, dentre eles, a História.

Adorno elabora sua noção de mimesis e a inclui na sua reflexão sobre o progresso racional da civilização por meio de uma assimilação do homem à natureza, pincelando e aprovando ou refutando juízos presentes nos pensamentos de Platão, Aristóteles e Benjamin e relacionando-os a sua crítica ao projeto emancipatório do Esclarecimento. No que tange ao pensamento platônico acerca da mimesis, Adorno percebe, como o filósofo grego, que toda “*imitatio*” é tão somente uma tentativa humana de aproximação com o meio em que vive, uma vez que, no percurso entre o sensível e o inteligível, o que se obtém são apenas cópias imperfeitas e grotescas dos valores essenciais (o belo, a ética, a moral, etc.) contidos no mundo das idéias. Esta alusão ao juízo platônico de arte (mimesis) como cópia imperfeita do mundo das essências serviu como fundamentação para Adorno traçar suas linhas críticas acerca das políticas totalitárias, surgidas no pós-Esclarecimento, considerando-as como formas regressivas, violentas e repulsivas de imposição de um modelo de Estado ‘perfeito’.

Já em relação ao modo de pensar aristotélico, Adorno recupera seu elemento mimético e a sua *mimēsthai* – capacidade do homem de produzir mimesis –, e os introduz na sua filosofia, quando aponta a arte como uma importante arma para ser utilizada no combate contra o Esclarecimento, na medida em que, fugindo do controle

ideológico imposto pela razão e outros princípios doutrinários deste projeto, consegue levar o homem à constituição de um espírito subjetivo, radicado em sua própria consciência, porque possibilita a construção de conhecimentos sobre a realidade, a partir de um processo que garante ao indivíduo o levantamento de hipóteses, sem aprisioná-lo a verdades definitivas e absolutas.

Convém destacar, aqui, que Adorno, assim como Aristóteles, não subordina a arte à Filosofia, na medida em que não compara o saber contido nas obras de arte com o saber produzido pelo exercício filosófico. O que ele faz é considerar complementares estas duas formas de conhecimento e sustentar que a tensão dialética existente entre elas é tão necessária para a emancipação do indivíduo quanto o conflito ‘mímesis versus racionalidade’ inaugurado por Platão.

Quanto às idéias e posicionamentos benjaminianos, estes exercem forte influência em Adorno, mas o filósofo alemão mantém certa reserva em relação a alguns deles. Adorno concorda com seu amigo Benjamin no que se refere a sua premissa de que o homem se relaciona com o mundo real através da sua capacidade de elaborar produções semelhantes a este, que, a seu ver, não são estáticas – isto é, determinadas por valores essenciais, como defendia Platão – porque acompanham o movimento histórico, modificando-se com o tempo e assumindo novos valores. Entretanto, critica, fervorosamente, a postura de enorme deslumbramento adotada pelo seu contemporâneo em relação ao conhecimento resultante do exercício mimético, pois, em sua opinião, tamanha fascinação omite uma crise existente entre sujeito e objeto na atividade artística, que é necessária e só pode ser obtida por meio do exercício dialético, sem o qual, denuncia Adorno, o conhecimento corre o risco de sucumbir ao domínio do positivismo.

Adorno, de certa forma, retoma a crítica platônica do homem passivo diante da mímesis e, ao lado de Horkheimer, na *Dialética do Esclarecimento*, explica sua visão acerca do perigo de uma regressão que a assimilação da natureza pode trazer. O sujeito, segundo Adorno, ao ensaiar livrar-se do medo que a natureza lhe impõe, ao tentar fugir do seu poderio e do seu domínio, renuncia a si mesmo, com o objetivo de diferenciar-se dela e apreendê-la, mas, inversa e conseqüentemente, termina por perder-se de si mesmo e aprisionar-se ainda mais a ela.

Adorno e Horkheimer se utilizam da noção de mímesis como renúncia do eu subjetivo e produção de atividades sem sentido, veiculada na Grécia clássica, como exemplo de ameaça ao processo civilizatório e formativo por meio da regressão da

sociedade ao optar pela ação de adaptação a uma cultura da ideologia. Para Adorno, a noção de mimesis relaciona-se ao momento da magia, do pré-racional (pré-Esclarecimento), enquanto a racionalidade refere-se ao momento do encantamento, da experimentação da cultura *non sense*, do domínio ideológico e da autoconservação do pós-Esclarecimento, estimulando uma relação artificial com a natureza. A mimesis e a razão pura, por isso, vivem em eterno conflito e, ao mesmo tempo, na vivência da arte, amalgamados.

Assim, a mimesis na arte é o pré-espíritual, o contrário do espírito, mas também aquilo pelo qual o espírito se ilumina e se torna o princípio de construção das obras de arte. Isso significa que, já no elemento mimético está presente a dimensão da racionalidade, pois re-conhecer, produzir semelhanças contemplam no desenvolvimento de suas atividades criativas o momento do espírito.¹⁰⁶

De acordo com Adorno, a mimesis é a protoforma da racionalidade, e, apesar da dialética que as opõem, não podem ser separadas, porque a liberdade da arte, enquanto construção crítica da realidade, depende, justamente, desta ligação com a racionalização. Para o autor, a arte tanto pode ser considerada uma atividade ativa – quando relacionada à produção artística humana que imita, copia, expressa ou projeta um objeto da realidade –, como pode ser vista enquanto atividade passiva – aquela relacionada à leitura do que foi produzido, que é também uma projeção e uma reconstrução da mesma produção.

Desta forma, a arte, para Adorno, não pode ser reduzida a objeto de investigação estética; trata-se também de uma postura natural do indivíduo, ligada, diretamente, à noção de integração, que serve como veículo para levar o sujeito a inserir-se em um sistema político, econômico, sócio-cultural, ideológico, etc., o que concretiza a trama entre mimesis e racionalidade – a arte integra ou reintegra o indivíduo com a natureza.

Adorno explica que, para que a formação e a emancipação propostas pelo Esclarecimento – incluindo seus conceitos de autoconservação e indústria cultural, discutidas em capítulos anteriores – tivessem êxito em sua execução e deixassem de ser apenas projetos, necessitavam da presença e da complacência do homem, sacrificando a sua identidade em prol de uma integração a estes conceitos que se mostraram superiores a ele, uma vez que esses projetos, impostos verticalmente, sempre necessitam de uma assimilação total por parte do homem, que, para realizá-los, utiliza uma ‘renúncia

¹⁰⁶ PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio Álvaro; OLIVEIRA, Newton Ramos-de-. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. Petrópolis: Vozes, 1999, p.105.

identitária’. Após esta renúncia, estas mesmas propostas, até então desconhecidas, tornam-se familiares ao sujeito, por produzir sobre ele uma semelhança que até então não existia – é o abandono de um espírito subjetivo para a assimilação de um espírito objetivo.

Mais uma vez Adorno recorre às narrativas da *Odisséia*, na *Dialética do Esclarecimento*, desta vez para exemplificar a ação mimética de adaptação e perda da identidade do homem. O episódio em referência é aquele que Ulisses e seus companheiros enfrentam um ciclope gigante chamado Polífemo: dominados pela fome, eles invadem a caverna do gigante, e este, surpreso com a invasão do seu lar e em meio à ameaça de devorá-los vivos, pergunta-lhes quem é o seu líder. Ulisses recorre à astúcia e responde: “*Oudeis! Oudeis!*”. Nessa resposta sagaz do herói configura-se, para Adorno e Horkheimer, a renúncia de Ulisses à sua própria identidade, retornando a um estágio primitivo de relação com a natureza, pois a palavra ‘*oudeis*’ significa ‘ninguém’.

No desfecho do episódio, Polífemo, que havia selado com uma enorme pedra a única passagem da caverna, aceita o vinho oferecido por Ulisses e cai em sono profundo. Então, armado com uma lança afiada, Ulisses vaza o olho do ciclope, que começa a gritar por conta da dor intensa. Seus irmãos, ao ouvirem os seus gritos, partem em seu socorro, perguntando-lhe quem o feriu. Polífemo responde: “*Oudeis me feriu*”. Sem receber o socorro dos irmãos, o ciclope, bastante ferido e buscando uma saída, remove, ele mesmo, a pedra da entrada da caverna, e Ulisses e seus companheiros fogem. Adorno e Horkheimer escrevem que:

Na verdade, o sujeito Ulisses renega a própria identidade que o transforma em sujeito e preserva a vida por uma imitação mimética do amorfo [...] Mas sua auto-afirmação é, como na epopéia inteira, como em toda civilização, uma autodenegação. Desse modo o eu cai precisamente no círculo compulsivo da necessidade natural ao qual tentava escapar pela assimilação. Quem, para se salvar, se denomina Ninguém e manipula os processos de assimilação ao estado natural como um meio de dominar a natureza sucumbe a *hybris*.¹⁰⁷

A construção da civilização, bem como o avanço do progresso é caracterizada pela renúncia mimética. O caráter de assimilação da realidade talvez seja, segundo Adorno e Horkheimer, uma atividade natural e necessária do homem. De certa forma, a aventura de Ulisses traz, como característica principal, a questão da negação de si

¹⁰⁷ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Ulisses ou mito e esclarecimento*, p.71.

mesmo, de sua identidade, de sua subjetividade. Ele só sobrevive, pois aceita ser identificado pelo ‘não-eu’, pela ausência. Por isso que, para Adorno e Horkheimer, esse gesto de renúncia serve como referência para a constituição do sujeito ‘esclarecido’ e de toda a sociedade burguesa como uma espécie de mal necessário.

É importante frisar que Ulisses, depois de estar de volta a sua embarcação junto com seus companheiros, mesmo ainda lidando com o perigo iminente, devido às pedras arremessadas por Polífemo para atingi-los, não dá ouvidos aos apelos dos seus amigos – que tentam em vão o impedi-lo – grita ameaças ao ciclope, ao mesmo tempo em que anuncia seu verdadeiro nome e sua origem. Na *Dialética do Esclarecimento*, os autores escrevem sobre o resultado desse ato, que pode ser observado também em outras situações, diversas das apresentadas na ficção de Homero:

Os amigos tentam em vão preservá-lo da tolice de proclamar a sua sagacidade, e é por um fio que escapa às rochas arremessadas por Polífemo. Ao mesmo tempo, foi a designação de seu nome que provavelmente atraiu para ele o ódio de Possêidon [...] A astúcia, que para o inteligente consiste em assumir a aparência da estupidez, converte-se em estupidez tão pronto ele renuncie a essa aparência.¹⁰⁸

Neste ato de Ulisses de renunciar a sua própria identidade para salvar-se e depois reavê-la com certo orgulho diante do ciclope, é possível notar a diferença entre o projeto proposto pelo Esclarecimento e a reconciliação proposta por Adorno pela arte conduzida pela mimesis. Traçando uma analogia diante dessa alegoria de Homero, pode-se observar que, no Esclarecimento, o homem abandona o espírito subjetivo, sua identidade, em virtude do caráter da autoconservação, e lança-se ao objeto, perdendo-se, assim, diante da razão dominadora. Com a arte, ainda se mantém o caráter de domínio da natureza, no entanto, o indivíduo renuncia a sua identidade, lança-se ao objeto, domina-o e retorna triunfante.

Ulisses, ao assumir a sua identidade e sua pátria, abandona a possibilidade de tornar-se um ser amorfo. Adorno utiliza-se deste mesmo episódio para ilustrar a mimesis em sua ambigüidade entre a reconciliação e a perdição. A reconciliação, sobre a luminosidade da mimesis originária, que lhe permitiu sair ileso do confronto com o gigante, e a perdição, evocando a mimesis segunda, que causou a ira de Possêidon. Fora dos limites da ficção, a mimesis como imitação, renúncia, amorfismo tem também o poder de levar o indivíduo tanto à liberdade, por exemplo, de uma verdadeira filosofia

¹⁰⁸ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Ulisses ou mito e esclarecimento*, p.71.

ligada ao subjetivo, quanto à assunção de um amorfismo que, por consequência, leva diretamente essa indigência a uma vulnerabilidade diante da assimilação de investidas ideológicas.

Na *Odisséia*, segundo Adorno e Horkheimer, é possível identificar a mimesis originária em oposição a mimesis ilusória. Na *Dialética do Esclarecimento*, eles utilizam a figura de Ulisses em alguns episódios para exemplificar a que custo ele consegue superar seus obstáculos por meio da perda de sua identificação. Para escapar da morte certa, o herói nega a si mesmo, desprezando a sua identidade – essa renúncia simbólica é o que serve como principal característica e bem representa a constituição da civilização moderna. O problema, na verdade, é o novo ser que emerge dessa renúncia, pois a mimesis ilusória, perversa, totalizante, alienante é a única possível ao homem esclarecido.

Interessa a nossos autores não só descrever essa história, mas sim, também ressaltar o preço pago pela humanidade para chegar à assim chamada “idade da razão”. Isto é: a história da emancipação do mito e do devir adulto não é somente um devir progressivo e luminoso, como pretendiam, justamente, as luzes do Iluminismo, mas também deve ser denunciada [...] como sendo uma gênese violenta e violentadora, cujo preço é alto. Anti-semitismo e nazismo serão compreendidos como o retorno dessa violência recalçada.¹⁰⁹

Na *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer escrevem sobre a problemática acerca dos riscos provocados por uma renúncia da própria identidade na chamada mimesis segunda* e usam também a figura do anti-semitismo para ilustrar essa situação. Eles denunciam que o preço pago para se alcançar a razão emancipadora, paradoxalmente, significa a perda da razão e, nessa total ausência de consciência, o que brota desse solo são as mais diversas projeções de, justamente, irracionalidades representadas por totalitarismos, fruto de políticas regressivas.

O anti-semitismo baseia-se numa falsa projeção. Ele é o reverso da mimese genuína, profundamente aparentada à mimese que foi recalçada, talvez o traço caracterial patológico em que esta se sedimenta. Só a mimese se torna semelhante ao mundo ambiente, a falsa projeção torna o mundo ambiente semelhante a ela. Se o exterior se torna para a primeira o modelo ao qual o interior se ajusta, o estranho tornando-se familiar, a segunda transpõe o

¹⁰⁹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Homero e a dialética do esclarecimento*, In: _____. **Lembrar esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006, p.30.

* Gagnebin no seu texto “*O Conceito de Mimesis no Pensamento de Adorno e Benjamin*” trata como primeira a mimesis originária e segunda a mimesis ilusória – sempre com relação à concepção de arte como imitação e ligada ao mundo das essências em Platão.

interior prestes a saltar para o exterior e caracteriza o mais familiar como algo de hostil.¹¹⁰

A arte é mimesis. Mimesis significa poder de criação de semelhanças como cópias do real, uma espécie de arremesso à realidade, uma vez que o sujeito se lança ao/no objeto. Adorno e Horkheimer afirmam que o ato de se estabelecer uma proximidade com o objeto exige do homem uma projeção, e, ao mesmo tempo, um ato de renúncia da sua identidade subjetiva, e isto abre espaço para a implantação e a implementação de qualquer ideologia, mesmo que esta não se fundamente em nada que lhe seja externo.

De acordo com esta visão, Adorno e Horkheimer mostram que o anti-semitismo, por exemplo, por si só não se sustenta, é uma falsa projeção que conseguiu ser imposta à sociedade alemã, por conta, justamente, do vácuo criado pela renúncia do espírito subjetivo do homem para tentar absorver um objetivo político figurado pelo nacional-socialismo, o qual se utilizou da idéia abominável de criação de um Estado que representaria um ideal de perfeição do *führer*. Em nome de uma mimesis originária, presente tanto na arte, quanto no homem, o anti-semitismo, pela sua capacidade de produzir semelhanças, foi uma projeção da mimesis ilusória – uma falsa projeção, fruto de uma mimesis segunda, pois se trata de uma hipótese, de uma idéia política que não se fundamenta, nem objetivamente e nem subjetivamente.

O comportamento anti-semita é desencadeado em situações em que os indivíduos obcecados e privados de sua subjetividade se vêem soltos enquanto sujeitos [...] Neles fica demonstrada a impotência daquilo que poderia refreá-los, a impotência da reflexão, da significação e, por fim, da verdade. O passatempo pueril do homicídio é uma confirmação da vida estúpida a que as pessoas se conformam. Só a cegueira do anti-semitismo, sua falta de objetivo, confere uma certa verdade à explicação de que ele seria uma válvula de escape [...] Não existe um genuíno anti-semitismo e, certamente, não há nenhum anti-semita nato [...] eles saem a pilhar e constroem uma ideologia grandiosa para isso, e falam dispatadamente da salvação da família, da pátria, da humanidade.¹¹¹

Por esse motivo, nos textos do livro *Mínima moralia*, Adorno chamava atenção que, depois da Segunda Guerra Mundial, o grande objetivo de toda formação cultural e, conseqüentemente, de toda projeção mimética, deveria ser elaborado e conduzido no intuito de que Auschwitz não se repetisse jamais. Fica então um pouco mais clara a luta

¹¹⁰ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Elementos do anti-semitismo: limites do esclarecimento*. In: **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.174.

¹¹¹ Ibidem, p.160.

de Adorno por um projeto formativo adequado para que não sejam mais admitidas barbáries na história da humanidade. Ele denuncia que a razão instrumental, aliada à semicultura, dá margem ao surgimento, por exemplo, do anti-semitismo, que macula o ideal de mimesis como potência criadora, subvertendo-a em ideais de dominação ideológica. Mesmo sem uma fundamentação ou referência que justificasse a sua própria existência, o absurdo do anti-semitismo aconteceu, principalmente, segundo Adorno e Horkheimer, por encontrar um ambiente favorável para seu desenvolvimento nos espaços vazios deixados pela razão instrumental e pela ausência de uma identidade no homem.

O patológico no anti-semitismo não é o comportamento projetivo enquanto tal, mas a ausência da reflexão que o caracteriza. Não conseguindo mais devolver ao objeto o que dele recebeu, o sujeito não se torna mais rico, porém, mais pobre. Ele perde a reflexão nas duas direções: como não reflete mais o objeto, ele não reflete mais sobre si e perde assim a capacidade de diferenciar. Ao invés de ouvir a voz da consciência moral, ele ouve vozes [...] ele incha e se atrofia ao mesmo tempo. Ele dota ilimitadamente o mundo exterior de tudo aquilo que está nele mesmo; mas aquilo de que o dota é o perfeito nada, a simples proliferação dos meios, relações, manobras, a práxis sinistra sem a perspectiva do pensamento.¹¹²

A arte, afirma Adorno, carrega consigo uma atmosfera mimética conflituosa entre o original e o ilusório, e tanto a arte originária, quanto a arte ilusória se caracterizam por permitir ao sujeito a reprodução do objeto – do real – para que se estabeleça uma relação entre ambos. Assim, essa imitação pode tanto ter um lado positivo – e, aliada à Filosofia, pode levar o homem a um conhecimento verdadeiro da sua realidade e também a uma reconciliação com a natureza – como pode ter um lado negativo que, para garantir o domínio da natureza sem controle, leva o sujeito à submissão a ideologias. Neste sentido, a mimesis liga-se, assim, à racionalidade, pois sempre proporciona ao homem uma projeção do seu interior ao exterior como uma troca constante. Com a arte acontece isso: o homem tem que renunciar a sua identidade – todas as suas impressões e contingências – e tornar-se parte dela, para poder estabelecer uma experiência estética com seu conteúdo. Toda projeção que não comporte o espírito subjetivo é, por si só, uma patologia, na medida em que não prestigia o sujeito, nem tampouco o objeto.

¹¹² ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Elementos do anti-semitismo: limites do esclarecimento*, p.176-177.

Segundo Adorno e Horkheimer, o que o anti-semitismo suscitou verdadeiramente no indivíduo foi o abandono da sua própria identidade, em prol de uma nova realidade sócio-política que, desde o início, foi marcada pela falsa projeção: o nazismo. A promessa de domínio da natureza pelo nacional-socialismo alemão levou a Europa a mais tenebrosa barbárie que se pôde imaginar: o extermínio de milhões de judeus, que serviu apenas como um meio, uma justificativa para se obter êxito nesse projeto.

O conhecimento pós-Esclarecimento é representado pela busca do domínio da natureza por parte do sujeito, extinguindo o valor do objeto em nome de uma autoconservação. No entanto, o momento que precedeu esse processo de busca era tido como mitológico, e se caracterizava pelo alcance de uma identidade que se estabeleceria junto à natureza. A mimesis é exatamente a procura dessa unidade entre o homem e o real. A ligação entre arte e Filosofia, para Adorno, consiste, justamente, na busca do indivíduo pelo momento perdido antes do domínio técnico do real.

Foi declarado nos capítulos anteriores que um dos principais erros do projeto formativo do Esclarecimento foi inculcar no homem a idéia de que, mesmo estando integrado ao espaço natural, ele não pertencia à natureza. O homem, então, a partir desta falsa percepção, compreendendo que não poderia se equiparar, de forma objetiva, ao poder da natureza, procurava dominá-la por meio da mimesis (projeção do real), para não ser submetido às forças naturais. Para Adorno, a mimesis não se propõe a conceder esse mesmo poder ao homem, mas aparece como uma etapa onde o conhecimento estimula uma reconciliação entre homem e mundo. Por meio da mimesis, não se procura, como acontece na razão técnica, o conhecimento para o domínio do real tal como ele é, mas, dentro dessa constante investigação, busca-se, paradoxalmente, preencher a lacuna entre o homem e a natureza, ao mesmo tempo em que a tensão entre esses dois pólos permanece viva, em prol da liberdade do homem e da construção do mundo de forma subjetiva e contínua.

Para Adorno, a mimesis (arte) – por ser uma maneira toda própria de compreender o real, que foge a conceitos pré-estabelecidos, ao discurso da razão científica ou instrumental –, suplanta a razão totalizante, dentro da idéia de que esta pode elucidar e dominar a natureza de forma integral. O afastamento entre sujeito e objeto, resultado da razão científica, coloca o homem ou como único responsável pelo conhecimento – tratando a natureza (objeto) como passiva – ou, ainda, como aquele que se adapta às determinações dessa mesma razão dominadora.

Por meio da distinção – e, ao mesmo tempo, da tensão – entre mimesis e racionalidade, é possível tomar como função da arte auxiliar na recondução da razão – e da própria Filosofia, que, também prejudicada pelo Esclarecimento, se apresenta como reificadora dos homens –, ao seu devido lugar, que não é o de instância exclusiva de obtenção do conhecimento e de apropriação da natureza. A arte, segundo Adorno, teria condições de demonstrar que a razão, que sistematiza o real, não pode ser vista como único meio humano capaz de conduzir e produzir conhecimento sobre a natureza, porque, na sua visão, não possibilita nenhuma tensão dialética – reflexiva.

De acordo com Adorno, neste momento do pós-Esclarecimento, o homem necessita buscar recuperar aquilo que foi perdido quando foi obrigado a abandonar a mimesis e se deixar conduzir exclusivamente pela razão. Esta perda, na sua reflexão, iniciou-se desde quando a humanidade recorria aos mitos para apropriar-se da natureza, passando pelo nascimento e uso do *logos* filosófico para este fim, até chegar ao Esclarecimento, momento em que a distinção, e não a aproximação, entre sujeito e objeto passou a servir como fundamento da construção de todas as suas bases conceituais: o conhecimento pós-Esclarecimento foi fundamentado em rupturas e não por aproximações, por sistematizações e não por experiências. Para Adorno, através da arte é possível se reaver esse momento longínquo, por isso pode-se dar a ela a tarefa de (re)conciliadora.

Mas de que forma é possível reaver esse instante mimético original? Trata-se de reconduzir-se a tempos remotos? O passo inicial deste empreendimento, com certeza, seria o contato com a natureza mimética perdida, a localização daquela forma especial de conhecimento soterrada pela razão científica. Qual instância, então, seria capaz de promover este contato, possibilitar tal localização? Adorno encontrou a resposta: a arte. Segundo ele, a experiência pela arte apresenta-se como aquela que tem o poder de recuperar o instante mimético entre sujeito e objeto (homem e natureza), mas não se trata de retroceder a essa natureza, pois as transformações já se estabeleceram profundamente no sujeito emancipado, dentro de sua ruptura com o objeto. Ao mesmo tempo, a arte, por meio de sua relação mimética, não possui qualquer compromisso no âmbito da razão instrumental e dominadora, que é, genuinamente, um compromisso ideológico. A arte, enquanto manifestação independente em relação ao *logos*, mostra o real fora do discurso conceitual, longe de ser regulado pela razão científica, tornando-se um discurso próprio do sujeito. Neste sentido, a dialética contida na arte apresenta ao

homem não o belo formal, mas, dentro desse novo contexto mimético, a possibilidade da construção da beleza caracterizada pela subjetividade.

O que brota na perspectiva adorniana da mimesis como construtora da liberdade do homem é que o *logos* não se encontra mais como absoluto e perde, substancialmente, o seu caráter mítico-científico, permitindo, ao mesmo tempo, um novo modo de construção de conhecimento e um novo modo do homem projetar-se no mundo. De acordo com Adorno, a arte é o conteúdo que oferece ao homem a oportunidade de conhecer o mundo de forma diferente, sem, contudo, permitir mais uma sistematização do real por meio da razão esclarecida, baseada no modelo matemático-científico. Na projeção mimética originária são permitidas referências, mas não conceitos, e o objeto volta a ser dotado de sentido, como no mito, mas não caracterizado pelo afastamento e, sim, pela proximidade. Somente a arte é capaz de fazer com que a razão reconheça, segundo Adorno, sua insuficiência, e perceba que não possui o caráter de *status* mítico.

Somente a arte pode expor a tensão existente entre a razão e o real, podendo fazer com que o homem se localize dentro desta atmosfera, reavendo a dialética primordial perdida pela ciência. Neste sentido, para Adorno, a arte não pode, assim, ser convertida em controle ideológico, como o uso do *logos* proposto pelo Esclarecimento, porque traz, como principal característica, o fato de ser um conhecimento de ordem irracional, permanecendo, assim, atuante no pensamento humano apenas como regulador e não como sistematizador. A experiência mimética, portanto, mantém a tensão entre estes opostos que se complementam. A mimesis põe o homem não como soberano desta realidade, mas buscando incorporar-se dentro dela, de modo reconciliador, na construção de experiências. A arte tem o poder, por meio da mimesis, de projetar um mundo diferente deste que se encontra hoje totalmente dominado pelo racionalismo. Com isso, a seguir será discutido como a arte, na visão de Adorno, pode reconciliar o homem ao momento perdido com a natureza e leva-lo conseqüentemente a emancipação, outrora prometida pelo Esclarecimento, por meio do pensamento reflexivo.

4.2 ARTE E MÍMESIS COMO RECONCILIAÇÃO E EMANCIPAÇÃO

A segunda parte deste capítulo pretende identificar como a teoria estética de Adorno, que relaciona arte e mímeses, pode promover a libertação do homem de uma cultura semiformativa e ideológica, visando a (re)construção do espírito subjetivo e uma relação mais verdadeira com o real e com a própria humanidade. Os pressupostos desta teoria encontram-se explicitados em diversos textos escritos pelo filósofo, reunidos em um livro de mesmo nome por seus amigos após sua morte. Estes escritos abordam diversos temas ligados à arte, relacionando-os, principalmente, a questões como sensibilidade, nova estética e mudança da percepção humana acerca dos produtos da indústria cultural.

A *Teoria Estética* é considerada como uma obra inacabada, por ter sido escrita em ‘um só fôlego’, ou seja, sem qualquer tipo de divisão em capítulos ou tópicos. Neste sentido, devido às dificuldades proporcionadas por sua leitura, o auxílio de comentadores – como Gagnebin, Tiburi, Jay, Bronner e Wieggershaus – foi fundamental, tanto para tornar mais compreensíveis os escritos adornianos, quanto para ressaltar a sua visão sobre a arte como um veículo formativo eficiente na condução do homem à emancipação e à reconciliação com um momento outrora perdido de relação harmoniosa com a natureza.

Para apresentar as principais premissas que compõem sua teoria estética, Adorno preocupou-se em elaborar, inicialmente, uma introdução com a síntese de suas análises críticas – já descritas e defendidas nos seus livros anteriores – acerca dos males trazidos pelo projeto emancipatório do Esclarecimento. Nesta introdução, o autor, lançando mão novamente das idéias formuladas junto a Horkheimer, observou, mais uma vez, que o projeto formativo do Esclarecimento – cuja proposta visava colocar o homem na posição de senhor frente à natureza, a partir da razão instrumental – conseguiu, na verdade, levar o indivíduo a um processo regressivo, universalizador e totalitário, em consequência da sua total submissão a este *logos*. Em virtude desta ‘razão regressiva’, o que se viu foi que o controle ideológico ganhou terreno e incutiu na sociedade, em proveito próprio, outros processos formativos, a exemplo da autoconservação, a semicultura, a integração e a indústria cultural. Na visão de Adorno, todos estes processos viabilizados pelo Esclarecimento, disseminados sob o signo de projetos

formativos e emancipatórios, serviram mesmo para conduzir a humanidade a uma completa absorção do mundo como espírito objetivo; lamentavelmente, esta absorção não se manteve apenas no campo teórico, mas também foi reproduzida pelo homem em todas as suas relações possíveis com o real, inclusive aquela relacionada à produção e à leitura de obras de arte.

Adorno mostrou que o Esclarecimento, com a supremacia dada à razão pura, provocou uma mudança profunda em um contexto que antes era de conciliação e harmonia, por conta da consonância que havia entre o indivíduo e seu espaço natural, compreendido através dos mitos. Em sua opinião, este projeto emancipatório promoveu o retorno da barbárie nas relações do homem consigo mesmo, com o outro e com o mundo, através, inclusive, da transformação do papel da arte, que, de elemento importante para permitir uma relação de aprendizado, e não de domínio, entre homem e natureza, passou a uma categoria a mais a ser utilizada pelo plano do Esclarecimento para a disseminação da ideologia dominante capitalista. Assim como outras instâncias, a arte, neste período de pós-Esclarecimento, também ficou impossibilitada de oportunizar ao sujeito entrar em contato direto e experimental com a realidade ao seu redor, para (re)conhecê-la e transformá-la.

Em muitos casos, as formas estéticas preparadas coletivamente tornaram-se formas finais sem finalidade, sobretudo os ornamentos, que recorriam utilmente à ciência matemático-astronômica. Este caminho é predeterminado pela origem mágica das obras de arte: eram elementos de uma práxis que queria agir sobre a natureza, dela se separaram no início da racionalidade e renunciaram à ilusão de uma influência real. A especificidade das obras de arte, a sua forma, não pode, enquanto conteúdo sedimentado e modificado, negar totalmente a sua origem¹¹³.

Antes dos escritos da *Teoria Estética*, ainda na sua obra *Dialética do Esclarecimento*, citando mais uma vez um episódio da narrativa homérica, Adorno e Horkheimer já mostram que acreditam na arte como elemento imprescindível para o retorno a este contexto de relação conciliadora do indivíduo com a natureza, o qual consideram fundamental para a emancipação humana. Neste episódio, que traz a figura de Ulisses como protoforma do homem moderno, e *Odisseus* como aquele que conseguia estabelecer uma relação direta com a sua realidade natural, Adorno e Horkheimer afirmam que este último, contando com o conhecimento que adquiriu a partir de suas experiências junto à natureza, venceu os obstáculos encontrados ao longo

¹¹³ ADORNO, Theodor. **Teoria estética**, p.161.

da sua trajetória a ponto de sacrificar-se como herói e monarca e conquistar sua verdadeira identidade.

Neste sentido, ao longo de toda a obra de Adorno, é possível observar que o autor, quando se propõe a avaliar criticamente o projeto formativo e emancipatório do Esclarecimento, e os inúmeros prejuízos causados pela razão instrumental e pela burguesia, busca, na verdade, recuperar toda a relação e toda a experiência que, em algum momento, se estabeleceram entre o homem e a natureza. Assim, pode-se afirmar que a palavra ‘reconciliação’ – com o sentido que Adorno lhe dá – assume um papel muito importante na sua teoria estética, pois se relaciona ao exercício de reconduzir o homem a esse momento de harmonia esquecido pela ‘razão esclarecida’ e pelo sistema capitalista. Para ele, a reconciliação significa o retorno da experiência entre sujeito e objeto, entre o homem e o real, e esta é a sua perspectiva de libertação da humanidade.

Aquela indignação insere-se, pois, na ideologia da dominação. Semelhante fealdade desapareceria se, um dia, a relação dos homens com a natureza se expurgasse do caráter repressivo, que perpetua a opressão do homem, e não o inverso. Num mundo devastado pela técnica, o potencial para isso reside numa técnica tornada pacífica, não em enclaves planejados¹¹⁴.

Seguindo esta linha de raciocínio, convém destacar, neste momento, que a arte sempre esteve presente na filosofia de Adorno. Desde cedo, influenciado pela família, que era composta por músicos, o filósofo enveredou por este caminho e tornou-se musicólogo e compositor, tendo sido, inclusive, aluno de Alban Berg. Mais tarde, quando esteve exilado nos Estados Unidos, direcionou seus muitos estudos também à música contemporânea – como uma crítica ao que chamou de “*música ligeira*”, sobretudo o jazz, estimulada pela indústria cultural, e que se contrapunha ao que considerava “*música séria*”^{*} – e produziu sobre este tema o livro *Filosofia da Nova*

¹¹⁴ ADORNO, Theodor. **Teoria estética**, p.61.

* ‘*Música ligeira*’ seria aquele tipo de produção musical que atendia a padrões impostos pela indústria cultural direcionadas ao consumo popular de forte apelo comercial. A ‘*música séria*’ seria justamente aquela que guarda consigo o seu valor formativo bem como o seu caráter ‘aurático’ de valor tradicional e histórico. Mas como, segundo Adorno, todo tipo de ‘produção séria’ é sempre algo a ser convertido em mercadoria, no texto Teoria da semicultura Adorno dá um exemplo do que chamou de explosão da barbárie: “*Um caso extremo [...]. Na América existe um livro extraordinariamente divulgado — Great Symphonies —, de Sigmund Speath, que está concebido, sem quaisquer justificativas, em resposta a uma pressão da semiformação: a de que, para mostrar sinais da pessoa culta, se deve reconhecer de pronto as obras sinfônicas típicas e obrigatórias na crítica musical. O método consiste em colocar letra nos cantados e forçar a memorização de frases musicais, como acontece com as canções populares. Assim, o tema principal da Quinta Sinfonia de Beethoven é cantado com as palavras I am your Fate, come, let me in! ; e a Nona Sinfonia está cortada em duas partes - pois seu começo não seria suficientemente cantável*”

Música, além dos textos *O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição* e *Porque é Difícil a Nova Música*. Nestas produções, Adorno destaca que foi exatamente a separação entre homem e natureza – segundo o Esclarecimento, necessária para se manter a soberania do homem – a responsável pelo fracasso desse projeto emancipatório. Desta forma, para ele, somente outra ‘técnica pacífica’ – pacífica no sentido de não promover rupturas – seria capaz de promover esse ‘reencontro’: a arte. Sobre a relação e a importância entre arte, sociedade e homem – que, de certa forma, serve como crítica à cultura produzida industrialmente –, Adorno escreve:

A objetivação da arte que, do exterior, da sociedade, constitui o seu fetichismo é, por seu turno, social enquanto produto da divisão do trabalho. Por isso, a relação da arte à sociedade não deve buscar-se predominantemente na esfera da recepção. Essa relação é anterior a esta e situa-se na produção. O interesse da decifração social da arte deve virar-se para esta produção em vez de se contentar com inquéritos e classificações dos efeitos, que, muitas vezes, por razões sociais, divergem totalmente das obras de arte e do seu conteúdo social objetivo. As reações humanas às obras de arte são, desde tempos imemoriais, mediatizadas ao extremo e não se referem imediatamente à coisa; hoje, esta mediação produz-se em toda sociedade [...] A arte e a sociedade convergem no conteúdo não em algo exterior à obra de arte. Isto também se relaciona com a história da arte. A coletivização do indivíduo faz-se à custa da força produtiva social. Na história da arte, a história real reaparece em virtude da vida específica das forças produtivas, dela derivadas e, em seguida, por ela isoladas¹¹⁵.

Para que a teoria estética obtivesse êxito, necessário seria, na visão do próprio autor, que a relação do homem com a obra de arte fosse sempre conciliadora, como era antes, ou, no que tange à realidade produzida pelo Esclarecimento, reconciliada, uma vez que, analisando a posição da arte na sociedade capitalista do pós-Esclarecimento, Adorno mostra que esta instância foi agressivamente atingida pela divisão do trabalho, característica desta sociedade. Ele denuncia que a influência da divisão social do trabalho fez com que a obra de arte se objetivasse e a sua leitura se tornasse extremamente prejudicada, na medida em que o homem passou a lê-la a partir do seu conteúdo próprio, esquecendo totalmente do seu vínculo pessoal com a obra, essencial para vivenciar uma experiência concreta com o mundo real. Com esta forte denúncia, Adorno afirma que, nessa nova perspectiva técnica do pós-Esclarecimento, não há mais uma mediação entre sujeito e atividade artística, na medida em que, ele mostra, a formação técnica e a razão instrumental alienaram a relação entre o sujeito e o objeto,

- e seu motivo final está "enfeitado" com o texto *Stand! The mighty ninth is now at hand!* ADORNO, Theodor, *Teoria da semicultura*, p.403-404.

¹¹⁵ ADORNO, Theodor. **Teoria estética**, p.256.

conduzindo, assim, tão somente, o homem a apenas estabelecer uma aproximação fugaz, equivocada e reduzida com a arte, e não, como seria fundamental acontecer, uma apropriação significativa da experiência estética.

Aí se funda a lembrança do efêmero pela arte. Esta conserva-o torna-o presente, ao modificá-lo: é a explicação social do seu cerne temporal. Ao abster-se da práxis, a arte torna-se esquema de uma práxis social: toda obra de arte autêntica opera uma revolução em si. Porém, enquanto que a sociedade, em virtude da identidade das forças e também das relações, penetra na arte para aí desaparecer, a arte – mesmo a mais avançada – possui em si, inversamente, a tendência para a sua socialização e a sua integração social¹¹⁶.

A arte, na opinião de Adorno, quando abandona a práxis humana, torna-se, apenas, um elemento a mais a ser agregado ao sistema, como aconteceu na sociedade capitalista do pós-Esclarecimento, através do caráter de integração característico da sua indústria cultural. No entanto, a concepção de arte que percorre toda a filosofia adorniana, e que interessa em particular a este tópico, é a que permanece amalgamada a outras noções que compõem a sua teoria estética, como formação cultural, mimesis e racionalidade, emancipação e política. Essa teoria, como já dito outras vezes, tem como fundamento último fornecer subsídios ao homem, no sentido de restaurar sua capacidade crítica em vistas a sua emancipação, evitando, assim, que a humanidade sofra com os efeitos nocivos de controles ideológicos que perpassam a economia e o entretenimento, e, acima de tudo, que a criação, a imposição e a disseminação de políticas totalitárias venham a culminar em genocídios, como o que aconteceu em Auschwitz.

Desta forma, pode-se notar que Adorno inclui a arte no processo de formação cultural – dando-lhe um importante destaque – e, mais uma vez, reafirma o papel decisivo desta formação na recuperação da relação entre sujeito e objeto, indivíduo e natureza. No entanto, ele não vê tal relação se estabelecendo com um desses pólos sobrepondo-se ao outro, mas, sim, pensando em uma interação entre eles, a fim de garantir uma reconciliação entre o homem e o mundo em que vive – sem padrões ou sistematizações oriundas de uma razão baseada em determinações científico-matemáticas, mas por uma projeção do homem para o objeto e o mundo como uma construção constante.

¹¹⁶ ADORNO, Theodor. **Teoria estética**, p.256.

O que, na realidade, enfrenta, além do fetichismo da cultura, e ousa chamar-se cultural é só o que se realiza em virtude da integridade da própria figura espiritual e repercute na sociedade mediatamente, passando através de tal integridade e não por um ajuste imediato a seus preceitos. A força para isso, porém, não pode surgir ao espírito a não ser do que alguma vez tenha sido formação cultural. De qualquer maneira, quando o espírito não realiza o socialmente justo, a não ser que se dissolva em uma identidade indiferenciada com a sociedade, estamos sob o domínio do anacronismo: agarrar-se com firmeza à formação cultural, depois que a sociedade já a privou de base. Contudo, a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a auto-reflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu.¹¹⁷

Uma vez que o norte da filosofia de Adorno é a *bildung* da humanidade para a sua liberdade, consciência crítica e construção de um mundo mais ético, como criar uma formação que atenda a esses propósitos, mas que não seja, como as tentativas anteriores, aliciada e convertida pela máquina ideológica burguesa? Considerando a atividade artística como motriz desta formação, como a arte conseguirá não se deixar transformar em mais um outro sistema alucinatório da humanidade pós-esclarecida?

A resposta, de acordo com Adorno, uniria como poderosos aliados uma pedagogia* reformulada e a atividade mimética, na medida em que, com seus fundamentos respeitados, tais instâncias manteriam a sua capacidade crítica da realidade circundante, indispensável para o desenvolvimento da humanidade. No entanto, nos capítulos anteriores, foi possível refletir intensamente acerca da influência nociva da razão instrumental tanto na formação cultural, quanto na arte de maneira geral: ambas, pedagogicamente ou culturalmente, tiveram seus objetivos de emancipação humana transformados em ideologias e bens de consumo. Na *Teoria da Semicultura*, Adorno alerta para a incapacidade da educação em manter-se firme em seus propósitos em um mundo dominado pela técnica:

Reformas pedagógicas isoladas, indispensáveis, não trazem contribuições substanciais. Poderiam até, em certas ocasiões, reforçar a crise, porque abrandam as necessárias exigências a serem feitas aos que devem ser educados e porque revelam uma inocente despreocupação frente ao poder que a realidade extrapedagógica exerce sobre eles¹¹⁸

O filósofo chama a atenção que é necessário promover e estabelecer uma crítica permanente acerca da educação e dos resultados perniciosos de um processo pedagógico

¹¹⁷ ADORNO, Theodor. *Teoria da semicultura*, p.410.

* Nos textos de Theodor Adorno, principalmente na reunião de textos/conferências do livro *Educação e Emancipação*, é importante que quando localizada as palavras 'educação ou pedagogia' que leia-se 'formação cultural' que no final das contas, na filosofia adorniana possuem o mesmo sentido.

¹¹⁸ Ibidem, p.388.

baseado tão somente em uma “estratégia de ‘esclarecimento’ da consciência sem levar na devida conta a forma social em que a educação se concretiza como apropriação de conhecimentos técnicos”¹¹⁹, uma vez que nem sempre a educação é, necessariamente, um fator de emancipação, principalmente em tempos de globalização, em que uma atividade pedagógica globalizada serve apenas como tíquete de passagem para o trabalhador integrar-se a um mundo moderno tecnológico e altamente competitivo.

Na análise de Adorno, a educação não pode ser tomada como instância integradora ou modeladora, mas, sim, como uma possibilidade de, sem amoldar aqueles que estão sendo educados, inseri-los, e não integrá-los, na realidade em que vivem, a partir da construção de um conhecimento autêntico acerca dela. No entanto, o autor aponta que, na sociedade administrada, a educação mudou o seu rumo e representa e alcança, hoje, justamente, um saldo bem oposto ao seu propósito inicial: seguiu o modelo de divisão do trabalho e passou também a formar os homens para distribuí-los em diferentes categorias, dos mais integrados aos não integrados ao sistema.

Adorno pondera que a educação deveria mudar a sua fundamentação e seus objetivos práticos, pois a tentativa de modelar os seres humanos, conduzi-los apenas à integração ao sistema capitalista por meio de uma formação técnica pode ser considerado como sinônimo de impotência diante de toda ideologia presente no mundo pós-Esclarecimento. Adorno pensa também que a ‘consciência verdadeira’ poderia ser proporcionada por uma ‘cultura formativa verdadeira’, contudo, ele mostra que, na sociedade administrada, esta última foi convertida em bem cultural, e a própria arte, por sua vez, embora envolta em um manto emancipatório promissor, foi transformada em mero entretenimento pela indústria cultural.

Numa sociedade onde a arte já não tem nenhum lugar e que está abalada em toda a reação contra ela, a arte cinde-se em propriedade cultural coisificada e entorpecida e em obtenção de prazer que o cliente recupera e que, na maior parte dos casos, pouco tem a ver com o objeto. O prazer subjetivo na obra de arte aproximar-se-ia do estado que se esquia à empiria enquanto totalidade do ser-para-outro, não da empiria [...] Na medida em que a arte corresponde a uma necessidade social manifesta, transformou-se em grande parte numa empresa governada pelo lucro, que persiste enquanto é rendível e pela sua perfeição ajuda a passar visto já estar morta.¹²⁰

Com a cultura e a arte mais voltadas para a perspectiva de obtenção de prazer, e a educação servindo como aparelho ideológico do estado capitalista, a opção de Adorno

¹¹⁹ MAAR, Wolfgang Leo, *À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa*, p.11.

¹²⁰ ADORNO, Theodor. **Teoria estética**, p.27-30.

em busca da emancipação do homem gira em torno de uma reformulação da educação, reconhecendo uma vivência prática e social do homem e tornando-se aliada do poder mimético da arte de construção e de reconciliação com a natureza.

Entretanto, permanece a pergunta: De que maneira a arte pode contribuir com a emancipação do homem, se também se encontra dominada pelo sistema? Na tentativa de demonstrar a força da arte nesta situação de controle ideológico, Adorno inicia escrevendo sobre a relação da arte com o mundo:

Só que o mundo, por uma tendência negativa relativamente ao primeiro, é antes a destruição do que é refletido pelos sentimentos íntimos e não tanto a reunião num sentido dos elementos dispersos da sua existência. Nada há na arte, mesmo na mais sublime, que não provenha do mundo; nada que permaneça intacto. As categorias estéticas devem definir-se tanto pela sua relação ao mundo como pela renúncia a este. A arte é conhecimento em ambos os casos; não apenas pelo retorno do mundano e das suas categorias, pelo seu vínculo com o que, ademais, se chama o objeto do conhecimento, mas talvez ainda mais pela crítica tendencial da *ratio* dominadora da natureza cujas determinações fixas ela abala através da modificação¹²¹.

O fracasso do filosofar tradicional baseado em uma razão totalizante, inapropriada, de acordo com o juízo de Adorno, para fazer com que o homem se relacionasse com o mundo, fez com que o filósofo se reportasse à atividade mimética. No entanto, ele alerta, a arte não deve se tornar um novo paradigma como aconteceu com a razão universalizadora proposta pelo Esclarecimento. A arte seria, para Adorno, uma espécie de redenção, tanto para o homem, quanto para a própria filosofia – uma filosofia não voltada tão somente para a teoria, mas, principalmente, preocupada com a práxis social, que enfatizasse o conceito de verdade, tornando possível a construção de uma sociedade composta por homens conscientes e autônomos.

Adorno esclarece que embora a arte – neste caso, fugindo de qualquer possibilidade de tornar-se mais uma verdade paradigmática e controlável ideologicamente – tenha a possibilidade de levar o homem a emancipação, não consegue fazê-lo de modo intencional. No livro *Teoria Estética*, Adorno chama atenção para o fato de que a educação estética age com o objetivo de apreender o instante expressivo pertencente à filosofia e também o momento intelectual que diz respeito à expressão artística, pois “a genuína experiência estética deve tornar-se filosófica ou então não existe”¹²².

¹²¹ ADORNO, Theodor. **Teoria estética**, p.160.

¹²² Ibidem, p. 152.

Para Adorno, a arte se mostra como essa verdade não-intencional devido a sua capacidade de imitação do real e, como já dito anteriormente, por carregar consigo um elemento necessário à atividade artística e a (re) conciliação do homem com a natureza: a dialética entre mimesis e racionalidade*. A mimesis é o momento da sensibilidade, da pré-racionalidade, é o que dá característica a arte, que, sem ela, seria apenas mais um objeto comum. A mimesis é, ainda, a responsável pelas mudanças ocorridas no interior da razão; é justamente o instante não-racional da obra de arte, como se fosse a representação do ‘contrário da razão’.

A mimese é na arte o pré-espíritual, o contrário do espírito e, por outro lado, aquilo a partir do qual ele se incendeia. Nas obras de arte, espírito tornou-se seu princípio de construção, mas só satisfaz o seu *telos* onde se eleva a partir do que deve ser construído, dos impulsos miméticos, e nelas se integra em vez de se lhes impor de um mundo autoritário. A forma unicamente objetiviza os impulsos individuais quando os segue para onde eles se dirigem por si mesmos. Apenas isto constitui a *méthexis*** da obra de arte na reconciliação¹²³

A racionalidade é o instante da construção, da presença da lógica – sem ela a obra de arte se tornaria uma manifestação irracional. Representa o papel da técnica, pois é o momento em que a arte se caracteriza como obra e, também e mais importante, é quando se comunica com a sociedade alienada, mesmo não sendo semelhante a esta. Adorno afirma que a racionalidade da arte é oposta à irracionalidade provocada pela racionalização da razão esclarecida, uma vez que é o instante de criação da unidade e da organização. No entanto, o autor destaca, no interior da obra de arte, tal racionalidade só pode existir diante da permanente tensão com a mimesis. Sobre a importância do poder dialético destas duas forças e de que maneira mimeses e racionalidade devem atuar sobre a arte, Adorno reafirma:

Que a arte não deve reduzir-se à polaridade indiscutível do mimético e do

* Importante frisar a influência dos escritos de Friedrich Wilhelm Nietzsche na filosofia de Adorno. É possível identificar algumas citações de Nietzsche na **Dialética do esclarecimento**. No entanto, alguns comentadores (como Gagnebin, Martin Jay, Tiburi e Rodrigo Duarte) além de estabelecerem ligações entre esses dois pensadores, escrevem sobre a influência da concepção de arte do ‘*Apolíneo e do Dionisíaco*’ influenciando a filosofia de Adorno na sua ‘*Dialética entre Mimesis e Racionalidade*’. A questão gira em torno da objetivação e da subjetivação e de sua dialética presentes na obra de arte; o Apolíneo e o Dionisíaco e a Mimesis e racionalidade como complementares. Constando esses personagens no livro *A Origem da Tragédia* o Apolíneo refere-se ao Deus das formas e regras, medidas, limites, da perfeição, da imagem. O *Dionisíaco* como seu oposto, refere-se aos hábitos humanos como o vinho, a embriaguez, do exagero, a fruição, da música, o irracional, metamorfose, do sexo, do devir.

** ‘*Méthexis*’ é uma palavra de origem grega e significa ‘participação’.

¹²³ ADORNO, Theodor. **Teoria estética**, p.139.

construtivo como uma fórmula invariante reconhece-se pelo fato de que, de outro modo, a obra de arte de qualidade deveria oscilar entre os dois princípios. Mas, na arte moderna, foi frutuoso o que se dirigiu para um dos extremos, não o que ficou no meio; quem se esforçasse por realizar a síntese entre os dois seria recompensado por um consenso suspeito. A dialética desses momentos assemelha-se a dialética lógica, em que é apenas num que o outro se realiza, não no meio¹²⁴.

Para Adorno, a dialética entre mimeses e racionalidade se configura no elemento principal da arte, porque ao mesmo tempo em que ancora esta instância ao mundo em que ela se encontra inserida, permite que este mesmo mundo seja objeto de sua reflexão e de sua crítica. Neste sentido, ele ressalta, não se pode elaborar uma síntese em um destes pólos ou na sua interseção. O autor destaca que a magia da arte se encontra precisamente em sua capacidade de transitar simultaneamente entre mimeses e racionalidade e aposta nesta magia dialética para, também, reconduzir a filosofia a um novo objetivo: uma formação cultural cuja primazia seja percorrer o espírito objetivo e o espírito subjetivo ao mesmo tempo. O autor, ao reafirmar que a manutenção desta tensão dialética entre mimeses e racionalidade é necessária – pois a arte só sobrevive como tal, porque não abandona o mundo administrado como objeto de sua crítica – mostra que a arte precisa da objetividade para sustentar a sua postura reflexiva.

Como visto nos capítulos anteriores, o Esclarecimento toma a razão totalizadora como único princípio e referência do saber humano, repudiando completamente o caráter dialético, imprescindível, na concepção de Adorno, para a composição do conhecimento. Na visão adorniana, o resultado obtido por este projeto foi o caos cultural e formativo da experiência e das interações humanas, uma vez que, com este repúdio do Esclarecimento, somente a racionalidade e o mundo objetivo tiveram moradia garantida na sociedade e nas relações interpessoais capitalistas.

[...] a arte enquanto elemento espiritual é compelida à mediação subjetiva na sua constituição objetiva. A parte subjetiva na obra de arte é em si mesma um fragmento da objetividade. Sem dúvida, o momento mimético inalienável na arte é, segundo a sua substância, um universal, que, no entanto, só é possível atingir através da idiosincrasia indissolúvel do sujeito individual. Se a arte é e si e no mais íntimo de si mesma um comportamento, então não deve isolar-se da expressão e esta não existe sem o sujeito¹²⁵.

Para o filósofo da teoria estética, a atividade artística como expressão depende do homem, pois reflete toda a sua práxis. A arte é a projeção humana de algo presente

¹²⁴ ADORNO, Theodor. **Teoria estética**, p.58.

¹²⁵ *Ibidem*, p.55-56.

na natureza, e esta atividade, ao reproduzir o real – mesmo sendo uma imitação, como afirmava a filosofia grega antiga –, mantém a sua bidimensionalidade, bem como a sua dependência entre o objetivo e o subjetivo. Desta forma, Adorno destaca, a arte, ainda que cópia imperfeita da realidade, representa a impossibilidade de um conhecimento unidimensional acerca desta, e, neste sentido, expõe a fragilidade de um aprendizado ou de um projeto baseado apenas por uma razão monádica que se constitui e se sustenta por si só.

Apesar de a teoria estética sugerir que a emancipação do homem provém não da imposição de uma logicidade exacerbada, mas, sim, das relações que podem surgir entre díspares: o objetivo e subjetivo (mímesis e racionalidade), existe, segundo Adorno, um momento que a arte permite que a consciência do homem absorva a experiência estética por meio de uma dimensão única, sem separações: é o instante do ‘*Novo**’. De acordo com o autor, diante do Novo – isto é, ante uma nova produção artística qualquer – o homem se lança ao vazio, ao indeterminado e, neste projetar-se, mímesis e racionalidade tornam-se um ato só. O Novo na arte causa um ‘abismamento’ na consciência humana, e esta, por sua vez, como não admite, em hipótese alguma, a ausência de sentido de qualquer objeto que se encontra diante de si; é a sensação de uma espécie de angústia diante do ‘inalcançável’ já que o homem precisa conhecer o objeto para dominá-lo imediatamente.

O caráter abstrato do Novo é necessário, conhece-se tão pouco como o temível mistério do poço de Poe. Mas, no caráter abstrato do Novo, enquista-se algo de decisivo ao conteúdo. [...] O estremeamento constitui uma reação ao hermetismo secreto, que é função deste momento de indeterminado. Mas, ao mesmo tempo, é o comportamento mimético que reage como mimese à abstração. Só no Novo é que a mimese se une irreversivelmente à racionalidade: a própria *ratio* torna-se mimética no calafrio do Novo, com um poder nunca atingido em Edgar Allan Poe [...]. O Novo é a mancha cega, vazio com o *isso*¹²⁶.

O Esclarecimento localizou também essa sensação de ‘angústia’ que o homem sofria diante da natureza e a interpretou como maléfica a possibilidade de lidar com o desconhecido. O entanto, para Adorno é primordial para a construção de experiências e para o próprio exercício reflexivo do homem. O Novo é a promessa de felicidade que a

* Quando Adorno se refere ao ‘*Novo*’ no livro *Teoria Estética*, se refere ao surgimento de uma obra nova no mundo (não necessariamente a um novo modelo, estilo, escola ou padrão de produção artística) e o impacto que essa causa diretamente na dialética da ‘mímesis e a racionalidade’ – é a chamada nova produção (qualquer). Adorno investiga qual o papel do ‘Novo’ na arte, e como a arte, o homem e a sociedade se comportam diante dela.

¹²⁶ ADORNO, Theodor. **Teoria estética**, p.32.

arte, por si só, não tem condições de realizar. O Novo representa, para a arte, o mesmo que o progresso representa para o mundo: é a continuidade, é o caminhar da História, pois o “Novo obedece à pressão do Antigo que precisa do Novo para se realizar. [...] O Antigo tem unicamente o seu refúgio na ponta do novo; nas rupturas, não na continuidade”¹²⁷. Adorno, em uma brilhante comparação, diz que *o Novo aparenta-se com a morte*¹²⁸.

A partir das conjecturas adornianas, é fabuloso pensar que arte e morte estão em um mesmo patamar em relação à inquietude e ao assombro que provocam. A falta de perspectivas e de explicações racionais que se tem com a experiência da morte e do Novo faz com que o homem busque, imediatamente, respostas, e, ato contínuo, lance sua âncora na esperança de estabilizar-se em um terreno protegido, longe da sensação de vazio e de vulnerabilidade. É neste instante – fundamental na visão de Adorno – que mimesis e racionalidade unem-se e cimentam este chão seguro. O Novo, segundo o filósofo, tem a capacidade de reunir mimesis e racionalidade, homem e sociedade.

Porém, segundo Adorno, fora do âmbito da arte, o Novo não pode causar nenhuma experiência de ‘desconforto’ à humanidade. Tal incapacidade se explica, porque o gradativamente domesticado homem do pós-Esclarecimento já foi induzido a acreditar somente no poder da ciência e das ideologias que o controlam. Hoje, assim como a noção de indústria cultural, o Novo também não provoca no sujeito esclarecido nenhum tipo de abismamento ou de tremor, pois não lhe é permitido, dentro dessa noção, nenhuma experiência estética, a não ser a da repetição e do consumo de moldes pré-fabricados. O Novo quando rendido ao controle da indústria cultural é sinônimo de repetição – o Novo, enquanto fabricado, precisa ser composto, em sua maioria, do que lhe precede.

A teoria estética de Adorno mostra a arte como proposta e resposta formativa humana, porque esta atividade traz para o indivíduo a novidade de se ver no mundo e de se reconstruir a partir dele. Mas essa reconstrução não é apenas do seu ‘eu subjetivo’, pois, ao ‘imitar’ o real, o homem tem também a possibilidade de vislumbrar o mundo sempre como Novo: com o Novo na arte, seus sentidos, sua percepção e até o uso da razão e do seu potencial crítico são direcionados concomitantemente para uma edificação inédita de si mesmo e da sociedade.

Enquanto no Esclarecimento a indústria cultural/artística, por meio de seus

¹²⁷ ADORNO, Theodor. **Teoria estética**, p.34.

¹²⁸ *Ibidem*, p.33.

produtos, impõe ao homem novos (velhos) hábitos e comportamentos voltados a ideologias, na filosofia adorniana, a arte carrega consigo a possibilidade de dissolução de todo esse sistema industrial ideológico e controlador, porque permite que o homem consiga lidar, de forma mais direta, significativa e consciente, com o conhecimento, sem se deixar iludir com verdades esclarecidas pré-fabricadas. O Novo, de acordo com Adorno, é a oportunidade de mudança e de reestruturação do mundo e da arte. O Novo na arte significa a possibilidade de o homem reencontrar com o subjetivo no mundo objetivo e, nesta direção, expõe a ferida e o fel do mundo administrado, dando ao sujeito condições de avaliar criticamente quaisquer imposturas políticas.

No capítulo dedicado a Adorno, que compõe seu livro sobre pensadores da Escola de Frankfurt, Bronner escreve sobre a situação atual da arte e a esperança nela acondicionada de recuperar a subjetividade do indivíduo:

Para ele (Adorno), a liberdade já não tinha fundamento; sua qualidade concreta e secular (*Diesseitigkeit*) está perdida, pois a ilusão estética, na qual se conserva o potencial reprimido da existência subjetiva, só pode existir fora da realidade, no “além” (*Jenseitigkeit*). [...] Só fora da reificação é possível dedicar-se a uma desfeticização da realidade. As obras de arte incorporam a subjetividade expulsa da história e, portanto, a qualidade de transcendência. São criadas, é claro, com base em elementos do real. Adorno pode, por isso, afirmar que a inovação artística é a contrapartida da expansão da reprodução do capital na sociedade. Trata-se da inversão emancipatória desse processo [...] A crítica aparentemente indeterminada da realidade, projetada pela ilusão estética, torna-se determinada precisamente por perceber que “o todo é falso. A racionalidade, o fetiche técnico, só está aberta a crítica vinda daquilo que ela nega. A negação, por isso, só pode tornar-se manifesta por meio da inversão da realidade. A ilusão é essa inversão”¹²⁹

Conforme mostra Bronner, para Adorno, a liberdade que o homem tem de pensar, escolher, tomar suas próprias decisões é algo inexistente no mundo administrado, inclusive porque a arte – a seu ver, categoria fundamental que garante essa possibilidade de liberdade do homem – não encontra seu lugar em uma sociedade culturalmente industrializada, dominada pela autoconservação e pela ideologia, e sequer pode reivindicá-lo, já que “tornou-se manifesto que tudo o que diz respeito à arte deixou de ser evidente, tanto em si mesma como na sua relação ao todo, e até mesmo o seu direito a existência”¹³⁰.

Da mesma maneira que, segundo Adorno, ‘não é mais possível escrever poesia depois de Auschwitz’, também para ele não é possível se falar em liberdade depois da

¹²⁹ BRONNER Stephen Eric. *A dialética imobilizada: uma indagação metodológica da filosofia de Theodor W. Adorno*. São Paulo: Papyrus, 1997, p.225.

¹³⁰ ADORNO, Theodor. **Teoria estética**, p.11.

criação mundo técnico. Não se fala mais sobre poesia ou liberdade, pois a humanidade foi privada da magia da ilusão. Apesar disso, Adorno pensa que, mesmo com sua existência quase que totalmente comprometida pela indústria cultural, a teoria estética é capaz de recuperar também o ‘momento perdido’ e o lugar da arte na sociedade. De acordo com seu juízo, a arte, por meio do seu poder de inversão e de negação, possui a capacidade de inverter o caos que o Esclarecimento instaurou. A ilusão é a projeção da verdade do subjetivo na objetividade – a ilusão é a negação do mundo real. Portanto a ilusão é a projeção do considerado verdadeiro pelo homem. O mundo como é concebido hoje é justamente caracterizado por ser composto de categorias, de sistematizações, em outras palavras, de afirmações. Para Adorno, falta ao mundo real a necessária tensão dialética para que assim possa ser confrontado e invertido.

Toda obra de arte genuína, segundo Adorno, “expõe alguma coisa que está faltando”. A arte torna a pessoa individuada consciente de uma subjetividade reprimida. Portanto, decorre de suas convicções modernistas que uma obra de arte genuína sempre produz um “tremor”.¹³¹

Adorno afirma que, na medida em que a arte reproduz algo que falta no mundo, ela é, ao mesmo tempo, imitação, negação e possibilidade de verdade e de perfeição. A arte serve como uma espécie de método – a ser usado também fora da experiência estética – para que o homem possa projetar e manifestar a sua negação, a sua recusa do mundo controlador em que vive em detrimento de uma natureza perfeita que ele desejaria que fosse a real.

Desta maneira, o que a arte verdadeiramente recupera, na visão adorniana, é o poder de transcendência do homem. As obras de arte incorporam toda a subjetividade abandonada pelo projeto do Esclarecimento, permitindo, ao mesmo tempo, que o indivíduo reconheça a posição em que se encontra na sociedade, e que se veja como peça importante da construção de sua própria história e da história da humanidade. Para Adorno, é indispensável que o indivíduo se reconheça como, ele próprio, elemento dessa dialética. Em sua teoria, o filósofo credita esta possibilidade de reconhecimento humano ao caráter de inversão da arte, pois sua proposta estética emancipatória não parte de um conteúdo oriundo somente do interior da atividade artística, mas tem como base o uso de elementos do real, externos a ela, que vivem em contínua tensão. O tremor da tensão dialética entre mimesis e racionalidade ressignifica a noção de

¹³¹ BRONNER Stephen Eric. *A dialética imobilizada: uma indagação metodológica da filosofia de Theodor W. Adorno*, p.229.

liberdade do homem – liberdade é também, para Adorno, a possibilidade de transcendência. Porém, hoje, segundo ele, no mundo capitalista estruturado pelo Esclarecimento, a arte não se encontra nesse patamar emancipatório. Ela perdeu toda a sua característica combativa e crítica para que, da mesma forma que aconteceu com os homens, se visse como integrada à sociedade corroída pela técnica e autoconservação. Sobre essa perda da tensão, desse ‘tremor’, escreve Adorno:

Quanto mais integradas as obras de arte, tanto mais nelas se desintegra o que as constitui. O seu próprio êxito é, nessa medida, decomposição e esta confere-lhes o caráter abissal e liberta ao mesmo tempo a força antagonista imanente à arte, a força centrífuga. O belo se realiza cada vez menos na forma particular, purificada; o belo desloca-se para a totalidade dinâmica da obra e prolonga, em semelhante emancipação crescente da particularidade, a formalização, mas estreita-se também com o difuso. [...] Exige a tensão e volta-se, por fim, contra o seu equilíbrio. A perda da tensão é a mais severa objetivação contra muita da arte contemporânea, por outras palavras, a indiferença na relação das partes com o todo.¹³²

Como dito no tópico anterior, a arte carrega consigo o poder da mimesis. ‘Poder’ significa conferir à arte, desde o pensamento de Platão e Aristóteles, a possibilidade de, do momento da sua criação até a leitura da obra, uma característica imanente e necessária: a de servir como cópia imperfeita do real. A arte auxilia a formação do indivíduo justamente dessa maneira: por meio da cópia, da imperfeição, da negatividade. Assim a arte é a possibilidade de vislumbre do outro.

Ao se deparar com a obra de arte, o homem precisa (re)produzir, em sua consciência, uma cópia do objeto, como uma reconstrução necessária para a sua compreensão. Conforme a idéia de Adorno, este ato é a produção de uma experiência e de uma aproximação com o objeto que foi negado ao sujeito depois do Esclarecimento. Por meio da arte, é possível recuperar o caráter reflexivo da razão, fugindo, portanto, do controle ideológico e da sistematização da natureza, pois a ação humana de criar uma obra ou de realizar a sua leitura se constitui na reconstrução do mundo que o cerca, a partir do seu referencial. Emancipar significa dar ao sujeito a possibilidade de projetar o real e estabelecer com ele uma experiência, por meio da tensão existente tanto na própria obra, quanto no mundo em que ela foi constituída. Adorno define o que é arte e a sua perspectiva formativa:

¹³² ADORNO, Theodor. **Teoria estética**, p.67-68.

Toda obra de arte aspira por si mesma à identidade consigo, que, na realidade empírica, se impõe à força a todos os objetos, enquanto identidade com o sujeito e, deste modo, se perde. A identidade estética deve defender o não-identico que à compulsão à identidade oprime na realidade. Só em virtude da separação da realidade empírica, que permite à arte modelar, segundo as suas necessidades, a relações do Todo às partes é que a obra de arte se torna Ser à segunda potência. As obras de arte são cópias do vivente empírico, na medida em que a este fornecem o que lhes é recusado no exterior e assim libertam daquilo para que as orienta a experiência externa coisificante ¹³³.

O que Adorno chamou de ‘compulsão à identidade’ pode também ser relacionada, no mundo administrado, com a questão do domínio esquizofrênico da natureza, na medida em que, neste mundo capitalista, o homem precisa se estabelecer diante do mundo e se impor à realidade que se mostra ameaçadora, assim como tudo que se encontra na humanidade esclarecida – e a arte não fugiu a regra – necessita ter sua própria etiqueta de identificação para que possa ser organizado em categorias incomunicáveis.

O domínio da natureza praticado pelo Esclarecimento tinha como princípio identificar todo o que existe em categorias para que assim o homem pudesse dominar o real com mais facilidade. Nada poderia escapar ao controle da razão. Com isso tudo o que existisse no mundo deveria ser catalogado para que o homem apenas se deparasse (relacionasse) com afirmações do real – tudo atende a um dado positivo e delimitado: afirmativo. Mas ele mostra que em uma obra de arte, inversamente, não é necessária uma fixação de identidade ou dela ser exigida uma posição estática e afirmativa. Ao contrário, a arte (e conseqüentemente a constituição do sujeito e do mundo) para Adorno, é baseada na negação.

No pensamento adorniano, o caráter da negação, ou da não-identidade potencializa a arte como conhecimento crítico da sociedade – a arte só existe a partir da sua negação do mundo e a negação de si mesma. A teoria estética neste sentido, arranca da obra de arte, do homem e de suas relações e de tudo que existe da natureza sua ‘etiqueta de identificação’, recuperando-lhes, assim, o potencial desses de realizar-se por meio de experiências; essas que haviam sido abandonadas pelo Esclarecimento. Fora dos ‘livros de catálogo’, não é possível colocar a arte em um único lugar, perdido, longe do controle das categorias sistemáticas, uma vez que, assim, sem rótulo, ela se encontra presente em todo lugar; bem como o homem que saí da sua posição de passividade.

¹³³ ADORNO, Theodor. **Teoria estética**, p.15.

A imagem da natureza sobrevive, porque a sua perfeita negação no artefato, a qual salva esta imagem, torna-se necessariamente cega quanto ao que estará pra lá da sociedade burguesa, do seu trabalho e das suas mercadorias. [...] Não cabe à arte decidir mediante à sua existência se o não-ente que aparece existe ainda como aparecendo ou perseverando na aparência. As obras de arte possuem a sua autoridade por obrigarem à reflexão, a partir de onde elas poderiam, enquanto figuras do ente e incapazes de convocar o não-ente para o existente, tornar-se a sua imagem predominante, ainda mesmo se o não-ente não existisse entre si. [...] A crítica da arte de Platão não é, pois, pertinente, porque a arte nega precisamente a realidade literal dos seus conteúdos materiais, que ele lhe enumera como mentiras ¹³⁴.

A arte, de acordo com sua característica mimética, por si só é uma negação, conforme mostra Adorno, já que se configura em uma imitação do mundo real; uma cópia da essência que reside no mundo das idéias. A arte representa a não-existência, o não-idêntico. A necessidade de garantir sua sobrevivência ideológica leva o sistema a criar no homem uma eterna dependência da afirmação, da identidade de tudo que se encontra na natureza, uma vez que, desta forma, o sujeito não necessita nem refletir sobre o meio em que vive e acostuma-se a compreender e apreender o mundo apenas sobre estas determinações. No entanto, Adorno destaca que a arte, enquanto negação da realidade, obriga o indivíduo a uma reflexão e a uma relação de experiência imediata que lhe oportuniza ver o mundo como construção e não como adaptação. A negação a seu ver, é reflexão; a arte é negação e reflexão na sua criação e na sua leitura. Na compreensão de Adorno, a vivência do não-idêntico na obra de arte mostra-se como positivo no mundo real, pois representa a construção de um mundo novo e da própria experiência subjetiva. Neste sentido, ele mostra, o não-idêntico surge sob o signo da ‘possibilidade’.

O conteúdo de verdade das obras de arte, enquanto negação da sua existência, é por elas mediatizado, embora nem sempre o comuniquem. [...] O conteúdo de verdade, porém, é apenas algo de negativo nas obras. [...] As obras de arte são negativas *a priori* em virtude da lei da sua objetivação: causam a morte do que objetivizam ao arrancá-lo à imediatidade da sua vida. A sua própria vida alimenta-se da morte. ¹³⁵

Toda negação é, portanto, uma possibilidade, mas é, também, ao mesmo tempo, uma construção estritamente subjetiva e esta concomitância desperta um problema na teoria estética de Adorno, uma vez que sua proposta foi elaborar um projeto formativo cultural com sua fundamentação voltada para a arte – diretamente influenciada pela dialética, que lhe é inerente, entre mimeses e racionalidade –, reformulando o atual

¹³⁴ ADORNO, Theodor. **Teoria estética**, p.101.

¹³⁵ *Ibidem*, p.154.

conceito filosófico de estética*. Este novo projeto formativo, na sua percepção, pelas reflexões aprofundadas e novos conceitos que trazia, poderia e deveria ser apresentado e aplicado como um bálsamo contra o poder da razão instrumental e o controle ideológico da sociedade pós-Esclarecimento, na medida em que, a arte, além de dar ao homem a capacidade de uma reconciliação com o seu subjetivo, lhe permite, também, criar o mundo a partir da auto-reflexão proporcionada pela tensão dialética entre razão e racionalidade. Para Adorno, seu projeto formativo pela arte transformaria o mundo em uma construção constante e totalmente subjetiva. Entretanto, seus opositores, utilizando-se especificamente desta possibilidade de transformação do real através da expressão artística, acusam que o projeto formativo adorniano corre o risco de cair no solipsismo**. Adorno sai em defesa da sua teoria estética contra esta possível ameaça:

A filosofia burguesa idealista, mesmo nas suas modificações mais sutis, não conseguiu, na teoria do conhecimento, derrubar o solipsismo. Para a consciência normal burguesa, a teoria do conhecimento não teve qualquer consequência. A arte surge-lhe como necessária e imediatamente intersubjetiva. Deve inverter-se esta relação da teoria do conhecimento e da arte. Aquela, através da auto-reflexão crítica, pode eliminar o fascínio solipsista, enquanto que o ponto de referência subjetivo da arte permanece realmente o que o solipsismo fingia simplesmente na realidade. A arte é a verdade filosófico-histórica do solipsismo falso em si. Nele não pode ser voluntariamente ultrapassado o estado que a Filosofia erradamente hipostasiou. A aparência estética é o que o solipsismo extra-esteticamente confunde com a verdade. Porque não atende à diferença central [...]. Contamina-a com correntes real ou supostamente solipsistas da Filosofia¹³⁷.

De certa forma, Adorno reconhece que a sua proposta emancipatória, assim como qualquer outra, principalmente em um mundo administrado, corre certos riscos, e o solipsismo é um deles, uma vez que a arte possui um caráter inteiramente intersubjetivo e, através desta intersubjetividade, permite ao homem ver o real apenas

* O conceito tradicional de estética foi introduzido por Alexander Baumgarten em 1750 e designa como ciência filosófica da arte e do belo; é a doutrina do conhecimento sensível. Adorno propõe, por meio de sua teoria, dentre outras ações, a reformulação do conceito de estética pois para ele “[...] *A identificação da arte com uma religião secularizada, ou como uma consagração da história, está ausente da perspectiva de Adorno. Este mantém como paradigma estético a experiência da incomunicabilidade [...]. a função utópica da arte não se realiza de modo positivo, ou seja, através da prefiguração de mundos possíveis, mas de modo negativo, ou seja, através da ilustração da insuportabilidade deste mundo, que é o único; recusando-se a qualquer concessão hedonística e a qualquer amabilidade, a arte moderna não se apresenta assim nem como antecipação nem como consolação, mas como recusa absoluta de pactuar com um mundo histórico inaceitável e substancialmente irredimível*” Fonte: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, p.426-433.

** *Solipsismo* = Tese de que só eu existo e de que todos os outros entes (homens e coisas) são apenas idéias minhas (conteúdos da minha mente); “*os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo*” (citação referência ao livro de Ludwig Wittgenstein “*Tractatus Logico-Philosophicus*”). Fonte: Idem, ibidem, p.1086.

¹³⁷ ADORNO, Theodor. **Teoria estética**, p.56-57.

como algo produzido exclusivamente pela sua mente. Ciente deste risco e buscando evitá-lo, para que o sujeito possa lidar apenas com a verdade, com o mundo e com o outro, Adorno propõe que a saída está no simples fato de o raio de ação da arte ser bidimensional.

O ponto de vista da modernidade radical seria do solipsismo, de uma mônada que se fecharia obstinadamente à intersubjetividade. [...] No entanto, o próprio solipsismo, como teria demonstrado a crítica materialista e, antes dela, a grande filosofia, seria quimérico, a cegueira da imediatidade do parasí, que desejaria ideologicamente fazer calar as próprias mediações. É verdade que, ao penetrar na mediação social universal, a teoria abandona naturalmente o solipsismo. Mas a arte, a mimese compelida à consciência de si mesma, está ??porém? ligada à emoção, à imediatidade da experiência; de outro modo, não se poderia distinguir da ciência; [...] Porque a individuação, com a dor que ela implica, surge como lei social é que a sociedade só individualmente se pode experimentar¹³⁸.

Segundo Adorno, a arte resguarda, por meio da tensão entre mimesis e racionalidade, um conteúdo objetivo que envia o indivíduo imediatamente ao mundo real. A auto-reflexão do homem evita que o caráter solipsista destrua os planos da teoria estética. A arte só se realiza, justamente, porque se encontra lançada no meio do violento e ininterrupto debate entre mimesis e racionalidade, o que faz com que o indivíduo não se remeta apenas aos conteúdos produzidos por ele mesmo.

A substrução de um sujeito coletivo imediato seria obtida subrepticamente e condenaria a obra de arte à inverdade, porque lhe retira a única possibilidade de experiência, que hoje está aberta. Se a arte orienta corretivamente, por um exame teórico, para a sua própria mediatidade e procura escapar ao caráter monádico percebido como aparência social, a verdade teórica permanece-lhe estranha e torna-se falsidade: a obra de arte sacrifica heteronomamente a sua determinação imanente¹³⁹.

Tanto a arte, quanto a postura auto-reflexiva do homem propostas pela teoria estética só se realizam no mundo objetivo, ou seja, o subjetivo sugerido pela arte e pelo projeto emancipatório adorniano só é possível, e só funciona, se inserido no mundo da objetividade, na natureza, mesmo que esta esteja corrompida. Apenas a apropriação objetiva do real, como visto nos capítulos anteriores, conduziu a humanidade a alienação; a própria obra de arte é constituída por meio da sua relação com a práxis social. Mas, segundo Adorno, a arte não produz nada de válido a partir de si mesmo – o que esclarece que o solipsismo não encontraria terreno em uma forma de conhecimento

¹³⁸ ADORNO, Theodor. **Teoria estética**, p.289-290.

¹³⁹ *Ibidem*, p.290.

que tem suas respostas e seus objetivos determinados pela luta constante de pólos contrários que se completam – a mimesis precisa do caos da racionalidade.

Na visão adorniana, sua teoria estética é uma nova perspectiva de conhecimento pela arte que para acontecer necessita estar integrada, continuamente, ao que pretende se opor: a razão oriunda de um mundo técnico. A emancipação está na palavra reconciliação. Como dito no início deste tópico, esta palavra tem uma importância muito grande não só na teoria estética, mas em todo o pensamento adorniano. A liberdade do homem, a tão almejada emancipação dos projetos formativos anteriores fracassaram justamente pelo fato de que foram imposições de novas determinações, hipóteses e conceitos que conduziram a humanidade a uma era de harmonia. O que Adorno percebeu é que não existe harmonia ou emancipação na imposição de determinações ao homem.

A partir desta percepção, o filósofo tentou, por meio da sua teoria estética, reconduzir a humanidade ao instante de relação harmônica com a natureza, trazendo à tona, novamente, seu direito à negação, à projeção, à experimentação, à transcendência, ao erro. Em sua opinião, o equívoco do projeto do Esclarecimento foi achar que libertando o homem da dúvida e tornando-o senhor frente à natureza obteria a tão propalada e sonhada liberdade. A emancipação proposta pelo Esclarecimento seria baseada no distanciamento do homem com relação à natureza e não perceberam que a verdadeira liberdade estava justamente enquanto amalgamados um ao outro, pois justamente aí havia uma relação – o homem só se realiza junto ao real.

Sob a influência do Esclarecimento, invés da ilusão à ‘verdade’, da negação à afirmação, da dúvida à certeza, da hipótese o conceito, da transcendência à fixação, da experiência à sistematização, do subjetivo o objetivo, da metafísica à física... Adorno, no entanto, não propõe uma nova saída para o homem com base em novos conceitos, novas imposições em forma de conceitos e doutrinas. Ele devolve ao homem a capacidade da ilusão; de experimentar a miragem da obra de arte para construir o mundo, a si mesmo e a sua emancipação. Não se pode trazer a liberdade, livrando-se do que já foi construído e, sim, aprendendo e se relacionando com o que existe. É justamente nesse ponto que a teoria estética demonstra a sua força e se justifica como um projeto emancipatório genuíno: ela reconcilia o homem ao prazer de resignificar-se por meio da relação com o meio.

A teoria estética não pretende acabar com as ideologias e com o sistema alucinatório e dominador. Ela anseia dar ao homem, por meio da auto-reflexão, a chance

de descortinar o que há por trás dessas imposturas. A proposta não é acabar com os produtos da indústria cultural e, sim, devolver ao sujeito a dignidade de poder optar e reconhecer o que é melhor para si. É mostrar para o homem que a história não pode ser somente contada e determinada pelo ‘outro’ e, sim, decidida e vivida por ele mesmo. É também deixar claro que não significa nada viver em um mundo supostamente perfeito baseado em afirmações e, sim, alimentá-lo com ilusões e negações.

Já que o conteúdo da arte por si só nada significa, Adorno declara que, para o homem, toda a objetividade da razão só se constitui em algo valioso se construído e partilhado a partir da práxis humana. Neste sentido, a própria filosofia precisa se redefinir: não se deve, segundo Adorno, debruçar-se somente sobre a composição do objeto, mas também sobre a capacidade metafísica do sujeito. Toda experiência filosófica deve também redefinir-se a partir de uma dialética de síntese negativa, pois só assim terá condições de manter-se alerta e assegurar uma postura crítica diante do conhecimento. Para Adorno, não é a produção artística que levará o homem à emancipação, mas, sim, o que de mais precioso carrega consigo: seu poder de transcendência. A arte é ‘possibilidade’.

O motivo de a arte servir como fundamentação ou método para Adorno construir o seu projeto formativo deve-se ao seu juízo de que toda experiência fundada por intermédio da expressão artística leva o sujeito a constituir morada simultaneamente nas dimensões do objetivo e do subjetivo (mímesis e racionalidade) – ao invés de em uma apenas, como propunha o Esclarecimento. Para este autor, todas as relações possíveis de serem estabelecidas pelo homem, inclusive com o conhecimento, deveriam permanecer no campo da subjetividade, mas sempre passando pela acareação com, agora, uma consciência reflexiva e atuante.

Diante de tantas idéias reflexivas e contundentes construídas por Adorno, muitas delas expostas e aprofundadas neste trabalho, é possível afirmar que a teoria estética não foi elaborada e defendida de forma tão veemente por este ilustre filósofo apenas com o intuito de corrigir erros de projetos passados de emancipação do homem e todas as suas conseqüências regressivas, tampouco apenas para reconciliá-lo com a natureza, ou reestruturar a arte, a cultura e a razão. Provavelmente devido a sua influência religiosa – o judaísmo no que diz respeito a experiência da redenção – a pretensão de Adorno não seria só de recondução, reestruturação e reconciliação da humanidade e do mundo, mas, principalmente, a condução do homem ao socialmente justo.

5 CONCLUSÃO

Constelações.

É com essa palavra que o Seligmann-Silva caracteriza o pensamento e a obra de Adorno¹⁴⁰, relacionando a sua grandiosidade sideral à enorme e substancial variedade de temas que sempre se encontram presentes em sua filosofia. A obra a *Teoria Estética* talvez seja a obra de Adorno que melhor representa esta metáfora, na medida em que, ao mesmo tempo em que traz reflexões que comunicam entre si diferentes noções – como arte, cultura, política, educação, religião, autoconservação, Esclarecimento, razão instrumental, indústria cultural – oportuniza também a conexão da Filosofia com várias outras áreas do conhecimento, como Pedagogia, Sociologia, Psicologia, Ciências Políticas, História, Artes etc.

De fato, uma leitura da *Teoria Estética*, se realizada de forma aprofundada e criteriosa, realmente permite ao leitor observar que cada um dos temas tratados nesta constelação adorniana só tem sentido se relacionados entre si, isto é, se forem inseridos em um mesmo espaço coletivo de discussão. Decerto que esta inter-relação entre tantas temáticas – característica principalmente desta obra, mas também observada em outras produções adornianas – é uma dimensão imprescindível para a Filosofia, uma vez que evidencia a sua verdadeira função de investigação radical e crítica do conhecimento humano. No entanto, foi exatamente esta profusão interativa de temas estelares dos quais Adorno se apropriou que se tornou o principal problema para a elaboração desta dissertação, na medida em que exigiu uma vigilância contínua ao longo do trabalho, no intuito de não se deixar emaranhar, enganar, perder – ou até mesmo seduzir – pela interdisciplinaridade que o projeto da teoria estética adorniana sugere.

O próprio tradutor deste livro para o português, Artur Morão, chama atenção para possíveis dificuldades e outros para quem se interessar pela leitura da *Teoria Estética*:

Esse caráter fragmentário e inacabado explica a textura do livro, a sua escassa organização e a sua incidência, por vezes, repetitiva [...] Englobou parágrafos soltos, esboços de introdução, pequenos desenvolvimentos, que Adorno não chegou a inserir no corpo principal do texto, aliás também inacabado no seu todo. A tal se deve, de fato, a ausência nela de capítulos e de outras divisões

¹⁴⁰ SILVA, Marcio Seligmann. **Adorno**. São Paulo: Publifolha, 2003. (Coleção Folha Explica)

habituais numa obra escrita – o que transforma a Teoria Estética num imenso e compacto bloco, quase inacessível a leitores sem paciência.¹⁴¹

Neste sentido, de forma muito resignada, empreendeu-se um esforço muito grande para calcular, cuidadosamente, cada etapa da elaboração deste trabalho: em um primeiro momento, definiu-se, entre tantas possibilidades que oferece o pensamento de Adorno, sua finalidade precípua. Depois se configurou a metodologia e, por fim, realizou-se a sua execução, isto é, a escrita propriamente dita.

Assim, da constelação de noções abordadas por Adorno na *Teoria Estética* foi extraída a idéia da arte como fundamento para a reconstrução do espírito subjetivo do homem e tal idéia transformou-se no principal objetivo desta dissertação. Neste momento de definição da finalidade básica da pesquisa, foi importante a percepção adorniana de emancipação humana – a qual foi adotada neste trabalho – que se associa à libertação do sujeito não em relação aos fenômenos naturais, mas às imposições ideológicas que o cercam na sociedade contemporânea.

Depois de exaustivas, mas sempre insuficientes leituras, parece que o modelo hegeliano da dialética adotado para executar a pesquisa dos textos e a organização dos capítulos dessa dissertação foi realmente a melhor escolha para alcançar uma maior aproximação com a filosofia proposta por Adorno. Pode-se dizer que, embora não tenha proporcionado maiores facilidades no processo de leitura e interpretação dos escritos adornianos, realizar tal processo a partir da idéia de tese, antítese e síntese serviu tanto para ancorar toda a fundamentação teórica das constelações de Adorno, quanto como guia de estruturação dos capítulos desse trabalho.

Uma vez que, para Adorno, a liberdade está no poder de reconciliação da arte, isto é, na busca do homem por um momento de interação harmoniosa com a natureza que foi perdido tempos atrás, é fundamental destacar aqui que o filósofo, para explicar e defender seus ideais de emancipação, escreveu sua teoria estética consciente de que, assim como a arte – que não existe se não estiver inserida no mesmo mundo objetivo ao qual se opõe – esta teoria que ele propôs também precisou ser elaborada como oposição a outros projetos emancipatórios predecessores.

Neste sentido, Adorno fixou seu plano de emancipação da humanidade em outro projeto que considerou sempre presente na história da humanidade: a formação cultural. A partir disto, recorreu a algumas propostas formativas que marcaram a História, como

¹⁴¹ ADORNO, Theodor. **Teoria estética**, p. 9.

o Esclarecimento – segundo Adorno, a raiz de todos os problemas sócio-políticos e ideológicos da modernidade – e a semiformação, mostrando seus respectivos conceitos, aplicações e, principalmente, seus equívocos na tentativa de libertar o homem de qualquer ‘aprisionamento’.

Buscando assegurar o bom desenvolvimento da pesquisa, decidiu-se percorrer o mesmo caminho de Adorno. Desta forma, com o foco sempre mantido na noção de formação cultural, procurou-se localizar em outras obras deste filósofo, além de na *Teoria Estética*, principalmente no livro *Dialética do Esclarecimento*, escrito em conjunto com Horkheimer – suas idéias e análises acerca destes outros planos de libertação do homem. Recorrer a essas reflexões adornianas foi mais um obstáculo a ser superado, porque, diante de tantas informações e juízos sobre tais planos, fez-se urgente uma atenção redobrada, mais uma vez no sentido de manter-se fiel aos objetivos dessa pesquisa, pois era preciso tentar encontrar e extrair de cada texto e de cada conceito discutido por Adorno (ou por seus comentadores) o que diretamente interessava aos propósitos deste trabalho: a característica (semi)formativa destes projetos emancipatórios que precederam a teoria estética.

Mas apesar das inúmeras dificuldades que permearam este trabalho, já citadas aqui, foi praticamente impossível não se deixar encantar pelos juízos adornianos. Notou-se que a atualidade das suas obras, sua postura crítica e idéias provocativas têm o poder de despertar a capacidade reflexiva daqueles que se disponibilizam a debruçar-se sobre suas linhas, sendo quase impraticável resistir a um mergulho no seu pensamento.

Aliás, é importante ressaltar que estas provocações adornianas, muito constantes principalmente na *Teoria Estética* – a qual o próprio autor se referiu como solução para o insucesso do filosofar tradicional – foram fundamentais para dar um novo panorama à filosofia contemporânea. Suas reflexões acerca da sociedade arquitetada pelo Esclarecimento o levaram a perceber que, neste mundo administrado, não haveria mais lugar para ideologias ou teorias filosóficas ou políticas baseadas em rupturas ou imposições, ou seja, o filosofar tradicional como doutrinas ou sistemas filosóficos só levariam qualquer projeto emancipatório ao fracasso.

Com o seu pensamento crítico e investigativo e sua forma peculiar de tratar os diferentes temas, o filosofar adorniano busca sempre subverter, inverter ou até mesmo converter qualquer noção submetida a sua análise, na tentativa de extrair o melhor de cada conceito para usá-lo no processo de formação do indivíduo, visando a sua emancipação.

Como exemplo neste sentido, pode-se afirmar que se torna tarefa muito difícil para qualquer leitor de Adorno enxergar a arte de uma maneira diferente daquela proposta na sua teoria estética. A partir da sua análise, a arte perde completamente o caráter de entretenimento assumido com o Esclarecimento e passa a ser o fundamento principal para a reconciliação do homem com a natureza, além de elemento de transição ou transcendência ao mundo subjetivo e objetivo.

Adorno resgata o poder da arte como cultura formativa, mas, no entanto, ressalta que este empreendimento em busca da liberdade humana não poderia ser assumido tão somente por esta instância, assim como não teria sucesso se fosse colocado como responsabilidade exclusiva da filosofia, ou da educação ou da cultura, como pôde ser observado nos projetos anteriores que tentaram formar objetivamente um ser de características inteiramente subjetivas.

Para o filósofo, a liberdade do homem seria alcançada a partir da ação conjunta de todas estas instâncias. Daí a importância da arte para esse novo ‘exercício filosófico’ – a filosofia por meio da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt precisaria aprender a lidar com uma nova perspectiva formativa ligada às pulsões humanas que deveria ter como meta libertar um indivíduo que sofre, na contemporaneidade, com uma equação composta por uma consciência alienada, um mundo reificado e uma vida danificada.

Talvez por influência tanto do marxismo impresso na Teoria Crítica como também do judaísmo – principalmente sua noção de redenção –, Adorno tenha procurado, em seus escritos, principalmente na *Teoria Estética*, denunciar as conseqüências desastrosas provocadas por uma razão totalizante, a exemplo da chamada vida administrada em um mundo cuja verdade não passa de uma noção cuidadosamente calculada e fabricada. Sua dedicação à recuperação da filosofia, da experiência estética, do homem, da sociedade e da noção da verdade resume a sua teoria.

Para Adorno, a obra de arte serve como alicerce para a construção da liberdade humana, pois oportuniza ao sujeito estabelecer uma visão crítica do real a partir da categoria da totalidade. A qualidade de ilusão da expressão artística combate a natureza reificada, fazendo com que seu elemento de negação se sobreponha às demais determinações de liberdade do homem, o que leva a crer que sua força não se encontra no impacto que produz, mas no seu potencial de verdade, sempre oculto. Por isso, de acordo com a filosofia adorniana, o resultado de toda obra de arte é essencialmente suscitar a transcendência, ou seja, apelar ao indivíduo que venha se estabelecer fora do ‘momento’ em que se encontra e transfira-se para outra possibilidade.

De acordo com Adorno, enquanto a ilusão da obra de arte leva a autoconsciência, a ilusão criada pela razão técnica origina-se de uma promessa de salvação de todo prejuízo causado por ela mesma. Ele destaca, de forma veemente, que o conteúdo das obras de arte é diferenciado, por não oferecer ao homem – como faz o Esclarecimento com sua razão instrumental – uma teoria que seja impositiva e distante de sua realidade subjetiva, e, sim, por lhe permitir a auto-reflexão, podendo assim distinguir e escolher entre o que é autêntico e o que é embuste na sociedade administrada.

Observou-se que a teoria estética de Adorno questiona e se opõe, de certo modo, ao conceito de emancipação trazido pelo Esclarecimento, considerando que a liberdade não se dá pela ruptura, pelo afastamento e, sim, pela reconciliação. Neste sentido, torna-se possível identificar nesta teoria alguma ligação entre a razão técnica e a arte, uma vez que a teoria estética propõe a reconstrução do espírito subjetivo do homem por meio da crítica a se estabelecer ao mundo objetivo. Na visão adorniana, somente o mundo administrado evoca o verdadeiro sentido da obra de arte, porque a atividade artística reflete a expressão/apreciação do homem sobre este mundo.

Sendo assim, pode-se afirmar que a dialética, portanto, não é um método a ser aplicado à obra de arte propriamente dita, mas ao que é exterior a ela. A dialética é algo imanente à arte, pois a expressão artística mantém em si uma vida própria oriunda da tensão constante entre mimesis e racionalidade: ao mesmo e em um só tempo, a arte confronta e depende do mundo que se encontra ao seu redor. Com essa complexidade interna, a arte suscita alguns procedimentos para que, como em um ritual de magia, se evoque o seu conteúdo de verdade – interpretação, crítica, avaliação etc. Para Adorno, estes procedimentos representam o fundamental papel da atividade artística, porque tanto servem para estimular o exercício de auto-reflexão do homem, como também para reconduzir toda a dinâmica da obra. Ou seja, quando uma obra de arte é analisada pelo indivíduo, este ato contemplativo preenche a arte no que lhe faz falta. Desta forma, a arte promove a experiência sobre o real, ao mesmo tempo em que possibilita tanto a construção constante do mundo, quanto à reconstrução dela mesma.

Dentro da magnitude e da densidade do pensamento de Adorno, foram várias as noções que surgiram ao longo destes três capítulos, todas elas contempladas em um único tema para que essa dissertação se tornasse uma realidade. Se forem realmente constelações, como sugere Seligmann-Silva, pode-se dizer que a tentativa desse trabalho foi à captura de uma única das incontáveis estrelas dentro da imensidão do firmamento

adorniano. Convém lembrar, no entanto, que, a título de conclusão, por certo a teoria estética como projeto formativo requer maior atenção e uma pesquisa muito mais aprofundada. Da mesma forma, na medida em que os livros e a própria filosofia de Adorno sempre se abrem para discussões interdisciplinares, por se encontrarem definitivamente entrelaçados a questões religiosas, políticas, culturais, econômicas, sociais, é importante ressaltar que o modesto e delimitado objetivo desta dissertação ainda requer, por certo, um desenvolvimento ulterior dentro de, talvez, uma nova proposta de pesquisa a ser tratada posteriormente.

REFERÊNCIAS

PRIMÁRIA

[1, 2, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 34, 35, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 60, 91, 93, 97, 107, 108, 110, 111, 112]
 ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. (trad. Guido Antônio de Almeida), Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

[4, 5, 68, 75, 76, 99, 101,]

ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Educação e emancipação**. (trad. Wolfgang Leo Maar), 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

[30, 32, 33, 51, 58, 61, 62, 63, 64, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 79, 81, 82, 88, 89, 92, 95, 117, 118]

ADORNO, Theodor Wiesengrund. *Teoria da semicultura*. In: RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton (org. e trad.). **Theodor Adorno**: quatro textos clássicos. São Carlos: UFSCar, 1992.

[36, 37, 39, 47, 66, 90]

ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Mínima moralia**: reflexões a partir de uma vida danificada. (trad. Luiz Eduardo Bicca, Revisão Guido Antônio de Almeida), 2. ed. São Paulo: Ática, 1993. (Série Temas, 30).

[94, 103, 113, 114, 115, 116, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141]

ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Teoria estética**. (trad. Artur Morão), Lisboa: Edições 70, 1993.

[77, 84]

ADORNO, Theodor Wiesengrund. *A indústria cultural*. In: CONH, Gabriel (org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1986.

[50]

ADORNO, Theodor Wiesengrund. *Theorie der Halbbildung*. In: _____. **Gesammelte Schriften**. Herausgegeben von Rolf Tiedemann, v.8, Vierte Auflage 1966, Frankfurt, Suhrkamp Verlag, am Main 1972 (Soziologische Schriften I), p. 93-121. [Sobre o original]

SECUNDÁRIA

[3]

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

[129, 131]

BRONNER Stephen Eric. **A dialética imobilizada: uma indagação metodológica da filosofia de Theodor W. Adorno.** São Paulo: Papyrus, 1997.

[53, 54]

DUARTE, Rodrigo, **Adornos: Nove Ensaios sobre o Filósofo Frankfurtiano,** Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1997.

[83, 85, 86]

DUARTE, Rodrigo. **Teoria Crítica da Indústria Cultural,** Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003

[96]

FINKIELKRAUT, Alain. **A derrota do pensamento.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

[102, 109]

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer.** São Paulo: Ed. 34, 2006.

[104]

GAGNEBIN, J. M. *O conceito de Mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin.* **Revista Perspectivas,** São Paulo, v.16, p.70, 1993.

[59, 65, 71, 78, 80, 100]

JAY, Martin. **As idéias de Adorno.** São Paulo: Cultrix, 1988.

[52, 57, 119]

MAAR, Wolfgang Leo, *À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa.* In.: ADORNO, Theodor W . **Educação e emancipação.** 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

[87]

MAAR, Wolfgang Leo. “*Educação Crítica, Formação Cultural e Emancipação Política na Escola de Frankfurt*”, In: PUCCI, Bruno, (org.), **Teoria crítica e educação. A questão da formação cultural na Escola de Frankfurt,** Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: EDUFISCAR, 2003.

[46]

MATOS, Olgaria C.F. **A escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo.** 3. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

[55, 98, 106]

PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio Álvaro; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico.** Petrópolis: Vozes, 1999.

[140]

SILVA, Marcio Seligmann. **Adorno.** São Paulo: Publifolha, 2003. (Coleção Folha Explica)

[105]

TIBURI, Márcia. *Crítica da razão e Mimesis no pensamento de Theodor W. Adorno.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.